



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**  
Rua Barão de Geremoabo, nº 147 – CEP 40170-290 – Campus Universitário Ondina – Salvador-BA.  
Tel./Fax: (71) 3283-6256 – Site:<http://www.ppglinc.lettras.ufba.br/>  
E-mail: [pgletba@gmail.com](mailto:pgletba@gmail.com)

**KAREM EVELYN NOGUEIRA BACELLAR**

**AS FORMAÇÕES EM –DOR: UMA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA**

SALVADOR  
2019

KAREM EVELYN NOGUEIRA BACELLAR

**AS FORMAÇÕES EM –DOR: UMA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva

**Coorientador:** Prof. Dr. João Paulo Lazzarini Cyrino

SALVADOR  
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

NOGUEIRA BACELLAR, KAREM EVELYN

AS FORMAÇÕES EM ?DOR: UMA ANÁLISE SINTÁTICO-  
SEMÂNTICA / KAREM EVELYN NOGUEIRA BACELLAR. --  
Salvador, 2019.

96 f.

Orientador: MARIA CRISTINA VIEIRA DE FIGUEIREDO  
SILVA.

Coorientador: JOÃO PAULO LAZZARINI CYRINO .  
Dissertação (Mestrado - MESTRADO EM LÍNGUA E  
CULTURA) -- Universidade Federal da Bahia, PÓS-  
GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA, 2019.

1. MORFOLOGIA. 2. SUFIXO -DOR. 3. MORFOLOGIA  
DISTRIBUÍDA. 4. FORMAÇÃO DE PALAVRAS. I. VIEIRA DE  
FIGUEIREDO SILVA, MARIA CRISTINA. II. LAZZARINI  
CYRINO , JOÃO PAULO. III. Título.

KAREM EVELYN NOGUEIRA BACELLAR

**AS FORMAÇÕES EM –DOR: UMA ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

---

**Professora Doutora Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva – UFBA (Orientadora)**

---

**Professora Doutora Antônia Vieira dos Santos - UFBA**

---

**Professora Doutora Ana Paula Scher - USP**

Salvador, 31 de julho de 2019

## AGRADECIMENTOS

À CAPES, que fomenta todos os cursos de Pós-Graduação das universidades federais do país.

À Universidade Federal da Bahia, importante espaço de debate e produção de conhecimento.

Ao PPGLinC, por toda estrutura e suporte dado ao pesquisador.

A todos os professores e funcionários do ILUFBA, pelo acolhimento e auxílio nessa caminhada.

À minha família e aos meus amigos, pois nem todos os ensinamentos vêm dos livros.

Às minhas colegas de pesquisa Carla Elisa e Raisa Santos, por todo apoio, companheirismo, debates e palpites.

A Daniela Alves, por realizar a revisão cuidadosa do meu trabalho e por, sempre que necessário, emprestar sua serenidade e sabedoria.

À minha querida orientadora, Cristina Figueiredo, pela imensa disponibilidade, generosidade, confiança e amizade.

Ao meu coorientador, João Paulo Cyrino, pela apoio e discussões inspiradoras.

Aos professores que aceitaram fazer parte de minha banca, dedicando seu tempo à leitura crítica e avaliação deste trabalho.

## RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo investigar as formações com o sufixo *-dor* do português, considerando os pressupostos gerais da Teoria da Gramática. Na literatura, o sufixo *-dor* é, em geral, caracterizado por derivar palavras de verbo com valor agentivo habitual, derivando ora substantivos, ora adjetivos, com esses valores (OLIVEIRA,2009). No entanto, partindo da análise do *corpus* desta pesquisa, observamos que essas formações apresentam maior diversidade e, por isso, maior complexidade do que aquelas apontadas na literatura. Além de formações habituais, foram encontradas formações cuja leitura do aspecto do evento verbal é contínua, progressiva e não progressiva, bem como formações com leitura de evento perfectivo. Com o intuito de apontar para uma possível via explicativa que dê conta dessa complexidade, apresentamos uma proposta de análise para essas formações, partindo dos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993, 1994; MARANTZ, 1997; SIDIQI, 2009), e sugerimos que o sufixo possa ser interpretado como um elemento proforma, inserido em contextos não verbais. Nossa hipótese central é que as diferentes leituras são resultado das diversas possibilidades de configuração da estrutura sintática subjacente a cada formação. Para compreender como funciona esse processo, realizamos uma descrição detalhada das ocorrências encontradas dos dados da língua, considerando os possíveis fatores que possam interferir nas diferentes leituras que as formações em *-dor* apresentam no português, como interferência das propriedades do verbo base junto à configuração das projeções que podem estar presentes na estrutura dessas formações.

**Palavras-chave:** Formação de Palavras. Sufixo *-dor*. Leituras Eventivas. Morfologia Distribuída.

## ABSTRACT

The present work investigates the words with the suffix -dor in Portuguese considering the assumptions in the Generative Grammar Theory. The suffix -dor is mostly characterized by its habitual agentive features, deriving words from verbs that carry those values (Oliveira, 2009). However, opposing what the linguistic literature says, our data has shown that those words present much more complexity. We found words with continuous reading, progressive and non-progressive, and words with perfective reading. Aiming a possible explanation, which can cover the range of the possibilities, we assume that -dor can be interpreted as a pro-form element, which is inserted in nonverbal contexts. This work is based on the assumptions of Distributed Morphology, and its main hypothesis consists in assuming that the variety of readings are due to the many possible configurations within the syntactic structure underlying those deverbal words. To understand how the word-formation with the suffix -dor works, we brought about a detailed description of the occurrences considering the elements which can interfere in the readings, such as the properties of the verb and the configuration of the layers that can be present in the structure of those words.

**Keywords:** Word Formation. Suffix-*dor*; Eventive Readings; Distributed Morphology.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS E O SUFIXO –DOR.....</b>	<b>13</b>
2.1 NOMINALIZAÇÕES NO PROGRAMA GERATIVISTA .....	13
2.2 FORMAÇÃO DE PALAVRAS .....	19
2.3 FORMAÇÕES COM O SUFIXO -DOR.....	26
<b>3 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>37</b>
3.1 SOBRE A GRADE ARGUMENTAL E TEMÁTICA .....	37
<b>3.1.1 Aspecto Lexical .....</b>	<b>50</b>
3.2 LEITURAS.....	57
<b>3.2.1 Leitura Episódica.....</b>	<b>59</b>
3.2.1.1 <i>O Aspecto Gramatical.....</i>	<i>60</i>
3.2.1.2 <i>A imperfectividade em -dor.....</i>	<i>65</i>
3.2.1.3 <i>A perfectividade nas formações em -dor.....</i>	<i>68</i>
3.2.1.4 <i>Conclusão desta subseção.....</i>	<i>71</i>
<b>3.2.2 Leitura Disposicional.....</b>	<b>71</b>
3.2.2.1 <i>Conclusão desta subseção.....</i>	<i>76</i>
<b>3.2.3 Síntese do capítulo .....</b>	<b>75</b>
<b>4 MODELO TEÓRICO E PROPOSTA DE ANÁLISE PARA AS FORMAÇÕES SUFIXADAS EM –DOR.....</b>	<b>77</b>
4.1 A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA .....	77
4.2 PROPRIEDADES DAS FORMAÇÕES EM –DOR .....	80
4.3 PROPOSTA DE ESTRUTURAÇÃO DAS PALAVRAS EM –DOR.....	82
<b>4.3.1 Estruturação das formações em –dor .....</b>	<b>84</b>
4.3.1.1 <i>Formações Episódicas.....</i>	<i>86</i>
4.3.1.2 <i>Formações Disposicionais.....</i>	<i>89</i>
4.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	89
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>92</b>

## 1 INTRODUÇÃO

É interessante observar como as línguas, com seus percursos e sistemas particulares, manifestam características comuns que revelam um *modus operandi* universal. Nas palavras de Chomsky (2000, p.121), “é ponto pacífico para todos, sem estrutura inata, não há efeito do ambiente externo no processo de incrementação da língua”. Desse modo, pensar no funcionamento da língua implica, também, refletir sobre princípios gerais de estruturação que justifique e seja compatível com dados na diversidade lingüística encontrada nas línguas naturais.

No que tange aos dados lingüísticos, fica explícito haver um ciclo de permanência e mudança que envolve seus elementos constituintes, em diversos domínios. Também, pensando no conjunto de palavras de uma língua particular, observamos que elas apresentam características que evidenciam o caráter dinâmico da linguagem e que o aspecto criativo está presente também na produção de palavras, inspirando investigações interessantes.

Como aponta Basílio (1987), o processo de formação de palavras, aparentemente simple e transparentes, esconde mistérios resistentes à explicação. Considerando, por exemplo, as formações com o sufixo *-dor* do português (*conhecedor, pensador, lavador, vendedor, etc.*) , objeto de investigação deste trabalho, notamos que, diferente do que propõem algumas descrições, elas não se restringem a denotar os agentes dos verbos base, mas apresentam uma gama muito mais ampla de interpretações possíveis.

Nas palavras de Oliveira (2009), o sufixo *-dor* é especificado para entrar na derivação de palavras agentivas de leitura habitual, sendo especificado quanto ao aspecto gramatical, derivando ora substantivos, ora adjetivos, com esses valores. A autora justifica tais propriedades pela permanência das características do sufixo original latino *-or* no sufixo *-dor* do português, em que se adjunge a temas verbais, como podemos ver nos exemplos em (1)<sup>1</sup>, substantivos, e em (2), adjetivos.

- (1) abanador, acusador, adubador, agitador, alimentador, apresentador arguidor, armador, atirador, cantador, carregador, catalogador, comprador, condutor, conquistador, corredor, contador, cortador, divisor...

---

<sup>1</sup>Alertamos para o fato de que a numeração dos exemplos se reiniciará a cada capítulo. Adotamos esta forma de organização de modo a facilitar a apreensão dos dados expostos e das observações feitas acerca deles por parte dos leitores.

- (2) festejador, galanteador, gerenciador, identificador, lisonjeador, localizador, merecedor, neutralizador, norteador, padronizador, paquerador, participador, passeador, penetrador, pasteurizador, prosador, questionador...

(OLIVEIRA, 2009, p. 176-85)

No entanto, as formações com o sufixo *-dor* são aparentemente mais amplas do que nas propostas encontradas na literatura, sintetizadas, aqui, nas palavras de Oliveira. Primeiramente, chamamos atenção para possibilidade de as palavras sufixadas em *-dor* não estarem circunscritas, necessariamente, no que a literatura chama de ‘generalização do argumento externo’<sup>2</sup>, com valores de agente, causador e experienciador. Os dados da nossa pesquisa mostram que as formações com o sufixo podem denotar, também, entidades que fazem referência ao argumento interno dos seus verbos base, com valor de tema/paciente. Além disso, constatou-se que o sufixo *-dor* pode formar palavras que designam adjuntos, com valor locativo ou instrumental.

A análise dos dados mostrou, também, que, mais do que refletir informações relativas à grande argumental e temática dos verbos base, nas formações em *-dor*, podem estar inscritos diferentes tipos de eventos verbais. As palavras sufixadas em *-dor* podem denotar eventos perfectivos, bem como imperfectivos, e tais manifestações do aspecto gramatical do evento denotado parecem estar relacionadas ao aspecto lexical do verbo base. Esta constatação diverge daquela postulada por Oliveira (2009), dado que a autora propõe que o sufixo *-dor* seja especificado quanto ao aspecto gramatical, denotando somente eventos imperfectivos.

Além disso, as palavras sufixadas em *-dor* parecem não ser homogêneas quanto à categoria gramatical, um vez que podem apresentar-se como substantivos ou adjetivos, fenômeno denominado na literatura como flutuação categorial.

Com o objetivo de investigar tais questões, realizamos uma descrição das ocorrências encontradas dos dados da língua, considerando os possíveis fatores que possam interferir nas diferentes leituras que as formações em *-dor* apresentam no português, tendo em vista que os trabalhos realizados, até então, não contemplam ou explicam essas possibilidades, nem apontam para características importantes que parecem relevantes nessas construções, como interferência das propriedades do verbo base, entre outras questões que serão apontadas com mais detalhe no Capítulo 3.

---

<sup>2</sup> Conforme Alexiadou e Schäfer (2010)

Além disso, esboçamos uma hipótese explicativa dentro do paradigma teórico da Morfologia Distribuída, que propõe que, na arquitetura da gramática, há apenas um componente gerativo, a sintaxe, e que a formação de palavras se dá nesse mesmo componente e resulta das mesmas operações que formam sentenças. Neste trabalho, considera-se que as diversas possibilidades de leituras das formações em *-dor* se devem ao processo construcional dessas formações. Desse modo, busca-se explicar que as diferentes leituras, episódicas e disposicionais<sup>3</sup>, são resultado das diversas possibilidades de configuração da estrutura sintática subjacente a cada formação. Assumimos que o sufixo *-dor* seja o expoente de um elemento proforma, inserido em contextos de categorização não verbal, podendo lexicalizar quaisquer dos elementos que compõem o evento subjacente, seja ele disposicional ou episódico.

Esta dissertação divide-se em três capítulos de desenvolvimento, além desta Introdução, das Considerações Finais e das Referências. No Capítulo 2, com o intuito de delimitar o objeto, bem como localizar e justificar a discussão dentro dos limites da Teoria da Gramática Gerativa, traçamos o percurso do desenvolvimento de ideias acerca do processo de formações de palavra e apresentamos trabalhos que discutem a formação de palavras com o sufixo *-dor*, dentro dessa perspectiva teórica. No Capítulo 3, dedicamo-nos a apresentar a análise dos dados, levando em consideração os aspectos relevantes para as formações em *-dor*, como as propriedades que envolvem o aspecto lexical e o aspecto gramatical do verbo, como também a composição das estruturas de evento nas formações. No Capítulo 4, discutimos brevemente os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída e apresentamos uma hipótese que possa justificar a diversidade de leituras que envolve as formações com o sufixo *-dor*.

---

<sup>3</sup> Tomamos como base para a nossa proposta o trabalho de Alexiadou e Schäfer (2010), em que as autoras discorrem sobre as formações agentivas *-er* do inglês, construções semelhantes ao *-dor* do português.

## 2 PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS E O SUFIXO –DOR

Neste trabalho, em que se busca descrever e explicar as formações sufixadas em *-dor* no português, é relevante discutir acerca dos elementos que podem compor o processo de formação das palavras com o referido sufixo. Este estudo diz respeito ao mecanismo que envolve a formação das palavras deverbais e insere-se em uma discussão mais ampla que vem permeando as pesquisas no âmbito da linguística formal da desde a década de 60, com o trabalho de Lees (1960) e, principalmente, com o artigo de Noam Chomsky sobre as nominalizações do inglês, publicado na década seguinte. Os desdobramentos desses trabalhos foram fundamentais para o desenvolvimento e aprimoramento da Teoria da Gramática, especialmente, no que diz respeito ao contorno dado à arquitetura da gramática, tendo ainda repercussão e relevância em trabalhos contemporâneos.

Com o intuito de apresentar e delimitar o objeto de estudo, bem como localizar e justificar o trabalho nos limites da Teoria da Gramática Gerativa, neste capítulo, traçamos o percurso do desenvolvimento de ideias que subjazem os estudos acerca do processo de formações de palavra na teoria, além de apresentar alguns trabalhos que discutem a formação de palavras com o sufixo *-dor*.

As discussões deste capítulo estão organizadas da seguinte maneira: em 2.1 e 2.2, discutiremos sobre o processo de formação de palavras nas principais propostas dentro da Teoria da Gramática, em especial, sobre a oposição entre propostas lexicalistas e não-lexicalistas; em 2.3, apresentamos o sufixo, objeto desta pesquisa, de acordo com as gramáticas e trabalhos desenvolvidos dentro da Teoria da Gramática.

### 2.1 NOMINALIZAÇÕES NO PROGRAMA GERATIVISTA

Desde a formalização da linguística enquanto ciência autônoma, a linguagem humana tem sido estudada sob diferentes perspectivas teóricas, de maneira a dar conta dos diversos aspectos que esse fenômeno envolve, desde fatos ligados à interação, de natureza social e histórica, até fatos que envolvem propriedades cognitivas próprias da espécie.

Chomsky, ao apresentar uma crítica ao behaviorismo de Skinner, traz à tona uma constatação fundamental acerca da linguagem humana, que revolucionou a concepção de língua e da racionalidade como um todo: a criatividade linguística. Para o linguista, o aspecto

criativo da linguagem aponta para a existência de mecanismos mentais peculiares e complexos envolvidos na produção de expressões linguísticas.

A teoria proposta por Chomsky ficou conhecida como Teoria da Gramática Gerativa e se insere em um movimento científico que, desde a década de 50, se debruça sobre questões relativas à natureza e ao funcionamento da mente humana. Chomsky descreve essa mudança de perspectiva como um *turning point* dos estudos sobre o comportamento humano:

Houve uma importante mudança de perspectiva: do estudo do comportamento e de seus produtos para mecanismos internos envolvidos no pensamento e ação. A perspectiva cognitiva toma o comportamento e seus produtos não como objeto de pesquisa, mas como dado que pode fornecer evidências sobre os mecanismos internos da mente e sobre os modos como esses mecanismos operam ao executar ações e ao interpretar a experiência. (CHOMSKY, 2005, p. 33)

Nessa perspectiva, os estudos das línguas humanas seriam uma via para a apreensão de mecanismos mentais que as viabilizam, contribuindo, dessa maneira, para o conhecimento acerca da cognição. Nesse contexto, a Gramática Universal surge como uma proposta de estruturação para o que se chamou de Faculdade da Linguagem, um mecanismo interno da mente que permite a produção e compreensão de expressões linguísticas a partir de um repertório finito de recursos.

Tendo em vista o objetivo de entender o funcionamento da Faculdade da Linguagem, os estudos gerativistas debruçaram-se sobre os dados das línguas a fim de tentar entender os processos de estruturação disponíveis que viabilizam a produção de estruturas linguísticas. O debate sobre como se organiza a arquitetura da gramática tem movimentado as discussões teóricas, de modo que sejam satisfeitas as condições de adequação descritiva, de natureza empírica, e a adequação explicativa, abstrata e teórica.

Em seu artigo, escrito em 1970, intitulado “Remarks on Nominalization”, Chomsky discorre, a partir do estudo do comportamento das nominalizações do inglês, sobre os problemas empíricos decorrentes de um tratamento puramente transformacional que envolve a formação de palavras<sup>4</sup>. Ao demonstrar que as operações sintáticas, da maneira como estavam sendo concebidas, não poderiam dar conta do comportamento de alguns tipos de nominalizações, restabelece a importância de repensar os princípios de estruturação da palavra, que, aparentemente, diferem daqueles postulados para a formação de sentenças.

Até esse momento, a formação de frases e palavras era concebida como resultado da aplicação de regras transformacionais a uma estrutura mais elementar, formada a partir de

---

<sup>4</sup> Esse tema será discutido com mais detalhe em seções posteriores.

elementos contidos no Léxico, armazenador de entradas lexicais, e regras de reescrita, as quais dariam origem à estrutura sintagmática que o item lexical seria inserido. O tratamento dado à formação de palavras, nesse modelo, tinha por premissa que todas as nominalizações deveriam ser oriundas de uma estrutura sentencial.

O trabalho de Lees (1960), intitulado “The Grammar of English nominalizations”, já apontava para a possibilidade de nominais complexos incorporarem relações gramaticais encontradas na sentença. Na perspectiva apresentada pelo autor, assim como ocorreria com as sentenças, existiam regras transformacionais que converteriam sentenças em expressões nominais de vários tipos. Uma estrutura como “John draws the picture” (John desenha a imagem) poderia originar um sintagma nominal como “John’s drawing the picture” (O desenhar da imagem por John)<sup>5</sup>.

Chomsky (1970), por sua vez, expõe a inadequação de um tratamento puramente transformacional para explicar a existência de formações nominais que não atendem a padrões esperados e, por isso, sugere que nem todas as palavras sejam resultado de uma relação regular e produtiva estabelecida por uma regra transformacional. O autor afirma que “The idiosyncratic character of the relation between the derived nominal and the associated verb has been so often marked that the discussion is superfluous”<sup>6</sup>(CHOMSKY, 1970, p. 189) e acrescenta:

Consider, for example, such nominals as *laughter*, *marriage*, *construction*, *actions*, *activities*, *revolution* [...], with their individual ranges of meaning and varied semantic relations to be the base forms. There are a few subregularities that have frequently been noted, but the range of variation and its rather accidental character are typical of lexical structure<sup>7</sup>.(CHOMSKY, 1970, p. 189).

A partir da discussão introduzida, por Chomsky, nesse artigo, surgiram algumas propostas explicativas para tentar contemplar as peculiaridades das estruturas linguísticas, em especial, no que se refere à estruturação de palavras e como elas se relacionam com os outros componentes da gramática. Hipóteses lexicalistas baseiam-se, seguindo a proposta de Chomsky, na ideia da existência de um componente da gramática, o Léxico, concebido como

<sup>5</sup> Exemplo retirado de Lees (1960, p. 92).

<sup>6</sup>“O caráter idiossincrático da relação entre o nominal derivado e o verbo associado tem sido tão frequentemente marcado que a discussão é supérflua”. (Tradução nossa).

<sup>7</sup> “Considere, por exemplo, nominais como *laughter* (riso), *marriage* (casamento), *actions* (ações), *revolution* (revolução) [...], com suas variações de significado e relações semânticas variadas com a base. Existem algumas poucas subregularidades que têm sido frequentemente notadas, mas a gama de variação e seu caráter um tanto accidental são típicos da estrutura lexical”. (Tradução nossa)

*locus* da formação e armazenamento de palavras, unidades mínimas a serem manipuladas pela sintaxe.

No que se refere às propostas lexicalistas, a extensão do poder do Léxico pode variar de acordo com diferentes concepções e limites entre os componentes da gramática. Modelos mais radicais consideram que as operações lexicais devam abranger todo e qualquer fenômeno concernente ao domínio da palavra, propondo, por exemplo, que a flexão e a derivação<sup>8</sup> devam ocorrer antes da Sintaxe.

Em diálogo com Chomsky (1970), no livro intitulado “Word Formation in Generative Grammar”, escrito em 1976, Mark Aronoff afirma, no entanto, que pensar em um componente gramatical gerativo, específico para a formação de palavras, não significa que os processos derivacionais sejam sempre irregulares. Além disso, considerando a idiosincrasia das formações lexicais, ele defende a adoção de um modelo lexical baseado em regras de formação de palavras, uma vez que, nas palavras do autor, “words are peculiar, not only in that not all of those that should exist actually do, but also in those which do exist do not always mean what they are supposed to mean, or even look like what they are supposed to look like”<sup>9</sup> (ARONOFF, 1976, p. 18).

De acordo com Medeiros e Figueiredo Silva (2016), a morfologia proposta por esse modelo abandona a noção tradicional de morfema como parte de um mecanismo concatenativo, e considera a formação de palavras como resultado da aplicação de Regras de Formação de Palavras (RFPs), que formam palavras a partir de outras. Uma vez formadas, as palavras permanecem no léxico, podendo sofrer diversos processos de lexicalização, justificando-se, dessa forma, as idiosincrasias.

Pensando a questão da idiosincrasia, em português, Oliveira (2009) discute sobre as formações deverbais em *-nte* (alvejante, amaciante, fumante etc.). Ela pretende demonstrar que as palavras derivadas com o sufixo podem ter tanto uma leitura regular, como irregular. As formações de significado transparente podem ser pensadas a partir de uma derivação via RFP, podendo ser parafraseadas como *aquele ou aquilo que x*, em que *x* representa um evento verbal. A autora demonstra que temos algumas palavras no português com esse padrão, como as palavras *emigrante*, *declarante* e *ingressante*. Elas significam, respectivamente, *aquele que emigra*, *aquele que declara* e *aquele que ingressa*. No entanto, a autora também mostra que

<sup>8</sup> A distinção entre flexão e derivação é uma questão relativa à concepção dos componentes gramaticais que fazem parte da arquitetura da gramática e não será discutida neste trabalho.

<sup>9</sup> “[...] palavras são peculiares, não apenas porque nem todas aquelas que deveriam existir, de fato, existem, mas porque aquelas que realmente existem nem sempre significam o que elas deveriam significar, ou mesmo parecem como elas deveriam parecer”. (Tradução nossa)

há palavras em *-nte* cuja leitura parece ser não composicional, sendo, sua estrutura interna, opaca à interpretação, como nas formações *refrigerante* e *tratante*. Como podemos ver nos exemplos<sup>10</sup> abaixo, essas palavras fogem à expectativa das formações nesse padrão.

- (1) a. Aquele Pedrão é um *tratante* mesmo. Marcou comigo no shopping e não apareceu.  
b. Nove entre dez nutricionistas proíbem o consumo de *refrigerante*.

Diante de uma morfologia que indica uma derivação deverbal, fica claro, nos exemplos em (1), que nem *tratante*, nem *refrigerante*, significam aquilo que suas estruturas internas parecem indicar, respectivamente, *aquele/aquilo que trata* e *aquilo que refrigera*. *Tratante* é uma pessoa em quem não se pode confiar, que não tem palavra, enquanto *refrigerante* é uma bebida, doce e gaseificada.

Explicando o processo gerativo do Léxico, nos termos de Aronoff (1976), as palavras formam-se a partir de regras de formação aplicadas às palavras já existentes. Essas regras seriam algoritmos fixos, cujo elemento base e produto devem apresentar uma homogenia, não só semântica, mas também categorial. As informações codificadas nas palavras podem ser lidas pelos componentes da gramática, seja fonológico ou sintático.

Ainda segundo Aronoff, a respeito da especificação sintática, as regras de formação de palavras informam sobre rótulo que as palavras novas devem receber, indicando as possibilidades de inserção nas estruturas sintáticas. Não podemos esquecer que as palavras, nesse modelo, são átomos da sintaxe e devem vir especificadas quanto ao tipo de sintagma que pode ocupar o núcleo. Tais RFPs podem ser capturadas a partir da generalização em (2).

- (2)  $[X]_A < [[X]_A Y]_B$

A palavra base para a formação deve pertencer a uma categoria gramatical específica, assim como o produto da regra, que terá também uma marcação categorial fixa. Retomando as formações em *-nte*, discutidas nos parágrafos acima, poderíamos formular a seguinte regra de formação para o sufixo.

- (3)  $[X]_{\text{Verbo}} < [[X]_{\text{Verbo}} \text{-nte}]_{\text{Substantivo}}$

<sup>10</sup>Exemplos sem referência ou fonte são sugeridos por mim.

(4) [emigrar]<sub>Verbo</sub> < [emigra]<sub>Verbo</sub> -nte]<sub>Substantivo</sub>

De acordo com os pressupostos discutidos por Aronoff, as formações em *-nte*, deveriam, então, além de obedecer a um padrão semântico, obedecer também a um padrão categorial, que determina as possibilidades de inserção nas estruturas sintáticas. As palavras que não obedecem a esse padrão seriam analisadas como formações que sofreram processos de lexicalização, justificando, dessa maneira, formações como *refrigerante* e *tratante*. A mudança na palavra lexicalizada pode afetar quaisquer das informações vinculadas, sejam de natureza fonológica, sintática ou semântica. A possibilidade de lexicalização explica-se pela permanência da palavra formada no léxico, como explica o autor:

[...] though words may be formed by regular rules, persist and change once they are in the lexicon, the morphemes out of which words seem to have been formed, into which they seem to be analyzable, do not have constant meanings and in some cases have no meaning at all. It is its persistence which forces us to adopt a lexicalist hypothesis<sup>11</sup>. (ARONOFF, 1976, p. 18).

Em suma, as hipóteses lexicalistas defendem a existência de um componente gramatical independente, com procedimentos operacionais próprios, que disponibiliza para a sintaxe elementos primitivos para a computação, as palavras. Por outro lado, os modelos não-lexicalistas são contrários à ideia de que seja necessário dar às palavras um tratamento especial na gramática. Postular que essas unidades sirvam como primitivos sintáticos implica que elas sirvam também como domínio para outras operações de interface e isso, segundo alguns estudiosos, não é verificável empiricamente.

Em diversos trabalhos, Marantz (1996, 1997, 2001) aponta problemas nos modelos lexicalistas, em especial, no que diz respeito à alegação de que existe um domínio dentro da gramática, independente do componente sintático, e que seus produtos, as palavras, têm um *status* especial. Marantz (1997) traz evidências empíricas de que as unidades lexicais não funcionam como parâmetro de aplicação de operações para nenhum dos outros níveis de representação da gramática. No que diz respeito à fonologia, ele argumenta que os itens lexicais não coincidem com a palavra fonológica, dado que estudos em fonologia mostram

<sup>11</sup> “Embora palavras possam ser formadas por regras regulares, permanecem e mudam uma vez no Léxico, os morfemas dos quais as palavras parecem terem sido formadas, parecem ser analisáveis, em que eles parecem ser analisáveis, não têm significado constante e, em alguns casos, não têm significado nenhum. É a permanência que nos força a adotar a hipótese lexicalista.”(Tradução nossa).

que a estrutura sintática não coincide com a estrutura prosódica<sup>12</sup>. Além disso, demonstra que não está restrito ao Léxico o domínio não composicional na língua. De acordo com o autor, os significados especiais podem ser observados em estruturas maiores ou menores do que a palavra, como explica no trecho transcrito abaixo:

In point of fact, the locality domains for special meanings do cut across the Word, sometimes carving out structures smaller than the Word, sometimes bigger. I haven't yet figured out anything like the complete theory of locality for special meanings, but I have discovered that the literature has already argued conclusively for one boundary of such domains<sup>13</sup>. (MARANTZ, 1997, p. 10).

O trecho acima traduz uma importante crítica ao modelo lexicalista, em razão da fragilidade dos argumentos pró-Léxico. Nem fenômenos fonológicos, nem semânticos sustentam, na visão de Marantz, a existência de um domínio especial para os fenômenos relacionados à estruturação dos chamados “itens lexicais”, uma vez que, por exemplo, a expressão “chutar o pau da barraca” funciona claramente como unidade semântica de significado especial, ou seja, não há leitura transparente em relação às partes que a constituem, mas forma uma unidade mínima de significado, assim como uma palavra.

Discutidas as duas principais perspectivas acerca da arquitetura da gramática e, conseqüentemente, sobre as possibilidades explicativas em relação à formação de palavras, na seção a seguir, avançaremos na discussão sobre essa oposição teórica, com base nos termos apresentados por Chomsky (1970), observando como o comportamento das palavras pode indicar o funcionamento dos mecanismos internos da gramática na geração de estruturas e como elas são lidas pelos níveis de interface.

## 2.2 FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Como já esboçado na seção anterior, muito se tem discutido sobre a estruturação e funcionamento da gramática. Chomsky, em diversos dos seus trabalhos, evidencia a importância da compatibilidade entre os dados das línguas naturais e os pressupostos de uma

---

<sup>12</sup> “The general lesson from studies in prosodic phonology is that syntactic structure isn't identical to prosodic structure at any level, including the Word level.” (MARANTZ, 1997, p. 8).

<sup>13</sup> “De fato, os domínios de localidade para significados especiais passam, sim, pela palavra, às vezes construindo estruturas menores do que as palavras, às vezes maiores. Eu ainda não descobri nada parecido com uma teoria completa da localidade para significados especiais, mas descobri que a literatura já discutiu conclusivamente sobre uma fronteira desses domínios.” (Tradução nossa).

teoria que se dispõe a entender o funcionamento da linguagem. De acordo com o autor, se a discussão pretende ser sólida e científica, a teoria não pode divergir dos dados empíricos, pois neles estão impressos o *modus operandi* da linguagem e, nos casos a serem discutidos aqui, da morfologia.

Como já pontuado, em propostas pré-*Remarks*<sup>14</sup>, as nominalizações também foram compreendidas como resultado de transformações. As estruturas desse tipo de formação mostram que pode haver correspondências semânticas e sintáticas entre nome formado e verbo base, como podemos ver nos exemplos em (12).

- (12) a. John criticized the book.  
 (John criticou o livro.)  
 b. John's criticizing the book.  
 (John criticar o livro.)  
 c. John's criticism of the book.  
 (A crítica de John sobre o livro.)

(CHOMSKY, 1970, p. 187)

Porém, o problema apontado por Chomsky consiste em explicar a coexistência de diversos tipos de nominalização, em tese, derivados da mesma estrutura profunda, com diferentes restrições estruturais e interpretações. Além disso, o autor expõe o problema teórico da existência de uma formação categorial aparentemente mista, com características nominais e verbais, o que toca no fato de as categorias, nesse modelo, serem entidades teóricas delimitadas, por serem universais gramaticais e por cumprirem um papel essencial na construção das estruturas (especialmente na determinação da inserção lexical).

O fato de haver mais de um tipo de formação nominal relacionada a um verbo, compartilhando da mesma estrutura profunda, expõe a limitação do modelo proposto, até então, para a formação das estruturas possíveis nas línguas. É importante lembrar que a construção de significado, nesse modelo, se dá na estrutura profunda, antes da aplicação das regras transformacionais<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup>Remarks on Nominalization (CHOMSKY, 1970).

<sup>15</sup> In short, it has become clear that it was a mistake, in the first place, to suppose that the base component of a transformational grammar should be strictly limited to a system of phrase structure rules, although such a system does play a fundamental role as a subpart of the base component. In fact, its role is that of defining the grammatical relations that are expressed in the deep structure and that therefore determine the semantic interpretation of a sentence. (CHOMSKY, 1965, p. 99).

Como podemos ver nos exemplos em (12), as nominalizações podem apresentar estrutura argumental idêntica à sua contraparte verbal. No entanto, Chomsky pontua que as nominalizações têm comportamentos distintos e não apresentam as mesmas propriedades, ainda que compartilhem a mesma base verbal, dado que nominalizações gerundivas do inglês aceitam adjunção, enquanto as chamadas nominalizações derivadas, não aceitam. Em (13b), observamos que a adjunção torna a construção agramatical, enquanto que, em (13a), permanece gramatical.

- (13) a. His criticizing the book before he read it.  
 (Ele criticar o livro antes de ler.)  
 b. \*His criticism of the book before he read it.  
 (\*A crítica dele do livro antes de ler.)

(CHOMSKY, 1970, p.193)

Apesar de essa discussão mostrar que existe uma associação clara entre verbos e nominalizações, ela também evidencia que as nominalizações nem sempre refletem, precisamente, as mesmas propriedades. Além disso, como aponta Chomsky, há também nominalizações que se afastam da semântica do verbo morfologicamente relacionado, como *ignorar* e *ignorância*, indicando o caráter idiossincrático de algumas formações.

Tais constatações sobre o comportamento das nominalizações forçaram a uma recondução teórica no que concerne toda organização interna da gramática. Explicar as nominalizações precisaria de um aparato teórico mais robusto, expandindo algum dos componentes da gramática, como explica o próprio Chomsky.

Thus certain descriptive problems can be handled by enriching the lexicon and simplifying the categorial component of the base, or conversely; or by simplifying the base at the cost of a greater complexity of transformations, or conversely. The proper balance of the between the various components of the grammar is entirely an empirical issue<sup>16</sup>. (CHOMSKY, 1970, p. 185).

---

“ Em resumo, ficou claro que foi um erro, em primeiro lugar, supor que o componente base de uma gramática transformacional deveria ser estritamente limitado a um sistema de regras de estruturação de sintagma, embora tal sistema tenha, sim, um papel fundamental como subparte do componente base. De fato, seu papel é o de definir as relações gramaticais que são expressas na estrutura profunda e, por isso, determinar a interpretação semântica da sentença.” (Tradução nossa).

<sup>16</sup>“Assim, certos problemas descritivos podem ser resolvidos pelo enriquecimento do léxico e simplificando o componente categorial da base, ou vice-versa; ou pela simplificação da base com o custo de haver uma maior complexidade nas transformações, ou vice-versa. O equilíbrio apropriado entre os vários componentes da gramática é inteiramente uma questão empírica.” (Tradução nossa)

A maior parte dos estudos posteriores a “Remarks” interpretou que as diferenças entre as nominalizações estariam relacionadas à expansão das atribuições do léxico, no qual as entradas lexicais seriam formadas, armazenadas e relacionadas, através de mecanismos próprios desse componente gramatical. A determinação das diferenças estruturais e das leituras das formações estaria sob o domínio das regras de estruturação lexical.

Grimshaw, seguindo tal proposta, em seu trabalho intitulado “Argument Structure”, escrito em 1990, discorre sobre os nominais derivados, bem como sobre possibilidade de eles herdarem a estrutura argumental do seu verbo base. A autora propõe que essa estrutura seja determinada por princípios semânticos<sup>17</sup>, compartilhados por nominais que representem eventos complexos. Por outro lado, nominais que representam eventos simples e com leitura de resultado não seguiriam esse padrão e, por isso, não possuiriam estrutura argumental, como podemos ver nos exemplos em (14).

- (14) a. John’s examination was long.  
(O exame de John foi longo.)
- b. John’s examination of the patients took a long time.  
(O exame de John nos pacientes levou muito tempo.)

(GRIMSHAW, 1990, p. 49)

Segundo Grimshaw (1990), a gramaticalidade da sentença em (14a) está diretamente relacionada a uma interpretação específica do NP possessivo. Dessa forma, quando a interpretação possessivo é de modificador nominal, a sentença fica gramatical, porém a interpretação do NP como agente torna-a agramatical, dado que o NP não pode ser o agente da ação veiculada pelo nome “examination”, diferente da formação em (14b), cuja interpretação está relacionada à estrutura argumental, de interpretação agentiva<sup>18</sup>.

Grimshaw (1990) esclarece que a interpretação do possessivo como modificador, nas nominalizações apresentadas em (14), não impede que o NP possa ser lido como a pessoa que causa o acontecimento. Porém, a autora pontua que esse “possuidor” não pode ser construído estritamente como sujeito, uma vez que, para ela, a inclusão de um elemento relacionado à

<sup>17</sup>Argument structures are constructed in accordance with the thematic hierarchy, so the structural organization of the argument array is determined by universal principles based on semantic properties of the arguments.” (GRIMSHAW, 1990, p. 8).

“Estruturas argumentais são construídas de acordo com a hierarquia temática, então, a organização estrutural da matriz argumental é determinada por princípios universais dos argumentos.” (Tradução nossa)

<sup>18</sup>Grimshaw (1990, p. 45)

estrutura argumental requer uma versão do substantivo que tome argumentos, a qual tem argumentos obrigatórios<sup>19</sup>.

Diante das questões apontadas, as diferenças estruturais e de leitura entre os nominais são explicadas em termos de presença ou ausência de estrutura argumental. A presença de estrutura argumental implicaria na leitura de evento complexo e, conseqüentemente, na presença de verbo na derivação. Em contrapartida, a ausência de estrutura argumental implicaria na ausência da estrutura verbal na derivação.

Ainda no que diz respeito às questões levantadas por Chomsky (1970), surgiram também abordagens não-lexicalistas, que discutem também os nominais derivados, em termos de um mecanismo computacional que não pressupõe a existência de um Léxico gerativo. Nesse caso, as características peculiares de cada nominalização decorrem das propriedades dos elementos presentes na estrutura que subjaz a palavra.

Sobre esta questão, Alexiadou (2001) afirma que os diferentes tipos de nominalizações refletem a quantidade e os tipos de projeções funcionais e os casos de ambigüidade, discutidos por Grimshaw (1990), exemplificados em (14), bem como qualquer outra peculiaridade de palavras derivadas, deixam de ser explicadas em termos de características inerentes dos itens lexicais. Harley (2009) afirma que a ambigüidade entre as leituras das nominalizações é um fenômeno comum e precisa ser considerada fora dos limites da idiosincrasia, dado sua produtividade e previsibilidade. A diferença entre as leituras, explica Harley, resulta das possibilidades estruturais subjacentes às nominalizações, fato que implica na presença dos núcleos sintáticos que devem ser responsáveis por introduzir a estrutura argumental.

Considerando propostas anti-lexicalistas, como as da Morfologia Distribuída, a presença de uma morfologia verbal implica na presença de uma projeção verbal. Para que a estrutura verbal possa promover diferentes leituras, é preciso haver diferentes núcleos relacionados à construção de formações verbais e, conseqüentemente, deverbais. Essa pressuposição tem como consequência as propostas de desmembramento de VP em núcleos com funções mais especificadas. Dessa maneira, seria uma configuração particular dos núcleos verbais responsável pelas diferentes leituras das nominalizações, bem como da possibilidade de apresentar ou não estrutura argumental.

---

<sup>19</sup>“[...] the inclusion of an a-structure-related element requires the argument taking version of the noun, which takes obligatory arguments”. (GRIMSHAW, 1990, p. 52).

“[...] a inclusão de uma estrutura argumental requer a versão do substantivo que toma argumentos, que toma argumentos obrigatoriamente.” (Tradução nossa)

Seguindo essa proposta, Alexiadou (2009) propõe que o licenciamento da estrutura argumental esteja relacionado a uma projeção funcional específica que não está presente nas nominalizações com leitura não eventiva. A autora propõe que núcleos introdutórios de argumento externo, de argumento interno e do tipo de evento, sejam, respectivamente, *Voice*, *Asp/F* e  $v^0$ . Com o aparato teórico sugerido por Harley (2009) e Alexiadou (2009), podemos dar conta das diversas formas de nominalização, atribuindo as diferenças de leitura à configuração das projeções funcionais que as subjazem.

Como foi observado nesta seção, a discussão sobre a natureza das nominalizações e a justificativa dos diferentes comportamentos sintáticos e a leitura que elas podem apresentar, inauguradas por Chomsky (1970), desdobrou-se em perspectivas teóricas distintas no que diz respeito ao funcionamento geral da faculdade da linguagem. O comportamento das palavras tem apresentado aos linguistas desafios sobre a natureza dos componentes e mecanismos que fazem parte da Gramática Universal, bem como de seus limites e zonas de interface.

As formações em *-dor*, objeto deste trabalho, sendo deverbais, manifestam diversas nuances interpretativas e propriedades estruturais. A questão que se impõe agora é sobre o tratamento mais adequado na análise de tais formações de maneira a elucidar o mecanismo que subjaz a formação de palavras.

Contudo, como aponta Anderson (1982), ao discutir o lugar da morfologia na arquitetura da linguagem, a abordagem mais adequada à explicação dos fenômenos morfológicos deve atender os fatos da língua, que devem responder quais os princípios que a governam. À vista disso, pretendemos também dar sequência à discussão teórica, apresentando, na seção que segue, as formações objeto de estudo deste trabalho.

### 2.3 FORMAÇÕES COM O SUFIXO -DOR

A gramática Houaiss da Língua Portuguesa (AZEREDO, 2012) e a Nova Gramática do Português Contemporâneo (CUNHA; CYNTRA, 1985) caracterizam o sufixo *-dor* como formador de nomes, potencialmente adjetivos ou substantivos, a partir de verbos. Além disso, segundo Cunha e Cintra (1985), o sufixo *-dor* é derivado do sufixo de particípio passado latino *-or*, presente também em palavras como *sedutor* e *professor*.

- (15) a.  $X_{\text{Verbo}^+} -dor > Y_{\text{Substantivo/Adjetivo}}$   
 b.  $\text{Treinar}_{\text{Verbo}} + -dor > \text{Treinador}_{\text{Substantivo}}$

c. Consolar<sub>Verbo</sub> + -dor > Consolador<sub>Adjetivo</sub>

Basílio (1995) caracteriza as formações em *-dor* como nomes de agente, ou seja, seriam substantivos caracterizados pelo exercício ou prática de uma ação verbal específica. Dentre elas, estariam aquelas formações designadoras de agentes profissionais, caracterizados por serem especialistas em *x*, como em (16a), e instrumentais, cuja caracterização se dá a partir do evento que promovem, como em (16b).

- (16) a. Administrador, varredor, lavador, etc.  
b. Cortador, ventilador, refrigerador, etc.

(BASÍLIO, 1995, p. 2)

Considerando as possibilidades de leitura, a autora explica que o termo nomes de agente deve ser considerado em sentido amplo, pois, nesse caso, a voluntariedade não precisa ser compulsória. Dessa forma, profissionais e instrumentais poderiam ser caracterizados como algo que tem uma função de *x*. Basílio (1995) constata que as formações agentivas com o sufixo *-dor* também podem expressar eventualidade, habitualidade ou generalidade, como em (17), respectivamente.

- (17) a. Acertadores da loteria de ontem são de Porto Alegre.  
b. Os madrugadores nem sempre são saudáveis.  
c. O rato é um roedor.

(BASÍLIO, 1995, p. 2)

Basílio pontua que a maior parte das formações em *-dor* tem uma interpretação agentiva genérica, como em (17c). As formações em (17a) e (17b), no entanto, teriam menor incidência. Além disso, tais formações podem denotar entidades profissionais. Todavia, de acordo com Basílio, a interpretação dessas formações como profissionais estaria vinculada a condições pragmáticas. A autora traz o exemplo da palavra *regador*, a qual sabemos ser um objeto com que se regam plantas, mas que, diante de condições pragmáticas específicas, pode designar alguém que tem a função de regar, um profissional que rega.

Além das características citadas, Basílio (1995) demonstra que grande parte dos nomes de agente do português pode ocorrer como adjetivo, sendo as formações adjetivais caracterizadas por atribuir agentividade ao substantivo a que se refere. A autora denomina

esse comportamento como flutuação categorial, uma vez que teríamos uma formação originalmente pertencente a uma categoria verbal, em uma função sintática distinta. Ademais, pontua Basílio, há formações em *-dor* que não pertencem ao grupo dos nomes de agente. Essas formações seriam, conforme a autora, unicamente adjetivais, e teriam a função de caracterizar o seu referente a partir da semântica do verbo.

É importante pontuar que Basílio (1995) conduz uma análise que leva em consideração os parâmetros de formação de palavras de um modelo lexicalista. Lembremos que, nessa perspectiva, as palavras seriam derivadas de regras totalmente especificadas, tanto no que diz respeito à sua base, como ao seu produto. Toda formação, dessa maneira, deve pertencer a uma categoria correspondente à regra de formação original<sup>20</sup>. A autora pontua que o comportamento dos nomes de agente configura uma contradição de origem empírica para as suposições teóricas do modelo lexicalista, dado que, como dito no parágrafo anterior, as RFPs devem ser precisas tanto quanto ao tipo da base, como quanto ao produto gerado. Para solucionar essa contradição, a autora sugere três possibilidades de análise dentro do modelo:

- A. há duas regras de formação homônimas, uma para formar substantivos, outra para formar adjetivos;
- B. existe uma regra especificando mais de uma categoria;
- C. existem duas regras homonímias e uma regra de extensão de propriedades sintático-semânticas.

Todas as propostas, afirma Basílio, têm consequências importantes no que diz respeito aos pressupostos teóricos lexicalistas. A proposta em *C* implica na criação de um novo tipo de regra para o léxico, uma regra de extensão; *B* vai de encontro com a própria definição das RFPs nos termos clássicos da proposta teórica, em que o produto das RFPs está especificado para uma categoria, conforme está definido em autores como Aronoff (1976); já *A* implica que palavras como *administrador* sejam formadas mais de uma vez, por regras distintas, porém dando origem a duas entradas lexicais quase idênticas, cuja única diferença é a marcação categorial.

Além das questões apontadas por Basílio, é importante pontuar o fato de a proposta em *C* ainda acarretar na contradição da regra de extensão categorial e restringir os contextos de inserção da palavra, uma vez que, como visto, as formações agentivas em *-dor* não

---

<sup>20</sup>Nos termos de Aronoff (1976).

apresentam comportamentos prototípicos de adjetivos, como afirma a própria autora, derivando um tipo especial de adjetivo.

Além das questões acima apontadas, do ponto de vista das possíveis restrições de base na RFP em *-dor*, o fato de serem nominalizações agentivas, pressupõe que o verbo base da derivação deva, obrigatoriamente, aceitar, em sua estrutura, um argumento externo, não permitindo, portanto, formações a partir de verbos inacusativos, os quais não possuem argumento com valor de agente. Diante dessa pressuposição, a possibilidade de adjunção com o sufixo poderia testar a inacusatividade verbal, identificando verbos inacusativos pela impossibilidade de derivar palavras em *-dor*<sup>21</sup>.

Ainda sobre as palavras sufixadas em *-dor*, é importante pontuar também que há evidências morfológicas de que as formações em *-dor* sejam sempre anexadas às formas verbais, uma vez que podemos identificar a presença de morfologia verbal em todas as formações correspondente à vogal temática do verbo, como podemos ver nos exemplos em (18).

(18) Investigador, corredor, abridor, etc.

Com relação às propriedades da base, Oliveira (2009) apresenta uma proposta de classificação das formações, levando em consideração o tipo de situação veiculado nas bases verbais, que podem ser adjungidas ao sufixo *-dor*. Essa distinção, em consonância com o trabalho de Basílio (1995), relaciona classe do verbo base à manifestação categorial das formações.

Oliveira (2009) propõe que os substantivos sejam derivados de verbos de atividade, verbos de processo ou verbos de criação, destruição ou tema incremental. Além disso, a autora afirma que, por ter origem no particípio latino, o sufixo seja especificado quanto ao traço [+agentivo], bem como quanto ao aspecto gramatical, sempre manifestando o traço [+habitual]. Essa seria a razão de as palavras derivadas com o sufixo representarem eventos permanentes que se estendem no tempo.

As derivações com verbos de modos de atividade formam substantivos que nomeiam os agentes da sua contraparte verbal, podendo ser parafraseadas por *aquele que x*. Segundo Oliveira (2009), há duas configurações morfológicas possíveis para essas formações, como disposto abaixo.

---

<sup>21</sup> Mira Mateus et al. (2003, p. 301).

- (19) a. [raiz + morfema verbal + morfema *-dor*]  
 → *carregador, comprador, corredor, etc.*
- b. [morfema prefixal *em-* + raiz + morfema nominalizador *-a* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*]  
 → *encenador, empacotador, etc.*

Adaptado de OLIVEIRA, 2009, p. 177)

Dentro desse grupo, é possível encontrar verbos transitivos, como *arrombar* e *pichar*; inergativos, como *correr* e *nadar*; ou verbos transitivos/intransitivos, como *mergulhar* e *treinar*. Essas bases acolhem o sufixo *-dor* porque denotam atividade e são compatíveis com um morfema [+agentivo], como o *-dor*.

As derivações com verbos de criação, destruição ou tema incremental também têm a leitura de verbos que denotam o agente da ação verbal. Nesse grupo, de acordo com Oliveira (2009), os verbos são transitivos e denotam uma ação que causa outro evento, seja criação ou uma mudança de estado, e, por isso, são compatíveis com um morfema [+agentivo] e [+habitual], como o sufixo *-dor*. A diversidade da configuração morfológica desse grupo é mais ampla, conforme se vê nas descrições abaixo.

- (20) [raiz + morfema verbal + morfema *-dor*].  
 → *arrumador, limpador*
- (21) [morfema prefixal *a-/em-/en-* + raiz + morfema nominalizador *-a/-o/* morfema adjetivador *-o* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*], formada de verbos parassintéticos.  
 → *afinador, embalsamador, encadernador, encerador, engomador*
- (22) [raiz + morfema nominalizador *-e* + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*].  
 → *dedetizador*

(Adaptado de OLIVEIRA 2009, p. 177)

Ainda segundo Oliveira, os verbos que denotam processos, por manifestarem eventos de duração interna, podem ser base de palavras sufixadas com *-dor*, sendo compatíveis com o

traço [+habitual] do sufixo. Além do mais, a autora afirma que os eventos denotados por verbos de processo têm causação externa e, por isso, podem ter argumentos com leitura agentiva. As formações desse grupo podem se manifestar em três configurações morfológicas, como podemos ver nos exemplos que seguem.

(23) [raiz + morfema verbal *-ar/-er* + morfema *-dor*]

→ *administrador*

(24) [raiz + morfema nominalizador *-ão/-o*/morfema adjetivador *-e*/morfema zero + morfema *-iz/-ej-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*]

→ *organizador*

(25) [morfema prefixal *con-/en-* + raiz + morfema nominalizador *-o*/morfema zero + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*]

→ *coordenador*

(Adaptado de OLIVEIRA, 2009, p. 181)

As formações adjetivais com o sufixo foram, por sua vez, divididas, por Oliveira, em dois grupos, também de acordo com a semântica do verbo base. O primeiro tipo de formação é derivado de verbos psicológicos ou que denotam estados mentais. As formações expressam estados dos argumentos externos aos quais se referem. Essas formações possuem apenas um tipo de configuração sintática, como vemos em (26).

(26) [raiz + morfema verbal *-ar/-er* + morfema sufixal *-dor*]

→ *sonhador*

(Adaptado de OLIVEIRA, 2009, p. 183)

Além de adjetivos derivados de verbos psicológicos, há adjetivos em *-dor* derivados de verbos que denotam processo. Essas formações denotam algo ou alguém que tem uma propriedade evidenciada pelo evento de um verbo caracterizado pela dinamicidade e duratividade, compatíveis com as características do sufixo. A configuração morfológica dentro desse grupo é ampla, como representada nos oito grupos abaixo.

(27) [raiz + morfema verbal + morfema *-dor*]

→ *adulador*

- (28) [raiz + morfema nominalizador *-ão*/morfema zero + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*]

→ *padronizar*

- (29) [raiz + morfema nominalizador *-o* + morfema *-al* + morfema *-iz-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*]

→ *centralizador*

- (30) [raiz + morfema nominalizador *-a/-e/-o* + morfema *-ej-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*]

→ *cortejador*

- (31) [raiz + morfema *-e-* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*]

→ *balanceador*

- (32) [morfema prefixal + raiz + morfema nominalizador *-a/-o*/morfema zero/morfema adjetivador *-o* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*], formadas de verbos parassintéticos

→ *encadeador*

- (33) [morfema prefixal + raiz + morfema adjetivador *-e/-o* + morfema *-ec-* + morfema verbal *-er* + morfema *-dor*], formada de verbos parassintéticos

→ *amolecedor*

- (34) [morfema prefixal + raiz + morfema adjetivador *-o* + morfema verbal *-ar* + morfema *-dor*], formada de verbo parassintético

→ *embelezador*

(Adaptado de OLIVEIRA, 2009, p. 185-186)

Diferente de Basílio (1995), Oliveira (2009) propõe uma análise das formações em *-dor* fora do padrão lexicalista, a partir de um modelo de análise construcional. A proposta da autora é que o sufixo *-dor* seja inserido sempre em uma projeção sintática *AspP*, uma vez que

denota, nas palavras da autora, imperfectividade e habitualidade. O sufixo, dessa maneira, não seria um sufixo categorizador, o que justificaria a formação de palavras nas duas categorias. O núcleo categorial seria adjungido acima da projeção de *AspP*, e sua adjunção não estaria condicionada ao tipo do evento subjacente.

A classificação e a proposta de estruturação posta no trabalho de Oliveira (2009) parecem sugerir que existe uma divisão rígida no que diz respeito a substantivos e adjetivos, sobretudo no que se refere às formações derivadas de verbos que denotam estados psicológicos. No entanto, nem o tipo semântico dos verbos e, muito menos, a composição interna dos verbos base, apresentam restrição quanto à categoria da derivação, sendo irrelevantes para o licenciamento das formações, como podemos ver na comparação entre as estruturas em (35) e (36)<sup>22</sup>.

- (35) a. Quem foi o *colonizador* do Brasil<sup>23</sup>?  
 b. Em 1518, quando do início do contato entre os índios e espanhóis no processo *colonizador* do México<sup>24</sup>.
- (36) a. Qual a diferença entre esse *amolecedor* de fezes e o laxante<sup>25</sup>?  
 b. Não encontramos o produto *amolecedor* de cutícula<sup>26</sup>.

No entanto, não existe, ao que parece, um motivo claro para que essas formações sejam classificadas em grupos diferentes, pelo menos, no que tange à categoria. Nesse sentido, ambas as formações, *colonizador*, em (35), e *amolecedor*, em (36), têm o mesmo comportamento. Da mesma forma, formações classificadas, pela autora, como substantivos podem também aparecer em contexto de modificação, como as formações nos grupos dos verbos de atividade, em (37), e de criação ou tema incremental, em (38).

<sup>22</sup>Exemplos encontrados em sítios virtuais.

<sup>23</sup> Disponível em: <[https://www.historiadobrasil.net/resumos/colonizacao\\_brasil.htm](https://www.historiadobrasil.net/resumos/colonizacao_brasil.htm)>. Acesso em: 20/08/2018.

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://www.quintanagastronomia.com.br/a-historia-completa-do-peru-na-ceia-de-natal/>>. Acesso em: 20/08/2018.

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=BIFaDwAAQBAJ&pg=PT699&lpg=PT699&dq=Qual+a+diferen%C3%A7a+entre+esse+amolecedor+de+fezes+e+o+laxante&source=>>>. Acesso em: 02/09/2018.

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://www.copobel.com.br/manicure/unhas/aspa/amolecedor%20de%20cut%C3%ADcula>>. Acesso em: 20/08/2018.

- (37) a. Negou-se o direito à defesa, como se viu nos julgamentos midiáticos que ignoraram, sem subterfúgios, o mérito da defesa, ao passo que o *acusador* não apresentou as mais elementares provas para justificar o pedido de condenação<sup>27</sup>.  
 b. Isso não é murmuração, não é se fazer de vítima, não é um comportamento *acusador*, mas reflete a preocupação da mãe em relação ao filho [...]<sup>28</sup>.
- (38) a. Silva atuou como ministro extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome durante o governo Lula e é o *criador* do programa Fome Zero<sup>29</sup>.  
 b. A mente *criadora* é aquela que consegue ir além do conhecimento e das sínteses convencionais e propor novas ideias e questões [...]<sup>30</sup>.

Além disso, o grupo das formações classificadas por Oliveira (2009) como adjetivos também apresentam comportamento distinto daquele descrito por ela, uma vez que, além de denotar eventualidades atributivas, como em (38b), também se referem a eventualidades denotativas, como em (38a). Elas expressam os estados dos argumentos de seus verbos. Podem ser verbos de causação interna, porém essas características também não determinam um comportamento adjetival. As formações em *-dor*, desse grupo, podem aparecer em contextos de adjetivo, como em (39b) e (40b), mas também podem ser encontradas em contextos em que funcionam como substantivos, como exemplificado em (39a) e (40a).

- (39) a. Para um bom *entendedor*, meia palavra basta<sup>31</sup>.  
 b. Olhando elenco por elenco, qualquer pessoa *entendedora* de futebol não terá muitas dificuldades para concluir que o do Bahia é muito [...]<sup>32</sup>.
- (40) a. O que seria de nós sem o talento dos *animadores* para tornar as nossas vida [...]<sup>33</sup>.

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://www.sinttelba.com.br/noticia/957/a-natureza-da-campanha-desumana-contra-o-candidato-lula>>. Acesso em: 02/09/2018.

<sup>28</sup> Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=TPQtDwAAQBAJ&pg=PT27&lpg=PT27&dq=Isso+n%C3%A3o+%C3%A9+murmura>>. Acesso em: 02/09/2018.

<sup>29</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Graziano](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Graziano)>. Acesso em: 02/09/2018.

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://psiqueereligiao.blogspot.com/2011/10/resenha-de-cinco-mentes-para-o-futuro.html>>. Acesso em: 02/09/2018.

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://administradores.com.br/artigos/para-bom-entendedor-meia-palavra-basta>>. Acesso em 22/08/2018.

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://blogs.uai.com.br/cantodogalo/vitoria-e-futebol-irritantes/>>. Acesso em: 22/08/2018.

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://www.ocamundongo.com.br/oito-animadores-da-disney/>>. Acesso em: 22/08/2018.

b. Notícia *animadora* para a economia nacional: Luana Piovani confirma que seu marido chegou de ressaca em casa<sup>34</sup>.

Como dito anteriormente, em sua análise, Oliveira (2009) propõe que o sufixo *-dor* seja especificado quanto ao aspecto. Se a gramaticalidade das palavras derivadas em *-dor* for atribuída à compatibilidade semântica entre os verbos base e o sufixo *-dor*, tiver, como traços caracterizadores, a agentividade e a habitualidade, seria, então, uma contradição à existência de formações que não denotam os agentes dos verbos base. Na verdade, o que parece acontecer, de acordo com os dados apresentados por Oliveira, é que as formações em *-dor* denotam os argumentos externos dos verbos, seja qual for seu valor semântico, como podemos atestar em (41a). Além disso, há formações que não denotam habitualidade, fato que indica que o sufixo, em tese, não poderia ser especificado quanto ao seu aspecto, assim como pode ser visto nos exemplos em (41b).

- (41) a. O estabelecimento *recebedor de mercadoria* sujeita à substituição tributária fica solidariamente responsável pelo pagamento do imposto<sup>35</sup>.
- b. *Ganhador da Mega da Virada* em Curitiba fez aposta simples<sup>36</sup>.

Nos exemplos em (41), as palavras sufixadas em *-dor* parecem não atender às predições no trabalho de Oliveira. O exemplo (41a) nos mostra que o sufixo *-dor* pode ser adjungido a verbos que não possuem argumento externo com valor agentivo, mas de beneficiário. Outras formações também fogem a esse padrão, como *entendedor*, *aquele que entende*. O exemplo (41b), por sua vez, apresenta uma derivação que não tem valor habitual, mas valor pontual, perfectivo.

Alexiadou e Schäfer (2010) discutem essa questão da agentividade e da leitura aspectual de formações do inglês sufixadas em *-er*, um sufixo muito semelhante ao *-dor* em vários aspectos, especialmente por também formar palavras deverbais que denotam os sujeitos dos verbos internos.

As autoras rejeitam a distinção das formações em termos de presença de estrutura de evento, uma vez que todas as formações com o sufixo podem ser enquadradas no que chamam

<sup>34</sup>Disponível em: <<https://novobardeferreirinha.blogspot.com/2017/07/noticia-animadora-para-economia-nacional.html>>. Acesso em: 22/08/2018.

<sup>35</sup>Disponível em: <[http://legislacao.sef.sc.gov.br/html/consultas/2015/con\\_15\\_070.htm](http://legislacao.sef.sc.gov.br/html/consultas/2015/con_15_070.htm)>. Acesso em: 20/01/2019.

<sup>36</sup>Disponível em: <<https://twitter.com/g1/status/1080113429623521280>>. Acesso em: 20/01/2019.

de generalização do argumento externo e denotam entidades com valor compatível com os argumentos externos das suas bases, ainda que não manifestem a estrutura argumental desses verbos.

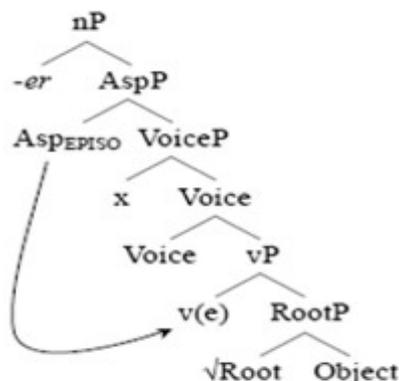
Para Alexiadou e Schäfer, o evento desencadeado por *v* não é suficiente para gerar uma estrutura de complemento e a diferença entre os nominais estaria, na verdade, em uma diferença aspectual. Nesse sentido, dissociam a manifestação da estrutura argumental da leitura eventiva, derivada da presença de verbo na estrutura, e propõem que a presença ou ausência de estrutura argumental possa estar relacionada a uma projeção *AspP*, que pode ser especificada como episódica ou disposicional, sendo o primeiro tipo responsável pela projeção da estrutura argumental.

Na discussão proposta, Alexiadou e Schäfer analisam as propriedades morfológicas das nominalizações com base nos pressupostos da Morfologia Distribuída, observando os seguintes aspectos: presença de morfologia verbal relacionada à camada verbal; o efeito semântico decorrente da presença de um evento; a produtividade e o significado idiossincrático da formação.

De acordo com a proposta, há um núcleo introdutor de argumento externo e os papéis temáticos estariam sujeitos ao que eles chamam de “sabores” de *Voice*. A camada nominal responsável pela leitura referencial desses nominais é expressa por *-er*, especificado para denotar o referente relativo aos argumentos externos do verbo, introduzidos, segundo os autores, pelo núcleo de *Voice*, acima de *v*, como podemos ver nas representações em (42).

(42) a. [+ event]-*er*-ASP<sub>EPISÓDICO</sub>

b. [- event]-*er*-ASP<sub>DISPOSICIONAL</sub>



(ALEXIADOU; SCHÄFER, 2010, p. 22)

A presença de estrutura argumental implica numa estrutura de evento, mas o contrário não seria verdadeiro. A proposta de Alexiadou e Schäfer é que as duas formas tenham a mesma estrutura sintática subjacente e que a diferença entre as leituras esteja nos operadores aspectuais. O operador episódico motiva a presença de estrutura de argumento, enquanto o operador disposicional, não.

Os nominais que não denotam o argumento externo do verbo base seriam considerados, pelas autoras, como formações de estrutura simples, derivadas diretamente da raiz e, por isso, seriam formações lexicalizadas. As evidências que Alexiadou e Schäfer advogam seriam a baixa produtividade, a interpretação idiossincrática e a ausência de morfologia de verbo em suas construções, como em (43).

- (43) a. diner (lugar para jantar)  
 b. sleeper (um trem em que se pode dormir)  
 c. toploader (tipo de máquina de lavar)  
 d. kneeler (almofado em que se ajoelha)  
 e. jotter (bloco para anotações)

(Adaptado de ALEXIADOU; SCHÄFER, 2010, p. 26)

Podemos perceber que as análises que Alexiadou e Schäfer fazem das nominalizações do inglês, são muito próximas daquela que Oliveira (2009) propõe para o sufixo *-dor* português, no sentido em que todas as formações devem ser eventivas. Analisando ambas as propostas, no entanto, percebemos que o *-er* do inglês seria marcado para ser inserido em um contexto verbal em que haja um núcleo *Voice*, como *-dor*, mas seria não marcado para aspecto, como acontece com o sufixo do português.

Além disso, na representação em (42), observamos que o *-er* do inglês é especificado categorialmente e seria inserido no nominalizador *n*, enquanto *-dor* não pode ser especificado para categoria. Oliveira (2009) propõe que o *-dor* seja inserido na projeção aspectual, porém o fato de ele poder ser interpretado com um disposicional, além de poder apresentar leitura perfectiva, quando episódico, como veremos mais adiante, seriam motivos para repensarmos a sugestão da autora quanto à especificação do aspecto gramatical das formações..

A partir das discussões propostas, podemos ver que ainda há muito que se investigar acerca da formação de palavras com o sufixo *-dor*. Dentre as propostas teóricas aqui abordadas, a proposta lexicalista parece ter encontrado soluções possíveis no que toca à ambiguidade das formações em *-dor*, como as propostas apresentadas por Basílio (1995).

Todavia, uma proposta estrutural parece dar conta, de maneira mais econômica, dos fenômenos que envolvem a formação de palavras, nesse caso, das formações em *-dor*, como dispomos nos capítulos que seguem.

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, descrevemos os aspectos linguísticos das formações em *-dor*, considerando as particularidades relativas às informações semânticas e sintáticas dos seus verbos base, afim de verificar as possíveis restrições e/ou exigências para o licenciamento de derivações envolvendo o sufixo em suas diferentes leituras. Pretendemos descrever o funcionamento do processo de formação de palavras em *-dor*, levando em conta a hipótese de este item ser subespecificado quanto a categoria e ao aspecto gramatical, considerando as propriedades propostas por Oliveira (2009) e Alexiadou e Schäfer (2010) apresentadas no Capítulo 2.

Apresentamos, neste capítulo, a análise de 262<sup>37</sup> ocorrências de formações em *-dor*. Consideramos a transitividade e a grade temática da base, com o objetivo observar se esses aspectos se refletem nas formações e/ou apresentam restrições à adjunção desse sufixo às bases verbais. Analisamos, também, se os traços que determinam as classes acionais dos verbos podem, de alguma forma, ser recuperados nas formações, interferindo nos tipos de leitura.

Este capítulo foi dividido em duas seções: na seção 3.1, analisamos as bases verbais quanto à transitividade e à grade temática; na seção 3.2, examinamos as formações em *-dor*, levando em conta as leituras apresentadas pelos dados encontrados e observando quais informações do verbo podem ter impacto no licenciamento ou restrição de tais leituras.

#### 3.1 SOBRE A GRADE ARGUMENTAL E TEMÁTICA

É lugar comum, na literatura, a afirmação de que o processo de formação de palavras deverbais manifesta características peculiares no que diz respeito à preservação de algumas propriedades do verbo base na palavra derivada, em especial, no que concerne à manutenção da grade argumental, bem como dos valores de seus argumentos (CHOMSKY, 1995; MARANTZ, 1997; ALEXIADOU, 2010).

Assim sendo, o fato de as palavras sufixadas em *-dor* serem deverbais implica na pressuposição de que as formações em *-dor* devam refletir as características dos verbos base.

---

<sup>37</sup> Foram analisados dados coletados em dicionários, *blogs*, jornais, revistas e sítios digitais em geral.

Na descrição de Oliveira (2009), o sufixo *-dor* adjunge-se a raízes que expressam agentividade<sup>38</sup>, como *correr*, em *corredor*. Nas palavras da autora,

O sufixo *-dor* é essencialmente um morfema agentivo e é a combinação entre os traços semânticos das raízes e o traço aspectual desse morfema que permite a realização de uma forma derivada. As raízes internas às formações derivadas denotam, majoritariamente, [causação externa]; daí o porquê de selecionarem um morfema [+agentivo]. (OLIVEIRA, 2009, p. 196).

Desse modo, entender como surgem as estruturas argumental e temática passa a ser importante também para a descrição das formações com o sufixo, uma vez que a agentividade, apontada, normalmente, como pré-requisito para essas formações, está relacionada ao papel temático do argumento externo da base verbal.

Fillmore (1967) desenvolve a ideia de que o mapeamento da estrutura argumental do verbo para a sintaxe é mediada pelo papel temático dos seus argumentos, no sentido de que existem muitas relações sintáticas, semanticamente relevantes, que envolvem os nomes e as estruturas que os contém e elas formam um conjunto finito específico. A partir dessa perspectiva, diversos trabalhos (JACKENDOFF, 1987; HALE; KEYSER, 1993; LEVIN; RAPPAPORT, 1995, 2005; RAMCHAND, 2008) tentaram desenvolver generalizações que pudessem explicar como se dá a atribuição dos papéis temáticos, bem como a própria constituição da estrutura argumental dos verbos.

Sobre a questão da determinação da estrutura argumental e temática, os estudos se dividem em versões projecionistas, em que um item lexical projeta seus argumentos, e construcionistas, em que itens lexicais são responsáveis pela projeção de argumentos (CHOMSKY, 1981; GRIMSHAW, 1990). Em versões projecionistas, o verbo projeta seus argumentos de acordo com suas propriedades imanentes que traz do léxico. Os verbos podem manifestar estruturas: i) intransitivas, que possuem somente um argumento obrigatório, como em (1a); ii) transitivas, com dois argumentos, como em (1b); iii) bitransitivas, com três argumentos, como em (1c).

- (1) a. Correr, nadar, cair, desmaiar;  
 b. Comer, encontrar, construir, poupar, perder;  
 c. Dar, emprestar, pagar, prover.

---

<sup>38</sup> Em seu trabalho, fica difuso o que a autora pretende identificar como agentivo. Designa como agentivo argumentos de verbos com valor *experienciador* e *causador*, sem explicar o que assume como agentividade.

Verifica-se ainda a possibilidade de verbos sofrerem alternância causativa-incoativa entre uma estrutura transitiva, como em (2a), e intransitiva, como em (2b).

- (2) a. João quebrou o vidro.  
b. O vidro quebrou.

Nos exemplos em (2), podemos ver que há uma relação entre as estruturas, considerando que a construção transitiva abarca a intransitiva. O evento pode ser estruturado de acordo com a perspectiva que o falante tem dele. Em (2a), temos uma estrutura em que são projetados o argumento externo, valor de causador, e o argumento interno, com valor de tema/paciente. No exemplo em (2b), por outro lado, temos uma versão intransitiva do mesmo evento, em que o argumento interno com valor tema/paciente é o único projetado e toma a posição de sujeito. O caso dos verbos de alternância é interessante por demonstrar a relação que se estabelece entre a grade argumental e temática, visto que parecem ser correlacionadas.

Dessa forma, é imprescindível pontuar que as projeções das estruturas argumentais, dentro da proposta projecionista, são posições temáticas<sup>39</sup>. O papel temático a ser atribuído deve obedecer a princípios relacionais dentro da estrutura argumental que, grosso modo, levando em conta uma das propostas de atribuição temática (BAKER, 1997<sup>40</sup>), o argumento mais alto dentro do VP, o argumento externo, tenderá a receber o papel temático de agente, enquanto o argumento interno deverá receber o papel temático de tema/paciente.

Dowty (1991), com objetivo de estabelecer um mecanismo de mapeamento dos argumentos verbais, propõe que a disposição dos argumentos nas posições sintáticas segue uma lógica que é ditada pelos papéis semânticos de tais argumentos. Pressupondo que a definição da grade temática seja dada pelos itens lexicais, Dowty propõe que os valores semânticos dos argumentos podem ser agrupados em dois tipos: proto-agentes e proto-pacientes. Os primeiros configuram os candidatos preferenciais para ocuparem a posição de sujeito, enquanto os últimos ocupariam a posição de objeto do verbo nesse processo de mapeamento dos itens lexicais para a sintaxe.

Esse mapeamento atrela-se à estrutura do evento que estaria em uma relação intrínseca com a semântica do verbo. Proto-agentes seriam argumentos cujo envolvimento no evento caracteriza-se pela: i) volição; ii) consciência/percepção; iii) causa de uma mudança de

<sup>39</sup> Nos termos da *Governrment and Binding Theory*, “all complements of a head are 0-positions apart from examples restructured by idiom rules [...]” (CHOMSKY, 1981, p. 36).

<sup>40</sup> De acordo com essa hipótese, cada papel temático está associado a uma posição estrutural específica.

estado; e iv) movimento (em relação a posição de outro participante do evento). Enquanto proto-pacientes consistem em argumentos cujas propriedades envolvem: i) uma entidade afetada, que pode passar por mudança de estado causada por um agente externo; ii) ser estacionário em relação ao movimento de outro participante; ou iii) ter tema incremental. Levando em consideração as características citadas, o primeiro tipo inclui os papéis temáticos de agente, causador e experienciador, e o segundo envolve os papéis tema e paciente.

Em propostas construcionistas, por outro lado, a estruturação do evento, bem como a atribuição de papéis temáticos, não estariam vinculadas às propriedades intrínsecas de itens lexicais, mas às projeções sintáticas que, se presentes, acarretam efeitos semelhantes àqueles atribuídos a uma estrutura argumental lexicalmente determinada. Trabalhos, como os de Alexiadou (2001, 2010), Ramchand (2008), Borer (2003, 2005) e Marantz (1997, 2013), têm endossado que os princípios básicos que relacionam os significados verbais às estruturas sintáticas, transcendem as idiosincrasias de itens lexicais individuais. Sobre essa questão, Marantz (2013) afirma que:

The flexibility in appearance of verbal roots in different syntactic/semantic frames is partially predictable from the meanings associated with the roots (so, other verbal roots naming states might parallel “open” in syntactic behavior), but the idiosyncrasies in use of verbal roots must be separated from the general, non-idiosyncratic connections between structure and meaning, both in a language and universally<sup>41</sup>. (MARANTZ, 2013, p. 155).

A partir desse ponto de vista, a construção da estrutura argumental estaria associada às projeções que se relacionam local e hierarquicamente, determinando as diversas possibilidades de leituras de eventos verbais encontradas nas línguas. Nessa perspectiva, propõe-se que as estruturas verbais são construídas a partir de um núcleo sintático, o qual introduz uma eventualidade e implica que a raiz, que ocupa tal núcleo, represente um evento.

Além disso, a proposta de Kratzer (1996), de separar o argumento externo da predicação verbal, agrega à estrutura do evento verbal outra projeção responsável pela introdução do argumento que manifesta as propriedades tradicionalmente vinculadas ao argumento chamado de externo, denominada *Voice*, que tomaria o evento em *vP* como seu complemento. A segmentação da estrutura do evento verbal, em *vP* e *VoiceP*, viabiliza uma

---

<sup>41</sup> “A flexibilidade na aparência de raízes verbais em diferentes quadros sintáticos/semânticos é parcialmente previsível a partir dos significados associados às raízes (assim, outros estados de nomeação de raízes verbais podem ser paralelos ao comportamento sintático), mas as idiosincrasias em uso de raízes verbais devem ser separadas das conexões gerais não idiosincráticas entre estrutura e significado, tanto em uma língua quanto universalmente.” (Tradução nossa)

explicação construcional para a estruturação temática, uma vez que seriam responsáveis pela introdução dos argumentos verbais com valores temáticos próprios para cada uma dessas projeções sintáticas<sup>42</sup>.

No que concerne à estruturação do evento verbal, Ramchand (2008) apresenta uma proposta em que a estrutura do evento e seus participantes sejam representadas na sintaxe, em uma estrutura que se corresponde sistematicamente ao significado. A partir desse ponto de vista, especificadores seriam interpretados como sujeitos do evento e descritores de eventualidade do verbo.

Nessa proposta de Ramchand, as projeções *initP*, *procP* e *resP* são projeções de evento que, na visão da autora, introduzem eventividades com argumentos de valores distintos. A projeção *initP* introduz um evento de causação e licencia o argumento externo, em que o sujeito de causa é o iniciador. *ProcP* especifica, por sua vez, a natureza da mudança ou processo e licencia uma entidade que passa por mudança ou processo. A projeção *resP* dá ao evento um estado de resultado e licencia uma entidade que representa esse estado de resultado (RAMCHAND, 2008, p. 212).

A autora ainda afirma que um aspecto importante da proposta consiste de relações que podem ser estabelecidas de maneira composicional, o que permite um sistema flexível que prescinde da especificação das entradas lexicais, as quais seriam subespecificadas em relação às estruturas que se adjungem. Dessa forma, a concepção de estruturação de evento proposta consente que um verbo possa ser identificado com mais de um tipo de evento, o que permite também a alternância do valor de seus participantes.

Levando em consideração a discussão acima, em uma análise sobre as formações deverbais em *-dor*, podemos inferir, a partir de descrições, até então, propostas na literatura, que as formações em *-dor* dependem de uma estrutura que permita a projeção de um argumento externo com valor de agente, seja ela resultado de propriedades inerentes do verbo ou dada por uma estrutura sintática, com uma projeção do tipo *VoiceP* ou *initP*.

Independente da proposta a ser considerada, a transitividade verbal estaria relacionada à presença e ao tipo de argumento que o evento verbal apresenta. Assim sendo, verbos que não projetam argumentos compatíveis com agentividade, atribuída ao argumento externo, ou *VoiceP/initP*, deveriam, em tese, apresentar restrições aos processos derivacionais com o sufixo *-dor*, visto que não projetariam um argumento com valor agentivo.

---

<sup>42</sup> Não pretendemos esgotar a discussão acerca das projeções que fazem parte da estruturação do evento verbal neste trabalho, mas queremos apontar para a possibilidade de haver essa segmentação para evidenciar a possibilidade de itens lexicais não selecionarem argumentos e, por conseguinte, não serem responsáveis pela atribuição temática.

Tendo em conta que formações em *-dor* exigem a presença de argumento externo e que o papel temático expresso por esse argumento seja de agente, Duarte (2003) propõe como teste para a identificação da inacusatividade verbal a impossibilidade de formação em *-dor*. Esse fato indicaria que a ausência de argumento externo, ou da projeção *VoiceP*, ou *initP*, seria uma restrição à adjunção do sufixo à estrutura verbal nominalizada.

No intuito de verificar em que medida o sufixo *-dor* se restringe à agentividade, com propõe Oliveira (2009), agrupamos as formações coletadas quanto à estruturação do evento, levando em consideração a quantidade de participantes e o seu valor semântico.

Considerando a análise das formações que constituem o *corpus* desta pesquisa, no que diz respeito às informações da grade argumental do verbo base, observamos que o sufixo *-dor* pode ser adjungido a bases verbais que selecionam um, dois ou três argumentos: intransitivos, transitivos e bitransitivos. Ademais, foram encontradas formações em *-dor* derivadas de bases intransitivas inacusativas, isto é, que não apresentam argumento externo.

As formações a partir de bases transitivas, ou seja, com dois argumentos, um argumento externo e outro argumento interno, aparecem em maioria nas ocorrências. As formações denotam os argumentos externos da base transitiva, com papel temático de experienciador e causador, além de agente, como propõe Oliveira (2009). A proposta de Oliveira parece indicar que a produtividade das formações em *-dor*, com esse tipo de verbo, tenha como consequência a definição da generalização do argumento externo como pré-requisito para a formação desse tipo de nominal. As formações analisadas neste trabalho que derivam de base transitiva podem apresentar três tipos de papéis temáticos: agente, como em (3a); causador, como em (3b); e experienciador, como em (3c).

- (3) a. *Consertadores* de aparelhos e objetos salvam a vida de muitas pessoas no dia adia<sup>43</sup>.
- b. Um *engajador* pode estar em qualquer posição hierárquica<sup>44</sup>.
- c. No post da quarta-feira passada, contei aqui a história de uma colega de trabalho que estava recebendo flores de um *admirador secreto*<sup>45</sup>.

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/consertadores-de-aparelhos-e-objetos-salvam-a-vida-de-muitas-pessoas-no-dia-a-dia>>. Acesso em: 20/08/2018.

<sup>44</sup> Disponível em: <<http://www.coachingconsultores.com.br/site/detalhe-artigos.php?id=12>>. Acesso em: 18/08/2018.

<sup>45</sup> Disponível em: <<https://blogs.ibahia.com/a/blogs/coisasdeliz/2011/02/23/a-resposta-do-admirador-secreto/>>. Acesso em: 10/11/2017.

No exemplo em (3a), *consertador* denota o argumento do verbo base *consertar* e corresponde a alguém que conserta objetos. A formação refere-se a uma entidade que apresenta traços de agentividade, como volição. Em (3b), *engajador* denota o argumento externo com valor causativo. Tal entidade pode ser definida pela paráfrase ‘aquele que causa *x*’, em que *x* é um evento verbal. Já no exemplo em (3c), *admirador* é um participante que tem consciência e percepção e, embora o argumento com esse papel não exprima volição, considera-se que ocupe a posição de argumento externo (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992).

Alexiadou e Schäfer (2010) assumem a generalização do argumento externo como pré-requisito para as formações em *-er*, sufixo agentivo da língua inglesa. Elas propõem que, além de agentes, tanto causadores quanto experienciadores, ocorram na posição de argumento externo e permitam a adjunção de *-er* a bases, cujo papel temático do argumento externo seja um causador ou experienciador. Além disso, DPs que indicam posse e instrumentos também poderiam ocorrer nessa posição argumental, uma vez que suas características permitem que eles sejam interpretados como experienciadores e causadores, respectivamente. Observamos que o mesmo ocorre com as formações em *-dor* do português, como podemos atestar nos exemplos em (4a) e (4b).

- (4) a. O *possuidor* de boa-fé - inquilino, comodatário, usufrutuário - terá, portanto, direito à indenização pelas benfeitorias efetuadas...<sup>46</sup>
- b. O *neutralizador* de senhas do MS Word não pode processar documentos criptografados<sup>47</sup>.

Em (4a), a formação *possuidor* denota argumento verbal que porta algo, enquanto *neutralizador*, em (4b), refere-se ao argumento de papel temático de valor instrumental<sup>48</sup>.

Quanto às palavras derivadas a partir de estruturas verbais bitransitivas, elas têm comportamento semelhante às formações derivadas de verbos transitivos. Todas denotam argumentos de valor agentivo, como nos exemplos em (5).

<sup>46</sup> Disponível em: <[https://pt.slideshare.net/consultoria\\_documental/1103-apelao-em-ao-de-resciso-contratual](https://pt.slideshare.net/consultoria_documental/1103-apelao-em-ao-de-resciso-contratual)>. Acesso em: 10/07/2018.

<sup>47</sup> Disponível em: <[http://www.rixler.com/pt/word\\_password\\_recovery.htm](http://www.rixler.com/pt/word_password_recovery.htm)>. Acesso em: 20/08/2018.

<sup>48</sup> As formações de valor instrumental e *possuidor* foram consideradas, em termos de quantificação, como causador e experienciador, respectivamente.

- (5) a. Por telefone, amigo de Temer acertou "encomenda" com *entregador* de propina<sup>49</sup>.  
 b. ONG contesta imagem de país *pagador* de propina<sup>50</sup>.  
 c. Entendo que serei o *provedor* financeiro do lar<sup>51</sup>.

Em (5a), a base *entregar*, na derivação com o sufixo *-dor*, forma uma palavra que faz referência ao argumento externo de valor agentivo, assim como as formações em (5b) e (5c), respectivamente, *pagador* e *provedor*.

Quanto às formações derivadas de verbos de estrutura intransitiva, verificamos um comportamento distinto no que tange à possibilidade de posição do único argumento que compõe o evento. Tais formações podem derivar de bases inergativas, ou seja, que apresentam apenas o argumento externo. Com relação ao papel temático desse argumento, pode ser de agente ou experienciador, como se vê em (6a) e (6b), respectivamente.

- (6) a. *Trabalhadores* de todo mundo, uni-vos<sup>52</sup>.  
 b. Temos um *sonhador* no Kremlin<sup>53</sup>.

As estruturas transitivas, bitransitivas e inergativas, por possuírem um argumento externo, não entram em contradição com as predições da literatura sobre o licenciamento das formações em *-dor*, uma vez que elas são caracterizadas justamente por formar palavras que fazem referência ao argumento externo dos verbos.

Todavia, há formações a partir de base intransitiva que denotam o argumento interno, de valor tema/paciente, verbos chamados, na literatura, de inacusativos. Tais bases são caracterizadas por admitirem participio absoluto e por ocuparem posições predicativas (DUARTE, 2003). Além disso, caracterizam-se por receberem caso nominativo mesmo sendo gerados internamente ao verbo.

Essas ocorrências contrariam a generalização do argumento externo, bem como a generalização de Oliveira (2009), em que a autora propõe que formações em *-dor* denotem

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://deivissonlopes.wordpress.com/page/45/?app-download=nokia>>. Acesso em: 10/11/2018.

<sup>50</sup> Disponível em: <[http://blogdomagno.com.br/ver\\_post.php?id=164501&pagina=9991](http://blogdomagno.com.br/ver_post.php?id=164501&pagina=9991)>. Acesso em: 10/11/2018.

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://www.linguee.com/portuguese-english/translation/provedor+do+lar.html>>. Acesso em: 10/11/2018.

<sup>52</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalhadores\\_do\\_mundo,\\_uni-vos!](https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalhadores_do_mundo,_uni-vos!)>. Acesso em: 10/11/2018.

<sup>53</sup> Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+IM-PRESS+20091207FCS66069+0+DOC+XML+V0//PT&language=PT>>. Acesso em: 10/11/2018.

agentividade, dado que verbos inacusativos não projetam agentes. Contudo, foram encontradas ocorrências derivadas de verbos desse tipo, como nos exemplos de (7) a (10).

- (7) a. Se for cidadão ordinário é mais barato, porque esse povo é mesmo do tipo *morredor*. Já se for figurão, bicho endinheirado<sup>54</sup>...
- b. Já tentaram me matar muitas vezes, mas eu não sou *morredor*<sup>55</sup>.
- c. Eu não matei não dotô, o cabra é que era *morredor*<sup>56</sup>.
- (8) a. O Boo, tadinho, é um bodinho *desmaiador*, uma raça de cabra doméstica que ao qualquer sinal de perigo, todos os seus músculos retesam<sup>57</sup>.
- b. Joga arroz - respondeu o semi desfalecido - concluindo, logo em seguida, a sua cena de recruta *desmaiador*<sup>58</sup>.
- (9) a. Entre 20% e 30% dos *caidores* (idosos com mais de duas quedas por ano) que sofreram alguma lesão apresentarão redução damobibilidade...<sup>59</sup>
- b. Estas estatísticas e a descrição de um perfil do idoso *caidor* se referem às quedas dentro do domicílio, onde pesa a influência dos fatores intrínsecos<sup>60</sup>.
- c. Apenas dois estudos avaliaram o impacto das quedas utilizando um instrumento específico para mesurar a qualidade de vida de um idoso *caidor*...<sup>61</sup>
- (10) a. Há touros mais *crecedores* (ganhadores de peso)...<sup>62</sup>
- b. Assim, se em bons *crecedores* tudo funciona, vou pela opção mais fácil, rápida e menos incomoda para o paciente...<sup>63</sup>
- c. Como esperado nessas condições, as espécies de fungos *crecedores* rápidos aquelas mais versáteis metabolicamente, foram mais numerosas<sup>64</sup>.

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://www.maxfranco.com.br/contos/presenca-de-espirito/>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>55</sup> Disponível em: <[https://twitter.com/malugaspar?protected\\_redirect=true](https://twitter.com/malugaspar?protected_redirect=true)>. Acesso em: 20/01/2019.

<sup>56</sup> Disponível em: <<https://tecnocibernetico.wordpress.com/2011/03/21/cronica-cabra-da-pesto-eu-nao-matei-nao-doto-o-cabra-era-que-era-morredor/>>. Acesso em: 20/01/2019.

<sup>57</sup> Disponível em: <<https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=32355>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>58</sup> Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=u8nEVEOjms8C&pg=PA38&lpg=PA38&dq=Joga>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>59</sup> Disponível em:

<[https://www.diariodaregiao.com.br/\\_conteudo/2018/06/vida\\_e\\_estilo/saude\\_e\\_beleza/1111074-evento-no-sesc-alerta-sobre-prevencao-de-quedas-em-pessoas-idosas.html](https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/2018/06/vida_e_estilo/saude_e_beleza/1111074-evento-no-sesc-alerta-sobre-prevencao-de-quedas-em-pessoas-idosas.html)>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>60</sup> Disponível em: <<https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2014/10/queda-idosos.pdf>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>61</sup> Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/929/92915180022/>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>62</sup> Disponível em: <<https://edcentaurus.com.br/ag/educacao/211/materia/8809>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>63</sup> Disponível em: <<https://publicinsta.com/hashtag/tecnicassw>>. Acesso em: 11/11/2018.

Na estrutura eventiva dos verbos base das formações de (7) a (10), *morrer*, *desmaiar*, *cair* e *crescer*, há apenas um argumento, o qual não pode ter atribuição de agentividade ou causalidade. O evento denotado pelos verbos tem um participante, que sofre uma mudança de estado, a partir de causas externas a ele. Esse participante tem valor de paciente no evento verbal, pois não participa volitivamente, não causa, muito menos tem consciência ou percepção sobre o ocorrido.

A existência de formações em *-dor* derivadas a partir de estruturas inacusativas, ou seja, que não projetam argumento externo, contraria as definições encontradas na literatura, visto que tais formações não encontram-se dentro do espectro temático esperado, apresentando propriedades semânticas atribuídas ao argumento interno, o qual, em geral, ocupa a posição de objeto. Em nenhum dos exemplos, é possível inferir algum tipo de volitividade, causatividade ou percepção, fato que confere ao evento características de estruturas inacusativas e, ao argumento referido, o *status* de argumento interno, de valor tema/paciente. É interessante observar, no entanto, que alguns desses verbos podem denotar um evento causativo, como podemos ver em (11).

- (11) a. Vocês pediram e eu trouxe um super um mega power *desmaiador* de cachos!<sup>65</sup>  
 b. [...] o líquido mágico “*crecedor*” de unhas não vai acabar<sup>66</sup>.

Em (11a), *desmaiador* denota uma entidade de valor causativo. Dessa forma, a estrutura de evento que subjaz a formação não pode ser inacusativa, uma vez que, nesse tipo de evento verbal, não existe um participante causador. É preciso, assim, postular que o verbo *desmaiar*, nesse caso, denota um evento que pressupõe dois participantes, um com valor de paciente e outro com valor de causador, formando uma estrutura transitiva. Assim, comporta-se como um verbo de alternância causativa-incoativa. O mesmo ocorre com a formação *crecedor*, em (11b). Nesse sentido, apesar de a formação sentencial causativa não ser comumente associada a esses verbos, podemos dizer que eles apresentam comportamento de alternância estrutural, como os que veremos em (12), a seguir.

<sup>64</sup> Disponível em: <<http://conic-semesp.org.br/anais/files/2017/trabalho-1000026094.pdf>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>65</sup> Disponível em: <<https://dlmusicas.pw/mp3/Yuli-Crespo.html>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>66</sup> Disponível em: <<https://www.loucaspoesmalte.com.br/2012/07/fortalecedores-unhas/>>. Acesso em: 11/11/2018.

Quanto aos verbos que permitem alternância entre estrutura transitiva e inacusativa, chamados, na literatura, de verbos de alternância causativo-incoativa, foram encontradas 18 ocorrências. Optamos por analisar separadamente esses verbos, cujo argumento externo em sua versão transitiva é um causador, a fim de verificar se, em caso de possibilidade de formação em *-dor*, a estrutura base seria a transitiva ou a inacusativa.

- (12) a. Cacitínea: uso, benefícios e como tomar esse poderoso *emagrecedor*<sup>67</sup>.  
 b. Finalmente encontrei o vampiro... o *enlouquecedor* de gente<sup>68</sup>.  
 c. Já que não inventaram um comprimido de emagrecimento instantâneo, *murchador* de barriga, cintura de violão, você cancela alimentação<sup>69</sup>.

Em (12), a formação em *-dor* refere-se a um produto, *Cacitínea*, que causa o emagrecimento, podendo ser parafraseado por “algo que causa emagrecimento a x”. Desse comportamento, pode-se concluir que é a versão transitiva que serve de base para a formação em *-dor*. O mesmo comportamento pode ser observado nos exemplos em (12b) e (12c). Não foi encontrada nenhuma ocorrência com tais formações em que as leituras sugerissem que há referência ao argumento interno com verbos que permitem alternância. No entanto, temos as ocorrências em (11) que, ao que parecem, demonstram que as formações em *-dor* podem denotar os participantes de ambos os tipos de eventos observáveis com esses verbos.

Até o momento, apresentamos formações em *-dor* que se referem a um dos argumentos verbais: i) ao argumento externo, derivadas de bases inergativas, transitivas e bitransitivas; e ii) ao argumento interno, derivadas de bases inacusativas. Todavia, as formações em *-dor* também podem se referir a elementos que participam do evento verbal, mas que não se constituem argumentos, tal como vemos nas formações em (13).

- (13) a. O *provador*, embora seja normalmente um espaço pequeno, é um ambiente que complexo que merece atenção<sup>70</sup>.  
 b. Diz que os brasileiros, depois de esculpirem, [...] uma vasília, querem agora transformar a vasília num *cuspidor*, ó Prado, uma escarradeira<sup>71</sup>.

<sup>67</sup> Disponível em: <<https://todasaudavel.com.br/womax-emagrecedor/>>. Acesso em: 20/08/2018.

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/59478068/o-fim-da-guerra-as-drogas>>. Acesso em: 20/01/2019.

<sup>69</sup> Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/1571419>>. Acesso em: 20/01/2019.

<sup>70</sup> Disponível em: <<https://www.lineastudio.com.br/provadores-pequenos-espacos-grandes-decisoes-de-compra/>>. Acesso em: 09/09/2018.

*Provador*, em (13a), refere-se a um lugar em que pessoas provam roupas. Da mesma forma, em (13b), *cuspidor* consiste em um elemento de valor locativo, uma vez que diz respeito ao lugar em que o evento verbal se realiza. Ambas as formações podem ser parafraseadas por “lugar em que alguém faz x”. Como essas características, temos algumas outras formações, *bebedor*, lugar em que se pode beber, em (14a); *nascedor*, lugar em que algo nasce, em (14b); *ajoelhador*, lugar em que se pode ajoelhar, em (14c).

- (14) a. Vendo um *bebedor* de água purificada da Europa água natural e gelada toda revisada trocado filtro mangueiras<sup>72</sup>.  
 b. Segundo ele, Minas Gerais é um "estado-*nascedor* de águas", [...] <sup>73</sup>.  
 c. O *ajoelhador* individual é inclinado para proporcionar maior conforto<sup>74</sup>.

É interessante destacar que essas formações também podem denotar os argumentos dos verbos, como demonstram as ocorrências em (15).

- (15) a. As papilas gustativas de um *provador* de café são tão importantes quanto as cordas vocais de um cantor<sup>75</sup>.  
 b. Contratar um *cuspidor* de fogo é uma das melhores formas para surpreender os teus convidados<sup>76</sup>.  
 c. Sei que seus joelhos de *ajoelhador* devem estar coçando, por falta de um rei a quem se dobrar.

Além disso, destacamos que os instrumentais em *-dor* não derivam exclusivamente de instrumentais causadores, que podem ocupar a posição de sujeito da sentença correspondente. Vejamos os exemplos em (16) e (17).

---

<sup>71</sup> Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=oaMoDwAAQBAJ&pg=PT22&lpg=PT22&dq=Diz+que+os+brasileiros>>. Acesso em: 13/09/2018.

<sup>72</sup> Disponível em: <<https://mt.olx.com.br/regiao-de-cuiaba/eletrodomesticos>>. Acesso em: 18/05/2019.

<sup>73</sup> Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1518/quarta.shtml>>. Acesso em: 13/09/2018.

<sup>74</sup> Disponível em: <<http://farimoveis.com.br/product-categories/capela-sant%C3%ADssimo>>. Acesso em: 20/01/2019.

<sup>75</sup> Disponível em: <[https://revistacafeicultura.com.br/index.php/envia\\_comentario.php?mat=27152](https://revistacafeicultura.com.br/index.php/envia_comentario.php?mat=27152)>. Acesso em: 20/01/2019.

<sup>76</sup> Disponível em: <<https://www.bookastreetartist.com/pt/animacao-fogo>>. Acesso em: 20/01/2019.

- (16) a. João neutralizou as senhas do MS Word com o software.  
b. O software neutralizou as senhas do MS Word.

- (17) a. João anda com o equipamento de rodinha.  
b. \*O equipamento de rodinha anda João.

Nos exemplos em (16), podemos ver que o DP adjunto *o software*, em (16a), pode ocorrer como sujeito da sentença, conforme em (16b), expressando o valor de causador/instrumental. Por outro lado, o DP adjunto *o equipamento de rodinha*, em (17a), não pode ocupar a posição de sujeito da sentença, como podemos observar em (17b). Também, podemos encontrar a formação *andador*, referindo-se ao adjunto instrumental, como em (18).

- (18) Os *andadores* podem fazer o bebê andar mais tarde e podem causar graves quedas que machucam o bebê<sup>77</sup>.

Retomando a ideia de que os deverbais podem herdar a grade argumental da base, verificamos também que nem sempre as formações derivadas de verbos que ocorrem com argumento interno, têm esse argumento realizado, ou por ser recuperado no discurso, como em (19), ou por ser intransitivizado, como em (20).

- (19) a. Quando o *encantador* abre o cesto onde está a serpente, ela se levanta naturalmente<sup>78</sup>.  
b. Nunca deixe o *traidor* pegar você bisbilhotando<sup>79</sup>.
- (20) a. Como lidar com um *paquerador*?<sup>80</sup>  
b. O *lavrador* que trabalha deve ser o primeiro a gozar dos frutos<sup>81</sup>.

Nos exemplos em (19), as formações *encantador*, em (19a), e *traidor*, em (19b), denotam o argumento externo de valor agentivo do verbo. Nestas ocorrências, apesar de não

<sup>77</sup> Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/andador-para-bebes/>>. Acesso em: 20/01/2019.

<sup>78</sup> Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-o-segredo-dos-encantadores-de-serpente/>>. Acesso em: 12/08/2018.

<sup>79</sup> Disponível em: <<https://blogs.ibahia.com/a/blogs/coisasdeliz/2011/03/28/o-celular-alheio/>>. Acesso em: 12/08/2018.

<sup>80</sup> Disponível em: <<https://pt.wikihow.com/Lidar-com-um-Paquerador>>. Acesso em: 12/08/2018.

<sup>81</sup> Disponível em: <[https://bibliaportugues.com/2\\_timothy/2-6.htm](https://bibliaportugues.com/2_timothy/2-6.htm)>. Acesso em: 12/08/2018.

estar manifestado explicitamente o argumento interno, podemos retomá-lo no contexto. É possível resgatar os argumentos internos no contexto. Em (19a), sabemos que o encantador encanta a serpente no cesto, enquanto em (19b), o traidor traiu o interlocutor do enunciado resgatado. No entanto, nas formações em (20), não há referência contextual ao argumento interno, apesar de ser possível uma referência a uma entidade genérica. Sabe-se que um *paquerador*, como em (20a), paquera pessoas, e que um *lavrador*, como em (20b), lavra a terra.

Da análise desses dados, podemos concluir que:

- (i) não é possível caracterizar *-dor* como agentivo, como propõe Oliveira (2009), uma vez que existem formações que denotam participante com valor de experienciador e paciente, além de denotar adjuntos locativos e instrumentos;
- (ii) formações em *-dor* não seguem a generalização do argumento externo, haja vista que a formação pode denotar também o argumento interno e adjuntos;
- (iii) o acréscimo de *-dor* a uma base verbal não serve como teste para a caracterização dos verbos inacusativos, visto que *-dor* adjunge-se também a bases desse tipo, opondo-se à proposta de Duarte (2003);
- (iv) as formações em *-dor* podem manifestar ou não a estrutura argumental do verbo base.

### 3.1.1 Aspecto Lexical

Tendo em vista a possibilidade de as formações deverbais refletirem as propriedades sintáticas e semânticas de sua base verbal, consideramos relevante verificar, além da grade argumental e temática, se o aspecto lexical<sup>82</sup>(classes vendlerianas/*aktionsart*), expresso por essa categoria, interfere, licenciando ou restringindo, na adjunção de *-dor*.

Com base nas noções já discutidas por Vendler (1967), Smith (1997) sistematiza a configuração das classes acionais, as quais resultam da combinação de três traços: [+/- dinâmico], [+/- durativo] e [+/- télico]. A partir da combinação desses três traços, os eventos se distribuem em quatro classes: estativa, atividade, *accomplishment*, *achievement*.

---

<sup>82</sup>O aspecto lexical diz respeito às informações semânticas, conceituais, relativas à temporalidade interna das situações que os verbos denotam, diferente do aspecto gramatical, que faz referência ao ponto de vista acerca de um determinado evento factual, com uma perspectiva/foco particular em relação ao evento referido.

Aprimeira diferenciação entre as situações estabelece-se entre situações dinâmicas e estáticas. Smith (1997) argumenta que a distinção entre estaticidade e dinamicidade é fundamental e divide os tipos de situação entre estados, que são [-dinâmicos], e eventos, [+dinâmicos]. Situações estáticas caracterizam os verbos estativos, de modo que todo verbo não dinâmico consiste em uma situação de estado.

(21) VERBOS ESTATIVOS

Amar, conhecer, entender, supor, desejar, preferir, etc.

(22) VERBOS DINÂMICOS

Correr, cair, cantar, construir, enrolar, escrever, comer, sair, etc.

Smith afirma que verbos estativos, como em (21), denotam uma situação homogênea, indiferenciada em um período de tempo. Ela afirma ainda que essa distinção tem correlatos linguísticos que variam para cada língua. No inglês, por exemplo, verbos estativos restringem construções progressivas, como exemplificado em (23).

(23) \*Kim was knowing the answer.

(\*Kim estava sabendo a resposta.)

(SMITH, 1997, p. 40)

Verbos dinâmicos, como em (22), por outro lado, consistem em sucessivos estágios que ocorrem em diferentes momentos. As situações [+ dinâmicas] subdividem-se a partir dos traços de telicidade e duratividade. Eventos télicos apresentam um ponto final natural e podem ser [+/- durativos], traço que distingue os verbos do tipo *accomplishment*, [+durativo], como em (24), dos verbos do tipo *achievement*, [- durativo], como em (25). Eventos atélicos, por sua vez, constituem atividade, como em (26). Ou seja, são situações que não têm um ponto final natural a ser atingido e podem parar a qualquer momento, pois não há um resultado/efeito a ser alcançado.

(24) Construir, pintar, enrolar, etc.

Traços: [+dinâmico], [+durativo], [+télico]

(25) Cair, rasgar, apostar, etc.

Traços: [+dinâmico], [-durativo], [+télico]

(26) Correr, investigar, batalhar, etc.

Traços: [+dinâmico], [+durativo], [-télico]

É preciso pontuar que a telicidade que diferencia verbos de atividade de verbos de *accomplishment* depende também da propriedade dos elementos que compõem a situação. Smith (1997) afirma que os verbos, juntamente com seus argumentos, contribuem com o tipo de situação (classe acional). A autora propõe que a construção dos tipos de situação deve ser resultado da interpretação dos componentes que complementam o sentido do verbo. Dessa forma, os traços dos elementos nominais que completam o núcleo verbal são relevantes para a construção do tipo de situação. O fato de o complemento ser contável ou massivo implica na alteração do tipo de situação, uma vez que desse traço depende a completude do evento. Vejamos os exemplos a seguir.

(27) a. He played sonatas.

(Ele tocou sonatas.)

b. He played a sonata.

(Ele tocou uma sonata.)

(SMITH, 1997, p. 20)

No exemplo em (27a), a situação denotada pelo verbo *play* e seu complemento manifesta os traços [+durativo] e [-télico], conjunto de traços compatíveis com a situação de atividade. Em (27b), o verbo *play* denota uma situação de *accomplishment*. A diferença aspectual pode ser explicada pela natureza do argumento interno do verbo. No primeiro exemplo, o complemento de *construir*, *sonatas*, é indefinido, pois não há implicação de singularidade e, sendo massivo, indica generalidade, em oposição ao exemplo em (27b). No exemplo em (27a), o complemento não contável do verbo implica que a situação do evento deva ser interpretada como uma atividade. A completude não pode ser alcançada, visto que *sonatas* não pode ser lido como um alvo concreto.

Além disso, tendo como suporte o trabalho de Vendler (1967), Smith (1997) propõe uma quinta classe aspectual, a dos semelfactivos. De acordo com a autora, essa classe abriga situações constituídas de múltiplas eventualidades, as quais são, em si, pontuais, como vemos nos exemplos em (28).

(28) Tossir, piscar, roer, martelar, etc.

Traços: [+dinâmico, [-durativo], [-télico]

A identificação das classes aspectuais de um verbo pode ser orientada por testes que levam em conta os acarretamentos semânticos ou mesmo restrições em determinados contextos linguísticos. Isso ocorre, de acordo com Smith, porque as informações semânticas, que distinguem o aspecto lexical, têm repercussão na manifestação linguística dos verbos e, por isso, podem definir padrões de coocorrência com advérbios e do aspecto gramatical (SMITH, 1997, p. 17). Vejamos os exemplos que seguem.

(29) a. \*João admirou Maria às quatro horas.

b. João admirou Maria por quatro horas.

c. ?João admirou Maria em quatro horas.

(30) a. \*João construiu a casa às quatro horas.

b. ?João construiu a casa por quatro horas.

c. João construiu a casa em quatro horas.

(31) a. João caiu às quatro horas.

b. ??João caiu por quatro horas.

c. ?João caiu em quatro horas.

(32) a. ?João andou às quatro horas.

b. João andou por quatro horas.

c. ?João andou em quatro horas.

(33) a. João tossiu às quatro horas.

b. João tossiu por quatro horas.

c. ?João tossiu em quatro horas.

Como podemos ver, a presença dos adjuntos de tempo evidencia as propriedades temporais de cada situação verbal. Os verbos de atividade, assim como os estativos e os semelfactivos, ocorrem com a expressão “por x tempo”, a qual indica um evento que não

apresenta um ponto final definido, como podemos ver nos exemplos (29b), (32b) e (33b). Verbos de *accomplishment*, por serem télicos, quando acompanhados por essa expressão, implicam em um evento não acabado, como podemos ver em (30b).

Verbos de *achievement*, por sua vez, em situações normais, não ocorrem com a expressão “por x tempo” ou “em x tempo”, uma vez que elas indicam duratividade. Porém, quando ocorrem, têm implicações peculiares. Com verbos dessa classe aspectual, “em x tempo” indica o tempo em que o evento tomou para ocorrer. Por outro lado, “por x tempo” implica em um recorte interno específico, dada uma mudança perceptual da duratividade do evento, como observado em (31b) e (31c). Por ser pontual, soa natural com a expressão “a x tempo”, como pode ser verificado em (31a).

Além disso, verbos de atividade, estado e semelfactivo, apesar de serem atélicos, podem ocorrer com as expressões “em x tempo” e “a x tempo”, que indicam uma situação [+télica], porém apresentam implicações semânticas específicas na leitura, como o momento de início do evento, ou mesmo o momento em que o evento parou de acontecer, como podemos ver nos exemplos (32a), (29c) e (33a).

Smith propõe que os verbos de *achievement* podem ser identificados por poderem coocorrer com expressões como “a x tempo”, devido à compatibilidade temporal, uma vez que a expressão indica pontualidade. Outro teste importante na identificação desse tipo de situação é que, se ocorrem como complemento do verbo *parar*, indica uma habitualidade interrompida e não a interrupção de um evento específico, como em (34).

(34) João parou de cair.

Por outro lado, em geral, os verbos de *achievement* não podem ocorrer com expressões que indicam duratividade como “por x tempo” ou “em x tempo”. Se ocorrerem com essas expressões, existe um acarretamento semântico específico, no qual se percebe a inferência de repetição do evento, ou que a duratividade refere-se a outro evento, diretamente relacionado, mas não coincidente com o evento do verbo de *achievement*, como fica claro nos exemplos (31b) e (31c).

Além das classes aspectuais apresentadas por Vendler e Smith, Dowty (1979) define uma nova classe, chamada de *degree achievement*, que apresenta um desenvolvimento progressivo da situação, porém se concretiza em um momento pontual, final. Construções sentenciais com verbos desse tipo soam naturais com expressões que indicam ponto final,

como “a x tempo” ou “em x tempo”, conforme os exemplos (35a) e (35c). A expressão “por x tempo” pode ocorrer, mas a completude do evento não está implicada, como se nota em (35b).

- (35) a. O gelo derreteu às quatro horas.  
 b. O gelo derreteu por quatro horas.  
 c. O gelo derreteu em quadro horas.

A fim de verificar se o aspecto lexical da base apresenta algum tipo de restrição à adjunção de *-dor*, analisamos as formações levando em conta as seis classes descritas nesta seção: estativa, atividade, *accomplishment*, *achievement*, semelfactiva e *degree achievement*. Considerando o tipo de situação denotada pelos verbos base, as ocorrências encontradas revelaram que não há restrição no que concerne ao aspecto lexical dos verbos para a formação em *-dor*, visto que o sufixo *-dor* pode ser adjungido a verbos de qualquer das classes acionais, como se pode ver nos exemplos de (36) a (41).

(36) ESTATIVA

- a. Porquanto haveis falado coisas vãs (...) vida às que não deviam viver, mentindo ao meu povo *acreditador* de mentiras<sup>83</sup>.  
 b. Pra bom *entendedor*, meia palavra basta<sup>84</sup>.  
 c. Como se tornar um *conhecedor* de vinhos<sup>85</sup>.

(37) ATIVIDADE

- a. Completar uma maratona é o sonho de muitos *corredores*<sup>86</sup>.  
 b. Quanto ganha o *investigador* da polícia civil?<sup>87</sup>  
 c. Os *seguidores* de Jesus eram chamados pessoas do caminho<sup>88</sup>.

(38) ACCOMPLISHMENT

- a. Análise de alguns princípios *norteadores* do Direito de Família [...] <sup>89</sup>.

<sup>83</sup> Disponível em:

<<http://bibliadocaminho.com/ocaminho/TXavieriano/Livros/Cea/..%5C..%5C..%5CTDivino/VT/VTP/Ez/Ez13.htm>>. Acesso em: 12/09/2018.

<sup>84</sup> Disponível em: <<https://administradores.com.br/artigos/para-bom-entendedor-meia-palavra-basta>>. Acesso em: 12/09/2018.

<sup>85</sup> Disponível em: <<https://pt.wikihow.com/Se-Tornar-um-Conhecedor-de-Vinhos>>. Acesso em: 12/09/2018.

<sup>86</sup> Disponível em: <<http://suacorrida.com.br/canal/the-finisher/10-historias-para-motivar-voce-a-correr-uma-maratona/>>. Acesso em: 12/09/2018.

<sup>87</sup> Disponível em: <<https://www.vagas.com.br/cargo/investigador-de-policia>>. Acesso em: 12/09/2018.

<sup>88</sup> Disponível em: <<https://perguntas.gospelmais.com.br/com-que-nome-eram-conhecidos-os-seguidores-de-cristo-jesus.html>>. Acesso em: 12/09/2018.

- b. Eliseu chega ao aeroporto e diz ao delegado que é o *falsificador* do quadro<sup>90</sup>.
- c. Procure desenvolver uma análise para o aspecto *padronizador* das reformas<sup>91</sup>.

(39) ACHIEVEMENT

- a. Quem foi o *fundador* do reino franco?<sup>92</sup>
- b. O número de *ganhadores* da Mega-Sena da Virada de 2017 é recorde na história da Mega da Virada e da Mega-Sena<sup>93</sup>.
- c. Enquanto os neoliberais batem cabeça, um outro *salvador* da pátria...<sup>94</sup>

(40) SEMELFATIVO

- a. 8 coisas que só os *roedores* de unha vão entender<sup>95</sup>.
- b. Um livro de Bruno Munari recheado de máquinas imaginárias com nomes e utilidades irresistíveis como - a "máquina para cheirar flores artificiais" ou o "acenador de lenços para partidas de comboios"<sup>96</sup>.
- c. Deve ser um hábito nupcial, um alarde festivo ao sexo, com a participação de damas e galantes, que se candidatam não apenas à junção feliz mas às gargalhadas do público *aplaudidor*<sup>97</sup>.
- d. Ah, ia esquecendo, nos cursos de kumite que fiz com mestres Japoneses estudamos quando usar o saltito e quando pegar o *saltitador* que não sabe usar...<sup>98</sup>

(41) DEGREE ACHIEVEMENT

- a. Chamou a atenção no espaço um apiário feito em cavaletes anti-formigas e um *derretedor* de cera movido a energia solar<sup>99</sup>.

<sup>89</sup>Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/56132/principios-norteadores-do-direito-de-familia>>. Acesso em: 12/09/2018.

<sup>90</sup>Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/download/8637251/4973>>. Acesso em: 04/01/2019.

<sup>91</sup>Disponível em: <<https://brainly.com.br/tarefa/18629770>>. Acesso em: 12/09/2018.

<sup>92</sup>Disponível em: <<https://brainly.com.br/tarefa/8484879>>. Acesso em: 12/09/2019.

<sup>93</sup>Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/numero-de-ganhadores-da-mega-da-virada-foi-recorde-veja-estatisticas.ghtml>>. Acesso em: 06/05/2018.

<sup>94</sup>Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/autor/luiz\\_fernando\\_ruffato\\_de\\_souza](https://brasil.elpais.com/autor/luiz_fernando_ruffato_de_souza)>. Acesso em: 06/05/2018.

<sup>95</sup>Disponível em: <<https://www.guiadasemana.com.br/comportamento/noticia/12-frases-que-os-roedores-de-unha-nao-aguentam-mais-ouvir>>. Acesso em: 12/09/2018.

<sup>96</sup>Disponível em: <<https://tue-tue.typepad.com/tuetue/2008/02/machines.html>>. Acesso em: 12/09/2018.

<sup>97</sup>Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=IrFcBAAQBAJ&pg=PT249&lpg=PT249&dq=p%C3%BAblico+aplaudidor.&source=bl&ots=ZGtYD6-25z&sig=ACfU3U3DjrftFBaDzb3OQjzCquH4pcltmA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwix2tOl9rDjAhX0ErkGHc2CDosQ6AEwBXoECAkQAQ#v=onepage&q=p%C3%BAblico%20aplaudidor.&f=false>>. Acesso em? 12/09/2018.

<sup>98</sup>Disponível em: <<http://www.karateca.net/forum/eventos-de-karate/t2039/15/>>. Acesso em: 06/05/2018.

- b. A unidade *enriquecedora* de urânio fica em Resende (RJ) e os primeiros testes, ainda sem urânio, devem começar em maio<sup>100</sup>.
- c. Finalmente encontrei o vampiro... o *enlouquecedor* de gente<sup>101</sup>.
- d. Cacitínea: uso, benefícios e como tomar esse poderoso *emagrecedor*<sup>102</sup>.

Em adição a isso, observando as formações em *-dor*, verificamos também a possibilidade de alteração na acionalidade da base verbal, condicionada pela referencialidade do DP interno à formação, como em (42).

- (42) a. Olá Lúcia, a estelionatária é justamente a *falsificadora* do documento. Os cheques são roubados, não são da própria ladra<sup>103</sup>.  
[+dinâmico; +durativo; +téllico]
- b. PF apreende quadrilha *falsificadora* de agrotóxicos<sup>104</sup>.  
[+ dinâmico; +durativo; - téllico]

Nesta seção, observamos também que formações em *-dor*, derivadas de uma mesma base verbal, podem denotar eventos de *accomplishment* ou atividade, alternância motivada pelas propriedades do argumento interno da formação. Se [+ definido], derivam situações téllicas, de *accomplishment*; se [- definido], derivam situações atélicas. Além disso, descrevemos as propriedades que definem o aspecto lexical.

Na próxima seção, discorreremos sobre como as propriedades aspectuais do verbo podem interferir na construção de significado das palavras derivadas em *-dor*.

### 3.2 TIPOS DE LEITURA NAS FORMAÇÕES EM -DOR

<sup>99</sup> Disponível em: <<http://www.emater.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=5028&tit=Derretedor-de-mel-movido-a-energia-solar-e-destaque-da-Emater-no-Show-Rural>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>100</sup> Disponível em: <<http://www.horadopovo.com.br/2003/outubro/10-10-03/pag2a.htm>>. Acesso em: 05/06/2018.

<sup>101</sup> Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=5xaTAwAAQBAJ&pg=PT195&lpg=PT195&dq=a.%09Finalmente+encontrei+o+vampiro...+o+enlouquecedor+de+gente.&source=bl&ots=>>>. Acesso em: 05/06/2018.

<sup>102</sup> Disponível em: <<https://todasaudavel.com.br/womax-emagrecedor/>>. Acesso em: 20/08/2018.

<sup>103</sup> Disponível em: <<http://www.jequiereporter.com.br/blog/2013/07/16/estelionataria-aplicou-golpes-em-lojas-do-comercio-de-jequie/>>. Acesso em: 05/06/2018.

<sup>104</sup> Disponível em: <[https://www.agrolink.com.br/noticias/pf-apreende-quadrilha-falsificadora-de-agrotoxicos\\_30461.html](https://www.agrolink.com.br/noticias/pf-apreende-quadrilha-falsificadora-de-agrotoxicos_30461.html)>. Acesso em: 05/06/2018.

Como amplamente discutido na literatura, as formações que derivam de verbos podem herdar propriedades semânticas e sintáticas de suas bases, como aspecto lexical, grade temática e grade argumental. A herança de tais características tem sido associada à presença de uma eventualidade (GRIMSHAW, 1990; ALEXIADOU, 2010; HARLEY, 2010, entre outros autores). As formações com o sufixo *-dor* não fogem a esse padrão e, como visto nas seções anteriores, mantêm estreita ligação com seus verbos base através da grade argumental e temática, ora formando substantivos, ora adjetivos, mantendo as mesmas características.

As formações em *-dor* têm sido caracterizadas como formações agentivas, o que pressupõe um leitora eventiva. No entanto, Alexiadou e Schäfer (2010), ao analisar as formações em *-er*, do inglês, semelhantes às formações em *-dor*, do português, propuseram que elas fossem divididas em eventivas (*teacher, opener*) e não-eventivas (*kneeler, jotter*). Posteriormente, Alexiadou e Schäfer (2010) abandonam essa terminologia, principalmente pelo fato de que todas as formações em *-er* passam por uma camada verbal, logo seriam todas eventivas, e propõem que essas formações se caracterizam por serem episódicas, que pressupõem a existência de um evento factual, ou disposicionais, que não pressupõem a existência de um evento, mas a capacidade/possibilidade de o evento existir, conforme apresentado na seção 2.3.

Assumindo a proposta por Alexiadou e Schäfer, analisamos a leitura das formações em *-dor*, buscando encontrar correspondência nos dados do português, e observamos que os dados do português demonstram que essas formações também expressam leitura episódica ou disposicional, como será demonstrado nas seções seguintes. Além disso, os dados apontaram para uma subdivisão na leitura das formações episódicas: há formações que expressam eventos imperfectivos, habituais ou contínuos, bem como formações de eventos perfectivos. Observamos também que as formações em *-dor*, do português, podem denotar entidades mediadoras, as quais lexicalizam<sup>105</sup> adjuntos.

A distinção entre os tipos de leitura observadas será apresentada em duas subseções. Na subseção 3.2.1, discutimos as formações episódicas que, por pressuporem um evento factual, carregam marcações do aspecto gramatical. Em 3.2.2, discutiremos sobre as formações disposicionais que, por sua vez, não manifestam aspecto gramatical, mas, aparentemente, modalidade.

---

<sup>105</sup>Uso o termo 'lexicalizar' com o sentido de 'denotar'.

### 3.2.1 Leitura Episódica

Nesta subsecção, discutimos as formações episódicas, ou seja, formações que envolvem um evento factual. De acordo com os dados encontrados, a leitura episódica das formações em *-doré* obtida a partir da interação das propriedades definidoras do aspecto lexical do verbo e do aspecto gramatical.

#### 3.2.1.1 O Aspecto Gramatical

Visto que as noções que envolvem o aspecto lexical já foram discutidas na seção anterior, discorreremos, agora, sobre a relação entre os tipos de aspecto, dando maior ênfase à definição do aspecto gramatical. No que diz respeito a essa questão, julgamos importante retomar, rapidamente, a distinção entre os tipos de aspecto a que fazemos referência.

Conceitualmente, de acordo com Comrie (1976), enquanto o aspecto lexical aponta para as características que envolvem a temporalidade interna de uma situação verbal, como discutido na seção 3.1, o aspecto gramatical refere-se ao ponto de vista externo de um determinado evento. São noções distintas. O aspecto lexical encontra-se no nível lexical, caracterizado por propriedades do aspecto da situação interna, como dinamicidade, duratividade e telicidade, enquanto o aspecto gramatical “toma dimensões para além do item verbal isoladamente”, segundo Wachowicz e Foltran (2006, p. 13). Como já foi abordamos o aspecto lexical na seção anterior, nesta seção, discorreremos com mais detalhe as propriedades do aspecto gramatical e suas nuances.

Conforme Comrie (1976), o aspecto gramatical envolve duas possíveis perspectivas em relação a um evento: perfectiva ou imperfectiva. Enquanto a perfectividade indica o ponto de vista da situação como um todo único, eventos imperfectivos dão ênfase à estrutura interna da situação, como podemos ver nos exemplos (43) e (44), respectivamente.

(43) PERFECTIVO

I tried to persuade him.

(Eu tentei persuadi-lo)

(44) IMPERFECTIVO

John was working (when I entered).

(João estava trabalhando (quando eu entrei))

(COMRIE, 1976, pp. 21-25)

Os exemplos, em (43) e (44), expressam a oposição entre os tipos aspectuais, de forma a demonstrar que a perfectividade prescinde de uma referência à estrutura interna do evento, enquanto a imperfectividade, contrariamente, de acordo com Comrie, é caracterizada justamente por fazer referências às propriedades internas da situação verbal. No entanto, a falta de referência à temporalidade interna não se traduz a alguma restrição ao tipo de verbo. Por esse motivo, um evento perfectivo não pode ser definido a partir da descrição de um evento em termos de duração, dado que tanto eventos perfectivos quanto imperfectivos podem ou não apresentar essa propriedade. Ambos são compatíveis com expressões temporais, como uma hora, dez anos, etc., que indicam duração no tempo, conforme os exemplos (45) e (46).

(45) PERFECTIVO

He reigned thirty yeais.

(Ele reinou por trinta anos)

(46) IMPERFECTIVO

John wasworkingwhen I entered.

(John estava trabalhando quando eu entrei.)

(COMRIE, 1976, pp. 19-25)

O exemplo em (45) evidencia que um evento perfectivo pode expressar duração da mesma forma que um evento imperfectivo. As expressões que indicam duração são distintas apenas para classes acionais. Os verbos de atividade, estativo e *accomplishment*, por exemplo, são durativos e, portanto, compatíveis com expressões temporais durativas, em oposição aos verbos de *achievements* que são pontuais e, por isso, incompatíveis com essas expressões. Assim sendo, a perfectividade, que não se define através dessa propriedade, pode denotar eventos que transcorrem no tempo, com início, meio e fim.

Dito isso, Comrie dissocia a perfectividade da ausência de duratividade, uma vez que esse traço não se restringe a eventos imperfectivos, como pode ser visto no exemplo em (45). Para o autor, um evento perfectivo implica na falta de referência à temporalidade interna, mas não na ausência de duração. Desse modo, do ponto de vista perfectivo, as propriedades das

classes aspectuais não são relevantes, haja vista que, como já dito, ele toma o evento enquanto uma unidade fechada, com início e fim, independente da classe aspectual do verbo.

Ainda de acordo com Comrie, o aspecto imperfectivo faz referência à constituição interna dos eventos e pode expressar dois tipos de evento: evento habitual, como em (47), e contínuo, sendo que este último subdivide-se em progressivo, evento dinâmico, como em (48a), e não progressivo, evento com características de estatividade, como em (48b).

(47) HABITUAL

I used to get up early.

(Eu costumava acordar cedo.)

(48) CONTÍNUO

a. John is singing.

(John está cantando –progressivo.)

b. John knew that he was speaking too quickly.

(John sabia que estava falando muito rápido.)

(COMRIE, 1976, pp. 26-34)

Como podemos observar na discussão em Comrie, cada expressão do imperfectivo é definida por propriedades particulares, que podem estar relacionadas a algumas propriedades do aspecto lexical. Observando o exemplo em (47), é possível perceber que eventos habituais podem ser definidos por apresentarem repetição. Entretanto, Comrie afirma que essa propriedade não é suficiente para definir esse tipo de evento, uma vez que a iteratividade não é equivalente a habitualidade. A repetição de um evento não implica em frequência, como pode ser observado no contraste entre os exemplos em (49).

(49) a. João chegou tarde em casa três noites seguidas na semana passada.

b. João costumava chegar tarde em casa aos fins de semana.

O exemplo em (49a) apresenta uma situação que se repete, mas sua ocorrência é delimitada, localizada e não pressupõe constância. A habitualidade, por outro lado, requer constância. A definição de um evento como habitual, como em (49b), pressupõe uma situação que se repete com periodicidade e isto caracteriza um período de tempo, sendo, desse modo, uma propriedade definidora desse período. Por esse motivo, segundo Comrie, a habitualidade

constitui em uma situação-característica. A simples iteração, como se vê em (49a), não pode corresponder a habitualidade.

Ainda com base em Comrie, eventos contínuos pressupõem duratividade, diferente da habitualidade, que não dialoga com as propriedades do aspecto lexical. Além disso, esse tipo aspectual seria definido em oposição ao habitual, visto que não pode se referir a um evento regular. Conforme o autor, a progressividade é definida em termos de estatividade, dado que define progressividade como uma combinação de continuidade e não estatividade.

Como dito anteriormente, os eventos contínuos progressivos podem apresentar progressão no tempo, possíveis somente com verbos não estativos, como no exemplo em (48a). Por outro lado, o aspecto contínuo não progressivo define-se pela combinação de continuidade e estatividade, como podemos observar em (48b). Além disso, de acordo com Comrie, a progressividade indica um evento que enquadra outro evento, como pode ser observado no exemplo em (50). Os eventos não progressivos contínuos, por sua vez, indicam uma situação-estado.

(50) When I visit John, he'll be reciting his latest poems.

(Quando eu visitar John, ele vai estar recitando seus últimos poemas.)

(COMRIE, 1976, p. 30)

Sumarizando a discussão feita por Comrie, em termos da classificação acional dos verbos, eventos [-dinâmicos] não podem apresentar progressividade, dado que não apresentam estágios internos e, por isso, são eventos homogêneos, nos termos de Smith (1997)<sup>106</sup>. Da mesma forma, pensando na oposição posta por Comrie, verbos [+ dinâmicos] podem apresentar progressividade, em razão de serem situações não homogêneas, cuja constituição interna pressupõe estágios<sup>107</sup>.

A partir dessa discussão, podemos observar que a oposição entre o aspecto perfectivo e o imperfectivo, não se define por propriedades inerentes da situação apresentada pelo verbo, uma vez que elas são definidoras do aspecto lexical dos verbos. Contudo, vimos que o aspecto

<sup>106</sup>States are the simplest situation type. They consist of a single, undifferentiated period.

“Estados são os tipos de situação mais simples. Eles compreendem um período único, indiferenciado.” (SMITH, 1997, p. 19)(Tradução nossa).

<sup>107</sup>The natural class of events comprises all non-stative situations. Events are dynamic [...]. They consist of successive stages which occur at different moments, and thus have the ‘stage property’.

“A classe natural de eventos compreende todas as situações não estativas. Eventos são dinâmicos [...]. Eles compreendem sucessivos estágios que ocorrem em diferentes momentos portanto tem a propriedade de estágio” (SMITH, 1997, p. 19) (Tradução nossa).

contínuo restringe-se às situações verbais que apresentam o traço de duratividade, de modo que verbos [-durativos], como os *achievement*, não apresentam esse tipo de leitura<sup>108</sup>. O traço de dinamicidade, por sua vez, importa à oposição progressivo *versus* não progressivo, dado que eventos progressivos têm de ser, obrigatoriamente, [+dinâmicos].

Comrie afirma que o aspecto imperfectivo, por fazer referência às propriedades internas da situação verbal ([+/-dinâmico] e [+/-durativo]), evoca as propriedades do aspecto lexical na leitura desses eventos, diferente dos eventos perfectivos, para os quais tais propriedades não são relevantes.

Ainda de acordo com Comrie, as formas perfectivas de alguns verbos, como de alguns estativos, indicam uma leitura inceptiva, ou seja, refere-se ao início de uma situação, como em (51a). No que se refere às situações dinâmicas, a perfectividade sempre implica em um ponto final, seja arbitrário, como em (51b), ou natural, como em (51c), uma vez que apreende o evento na sua totalidade, enquanto unidade.

- (51) a. João conheceu a realidade dos fatos.  
 b. João fuçou o celular da namorada.  
 c. João comeu uma maçã de manhã.

A seguir, deslocamos a discussão sobre interação entre classes aspectuais e as possíveis leituras do aspecto gramatical para os fatos que envolvem algumas leituras encontradas nas formações em *-dor*.

### 3.2.1.2 A imperfectividade em *-dor*

Sobre a leitura aspectual das formações em *-dor*, Oliveira (2009) afirma que tais formações são essencialmente habituais e que essa propriedade consiste em uma característica inerente ao sufixo. Nas palavras da autora, “por ser proveniente do particípio passado latino, *-dor* atribui às derivações a ideia de atividades permanentes ou constantes e as derivações denotam habitualidade”(OLIVEIRA, 2009, p. 177).

<sup>108</sup>Por exemplo, em *Os soldados já estão atingindo o topo da montanha*, a não duratividade do verbo de *achievement* implica em iteratividade e o evento pode ser descrito como *Vários indivíduos estão sucessivamente atingindo o topo da montanha*. (Exemplos adaptados de COMRIE, 1976, p. 46).

De fato, pudemos observar, nos dados que constituem o *corpus* deste trabalho, que a maior parte das ocorrências encontradas parece expressar habitualidade, como nos exemplos em (52).

- (52) a. O *cortador* de cana prepara a foice pra guerra<sup>109</sup>.  
 b. *Benedores* fazem parte de rituais, que através da palavra de Deus...<sup>110</sup>  
 c. Desça a calça dele e deixe o *engabelador* nu<sup>111</sup>.

As formações habituais em *-dor* denotam uma entidade que habitualmente está envolvida no evento verbal. Essas formações podem ser derivadas a partir de bases verbais que expressem qualquer classe aspectual, uma vez que, como vimos, a habitualidade não depende de propriedades intrínsecas da classe aspectual do verbo, como podemos ver nos exemplos de (53) a (58)<sup>112</sup>.

(53) ESTADO

- a. Nós torcedores do Fogão vamos receber o diploma de *sofredor* nato, são exatamente 177 jogos efetuados com o jogador Marcelo<sup>113</sup>.  
 b. Barcelona mostra o lado *torcedor sofredor* de Messi em vídeo<sup>114</sup>.

(54) ACCOMPLISHMENT

- a. No entanto, recomendamos que a remoção do verniz antigo de uma pintura deve ser confiada a um *restaurador* competente<sup>115</sup>.  
 b. [...] geralmente de quatro a seis meses é necessário antes que o *dentista restaurador* pode começar a trabalhar na construção de seus dentes<sup>116</sup>.

<sup>109</sup>Disponível em: <<https://www.letras.com.br/dominguinhos/o-cortador-de-cana>>. Acesso em: 06/05/2018.

<sup>110</sup>Disponíveis em: <<http://novotempo.com/radio/benedores/>>. Acesso em: 06/05/2018.

<sup>111</sup>Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/humor/5073126>>. Acesso em: 08/05/2018.

<sup>112</sup>Nos exemplos desta subseção, colocamos sempre uma ocorrência de substantivo e outra de adjetivo para cada tipo discutido.

<sup>113</sup>Disponível em: <<https://www.bol.uol.com.br/esporte/2015/06/09/rodrigo-pimpao-decide-botafogo-vence-oeste-e-se-mantem-na-lideranca.htm>>. Acesso em: 08/05/2018.

<sup>114</sup>Disponível em: <<https://www.folhadedourados.com.br/noticias/brasil-mundo/barcelona-mostra-o-lado-torcedor-sofredor-de-messi-em-video>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>115</sup>Disponível em: <<https://acasadoartista.com.br/comprar/tintas/auxiliares/mediums/21575-oleo-para-limpeza-artists-picture-cleaner-wn.html>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>116</sup>Disponível em: <<https://www.farretodontologia.com.br/noticias/ver/222/enxertos-osseos>>. Acesso em: 09/05/2018.

## (55) ACHIEVEMENT

- a. *Mergulhador* morre em resgate de garotos presos em caverna<sup>117</sup>.
- b. Especialista de uma equipe mergulhadora Russa treinam ações de salvação de vidas dentro da água<sup>118</sup>.

## (56) ATIVIDADE

- a. O projeto tem o objetivo de conscientizar à população cupirense e incentivá-la para denunciar possíveis *exploradores* sexuais de crianças<sup>119</sup>.
- b. Conforme um dos *professores exploradores*, Deusilan Carvalho, as provas históricas foram encontradas na localidade de Holanda<sup>120</sup>.

## (57) SEMELFATIVO

- a. 8 coisas que só os *roedores* de unha vão entender<sup>121</sup>.
- b. Eu sou roedor desde criança e conheci *pessoas roedoras* desde criança<sup>122</sup>.

## (58) DEGREE ACHIEVEMENT

- a. Os maiores *crecedores* entre os países em desenvolvimento, tais como China, Indonésia, Coréia e Tailândia<sup>123</sup>.
- b. Há *touros* mais *crecedores* (ganhadores de peso)...<sup>124</sup>

Como podemos ver nos exemplos de (53) a (58), quaisquer das classes acionais, podem ter leitura habitual, uma vez que a habitualidade é caracterizada pela repetição frequente de episódios. Porém, contrariando a generalização de Oliveira (2009), a

<sup>117</sup>Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/conheca-o-mergulhador-que-morreu-para-ajudar-em-resgate-de-meninos-presos-em-caverna-na-tailandia.ghtml>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>118</sup>Disponível em:

<[https://br.sputniknews.com/tags/organization\\_Marinha\\_da\\_Russia/?id=4379890&date=20160430T073800](https://br.sputniknews.com/tags/organization_Marinha_da_Russia/?id=4379890&date=20160430T073800)>. Acesso em: 10/05/2018.

<sup>119</sup>Disponível em: <<http://cupira.pe.gov.br/2019/06/cupira-realiza-campanha-contr-o-abuso-e-a-exploracao-sexual-de-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em: 13/06/2019.

<sup>120</sup>Disponível em: <<http://blogs.diariodonordeste.com.br/sertao-central/educacao/professores-descobrem-sitio-arqueologico-supostamente-pre-historico-em-boa-viagem/50279>>. Acesso em: 10/05/2018.

<sup>121</sup>Disponível em: <<https://www.guiadasemana.com.br/comportamento/noticia/12-frases-que-os-roedores-de-unha-nao-aguentam-mais-ouvir>>. Acesso em: 12/09/2018.

<sup>122</sup>Disponível em: <<https://paulogannam.wordpress.com/2015/11/06/voce-roi-suas-unhas-e-isso-te-incomoda/>>. Acesso em: 10/05/2018.

<sup>123</sup>Disponível em: <

<https://books.google.com.br/books?id=3I7dHFFDBWYC&pg=PA101&lpg=PA101&dq=Os+maiores+crecedores+entre+os+pa%C3%ADses+em+desenvolvimento,+tais+como+%09%09China,+Indon%C3%A9sia,+Cor%C3%A9ia+e+Tail%C3%A2ndia,&source=bl&ots=sWGpn6Kljd&sig=>>. Acesso em: 10/05/2018.

<sup>124</sup>Disponível em: <<https://edcentaurus.com.br/ag/educacao/211/materia/8809>>. Acesso em: 10/05/2018.

habitualidade não é a única possibilidade de leitura para o evento denotado pela formação. Além da leitura de habitualidade, no *corpus* analisado, foram encontradas formações em *-dor* que expressam leitura compatível com a de aspecto contínuo: progressivo e não-progressivo. Como visto anteriormente, é o traço de dinamicidade que distingue essas duas subclasses: ser [+dinâmico] caracteriza a progressividade, como no exemplo em (59), e [-dinâmico], a não progressividade, como nos exemplos em (60).

(59) PROGRESSIVO

As microplaquetas de madeira voam enquanto o *cortador* da árvore corta afastado nos ramos inoperantes de uma árvore alta<sup>125</sup>.

(60) NÃO PROGRESSIVO

- a. Como se tornar um *conhecedor* de vinhos<sup>126</sup>.
- b. Às vezes era o especialista *conhecedor* de seu canto que se punha instintivamente em guarda contra todas as tarefas e capacidades sintéticas...<sup>127</sup>

No exemplo em (59), a formação denota uma entidade que está em uma atividade contínua, em curso. A única interpretação possível é progressiva, uma vez que o verbo é dinâmico e, por isso, apresenta estágios. Por outro lado, a ocorrência em (60) denota uma entidade cuja característica se define por um estado contínuo homogêneo, definida pelo verbo base. É importante notar que as bases [+dinâmica] e [-dinâmica], podem apresentar também leitura habitual, de forma que esses traços são distintivos para o tipo aspectual contínuo. Nos eventos de leitura contínua, progressivos e não progressivos, os limites do evento, início e fim, não são relevantes, visto que a ênfase reside justamente na duração de uma única ocorrência episódica.

Apesar de o aspecto contínuo não progressivo ser, em geral, derivado de verbos [-dinâmicos], há um grupo de verbos de atividade, portanto [+dinâmico], que derivam formações em *-dor* com leitura de evento não progressivo, como nos exemplos em (61).

<sup>125</sup>Disponível em: <<https://pt.dreamstime.com/cortador-da-%C3%A1rvore-que-apara-uma-inoperante-com-serra-de-cadeia-image114482721>>. Acesso em: 08/09/2018.

<sup>126</sup> Disponível em: <<https://pt.wikihow.com/Se-Tornar-um-Conhecedor-de-Vinhos>>. Acesso em: 12/09/2018.

<sup>127</sup>Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?id=R1BqWwbrB8gC&pg=PT77&lpq=PT77&dq=conhecedor+de+seu+canto&source=bl&ots=zxdFx4jrY\\_&sig=ACfU3U3Ua1gyIJfGSRW\\_hq-VrASDA\\_v0DQ&hl=pt-BR&sa=>](https://books.google.com.br/books?id=R1BqWwbrB8gC&pg=PT77&lpq=PT77&dq=conhecedor+de+seu+canto&source=bl&ots=zxdFx4jrY_&sig=ACfU3U3Ua1gyIJfGSRW_hq-VrASDA_v0DQ&hl=pt-BR&sa=>)>. Acesso em: 10/08/2018.

- (61) a. *Governador* Rui Costa entrega viaturas e inaugura Sistema Integrado de Abastecimento de Água na cidade de Pintadas<sup>128</sup>.
- b. O governo só pode ser legítimo na medida em que for baseado no consentimento das *peessoas governadoras*<sup>129</sup>.
- c. Quanto ganha o *investigador* da polícia civil?<sup>130</sup>
- d. Dom Pedro II foi o segundo e último *imperador* brasileiro<sup>131</sup>.
- e. Para o *coordenador* do curso até 2018, Ernesto Alexandre Tacconi Neto, a divulgação atende a uma importante missão da instituição<sup>132</sup>.

Os verbos que servem de base para as formações em (61), contrariamente aos verbos dinâmicos que apresentam leitura progressiva, não denotam estágios sequenciados previsíveis e definidos, que caracterizam a atividade expressa pelo verbo, mas são atividades definidas por englobar um conjunto de outras atividades. Além disso, a telicidade desses eventos é obrigatoriamente arbitrária. Essas características aproximam, de certa forma, verbos como *governar*, *administrar*, *investigar*, etc., de eventos estativos.

### 3.2.1.3 A perfectividade nas formações em *-dor*

Contrariamente à proposta de Oliveira (2009), as formações em *-dor* não refletem apenas eventos habituais, mas, como vimos na seção anterior, podem apresentar leituras de eventos progressivos e não progressivos. Além das leituras imperfectivas, discutidas em 3.2.1.2, foram encontradas formações de leitura perfectiva, de evento único ou múltiplo, como nos exemplos (62a) e (62b), respectivamente.

- (62) a. *A criadora* da internet, Berners-Lee, tem trabalhado numa solução para os problemas da Internet centralizada de hoje<sup>133</sup>.

<sup>128</sup> Disponível em: <<http://www.secom.ba.gov.br/galeria/15205/Governador-Rui-Costa-entrega-viaturas-e-inaugura-Sistema-Integrado-de-Abastecimento-de-Agua-na-cidade-de-Pintadas.html>>. Acesso em: 20/01/2019.

<sup>129</sup> Disponível em: <<https://www.calameo.com/bppks/002782177a8c976127e2e>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>130</sup> Disponível em: <<https://www.vagas.com.br/cargo/investigador-de-policia>>. Acesso em: 12/09/2018.

<sup>131</sup> Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiado>>. Acesso em: 10/05/2018.

<sup>132</sup> Disponível em: <<https://ead.ifrn.edu.br/portal/alunos-de-especializacao-se-destacam-em-publicacao-de-revista-cientifica/>>. Acesso em: 13/06/2019.

<sup>133</sup> Disponível em: <<https://www.agatetepe.com.br/como-blockchain-poderia-alimentar-a-internet-descentralizada/>>. Acesso em: 20/01/2019.

- b. Após longa parceria com Cacá Bueno, *ganhador* dos campeonatos de 2006 e 2007, a empresa paulista foi a escolhida pelo paulista Ricardo Maurício<sup>134</sup>.

Em (62a), a entidade denotada pela formação em *-dor* é caracterizada por ser o agente de um evento único, localizável. O evento é considerado como um todo único, com início e fim, característica do aspecto perfectivo, de acordo com Comrie (1976). A formação em (62b), por sua vez, denota sucessivos eventos que ocorrem dentro de um período delimitado e localizável no tempo, configurando uma unidade. Há iteração, mas esta repetição não é constante e, por isso, não pressupõe continuidade, fato que bloqueia a leitura habitual, como podemos comprovar observando as paráfrases em (63).

- (63) a. A mulher que criou a internet...  
b. Cacá Bueno, que ganhou os campeonatos de 2006 e 2007...

Embora um evento perfectivo não exija telicidade (João correu ontem), nas formações em *-dor*, que podem ser parafraseadas por eventos perfectivos, a delimitação final é uma exigência. Todas as ocorrências com leitura perfectiva são derivadas de verbos que manifestam situações de *accomplishment* ou *achievement*, como podemos ver nos exemplos em (64) e (65). Isso decorre pelo fato de a telicidade implicar em perfectividade, apesar de o contrário não ser verdadeiro<sup>135</sup>.

- (64) a. Entre os *jogadores* da partida de ontem, o colombiano era o único que tinha disputado as últimas três finais do Paulista<sup>136</sup>.  
b. O Pr. Salvador Martinez Soler, à esquerda, foi o *pregador* do culto de ontem [...] <sup>137</sup>.

<sup>134</sup> Disponível em: <<https://revista.socarrao.com.br/geral/copa-nextel-stock-car/>>. Acesso em: 10/09/2018.

<sup>135</sup> Thus a telic situation is one that involves a process that leads up to a well defined terminal point, beyond which the process cannot continue. [...] For instance, a perfective form referring to a telic situation implies attainment of the terminal point of that situation, [...].(COMRIE, 1976, p. 46).

“Portanto, uma situação télica é aquela que envolve um ponto final bem definido, além do qual o processo não pode continuar. [...] Por exemplo, uma forma perfeita referindo-se a uma situação télica implica a obtenção do ponto final dessa situação [...]. (Tradução nossa).

<sup>136</sup> Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=8877>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>137</sup> Disponível em: <[https://issuu.com/jornalbatista/docs/ojb\\_37\\_rev\\_3](https://issuu.com/jornalbatista/docs/ojb_37_rev_3)>. Acesso em: 11/11/2018.

- (65) a. As papilas gustativas de um *provador* de café são tão importantes quanto as cordas vocais de um cantor<sup>138</sup>.
- b. A razão da obrigatoriedade prende-se à possibilidade de o sentenciado justificar o fato *provador* da regressão<sup>139</sup>.

Tendo em vista que a discussão sobre a localização da telicidade na estrutura é bastante extensa, não nos propusemos a assumir qualquer posição a esse respeito e, na identificação do aspecto lexical, mais precisamente da telicidade da base verbal de *accomplishment* e *achievement* das formações em *-dor*, estabelecemos como critério atribuição *versus* não atribuição de argumento interno, bem como traços de definitude e/ou quantificação dos argumentos internos das bases, sejam eles realizados ou recuperáveis no discurso ou na situação. Nas construções com argumento interno, foram consideradas duas possibilidades derivadas da referencialidade do DP argumento<sup>140</sup>. Quando o argumento interno é [-definido], a formação em *-dor* tem leitura imperfectiva, como em (65a). Por outro lado, quando o argumento interno é [+definido], temos um evento télico e a leitura da formação em *-dor* é obrigatoriamente perfectiva, como em (65b).

Diante dessa constatação, podemos inferir que a leitura habitual nas formações requer uma base verbal atélica e que, de fato, *accomplishments* e *achievements* não derivam formações de leitura habitual, sendo possíveis somente em leituras de evento perfectivo. Dessa forma, podemos afirmar que a realização de um complemento genérico, limita a leitura do tipo de situação denotada pelo verbo, uma vez que bloqueia a telicidade. As formações em *-dor* que manifestam habitualidade apresentam situações verbais atélicas.

É interessante observar que formações derivadas de verbo estativo, como no exemplo em (66a), e de atividade, do tipo que pode apresentar leitura contínua, como em (66b), mesmo tendo complementos definidos e específicos, a leitura não é perfectiva.

<sup>138</sup> Disponível em: <<http://www.padillaseguros.com.br/preview/not.asp?cod=2>>. Acesso em: 10/05/2018.

<sup>139</sup> Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=ANULA%C3%87%C3%83O+DO+PROCESSO+EXECUT%C3%93RIO>>. Acesso em: 06/06/2018.

<sup>140</sup> Nas construções em que não se encontrou o argumento interno realizado, levamos em consideração o contexto, buscando verificar a possibilidade de sua recuperação no discurso ou na situação.

- (66) a. Sou um grande *admirador* do presidente Lula e posso dizer que fico lisonjeado com essa comparação<sup>141</sup>.
- b. Eduardo Bolsonaro: filho de Jair Bolsonaro homenageia Ustra, que durante a ditadura militar foi um dos *torturadores* de Dilma Rousseff<sup>142</sup>.

A leitura perfectiva nas formações em *-dor* requer telicidade, que depende de um complemento de referencialidade específica. Por isso, formações em *-dor* de leitura perfectiva sempre manifestam um complemento específico, definido, como em (67a), ou um elemento que faça referência a um argumento definido, como o pronome ‘meu’ no exemplo em (67b).

- (67) a. O número de *ganhadores* da Mega-Senada Virada de 2017 é recorde na história da Mega da Virada e da Mega-Sena<sup>143</sup>.
- b. Sou inocente. E não sei se meus *acusadores* são<sup>144</sup>.

#### 3.2.1.4 Conclusão desta subseção

As formações em *-dor* analisadas exprimem diferentes leituras no que se refere ao aspecto gramatical, podendo manifestar leituras perfectivas, de único ou múltiplos eventos, e imperfectivas, ora habituais, ora contínuas. É importante pontuar que os tipos de leitura parecem envolver a interação entre as propriedades de aspecto gramatical e as propriedades do aspecto lexical do verbo base das formações.

Desse modo, o resultado da análise dos dados, feita neste trabalho, contraria Oliveira (2009), que propõe que o sufixo *-dor* seja especificado quanto ao aspecto gramatical. Como vimos, o sufixo *-dor* pode formar palavras que pressupõem eventos imperfectivos e perfectivos, sendo, dessa maneira, subespecificado quanto ao aspecto gramatical. Além de não ser específica quanto ao aspecto gramatical, as formações em *-dor* podem denotar outro tipo de eventualidade, a disposicional, como descrito na subseção que segue.

<sup>141</sup> Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2014/12/lula-e-uma-das-minhas-maiores-inspiracoes.html>>. Acesso em: 10/05/2018.

<sup>142</sup> Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/eduardo-bolsonaro-celebra-impeachment-agradecendo-torturador/>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>143</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/numero-de-ganhadores-da-mega-da-virada-foi-recorde-veja-estatisticas.ghtml>>. Acesso em: 06/05/2018.

<sup>144</sup> Disponível em: <<https://pt.org.br/lula-sou-inocente-e-nao-sei-se-meus-acusadores-sao/>>. Acesso em: 05/05/2018.

### 3.2.2 Leitura Disposicional

Além das leituras episódicas, observamos também que há formações em *-dor* que expressam uma eventualidade não-factual. Diferente das formações de leitura episódica, que pressupõem um evento factual, as formações disposicionais denotam entidades que manifestam a potencialidade inerente de realização de um evento.

Ryle (1949, p. 108) afirma que disposicionalidade implica em uma proposição acerca de um indivíduo ou um objeto, que apresenta uma capacidade. Nos termos do autor, proposições disposicionais não são relatos observáveis ou observados do estado das coisas, nem relatos de não-observáveis ou não-observados do estado das coisas. Eles não narram um episódio<sup>145</sup>.

Similar aos nominais em *-er* descritos por Alexiadou e Schäfer (2010), as formações em *-dor* podem denotar, além de entidades episódicas, descritas na subseção anterior, entidades disposicionais, designando entidade que apresentam uma propriedade inerente que a torna capaz de realizar um evento.

A disposicionalidade não se define em termos de aspecto lexical, como podemos ver nas construções de (68) a (72), visto que formações disposicionais em *-dor* podem ser derivadas de verbos de diferentes tipos aspectuais. No entanto, é importante pontuar que não foi encontrada nenhuma formação disposicional derivada de verbo estativo. Além disso, encontramos substantivos disposicionais, como nos exemplos em (a), e adjetivos, como nos exemplos em (b).

#### (68) ACCOMPLISHMENT

- a. Doctorshine é o *revitalizador* de plásticos...<sup>146</sup>
- b. O caviar em procedimento estético proporciona mais brilho, nutrição e vitalidade a pele, aliado a propriedade *revitalizadora* e clareadora<sup>147</sup>.

#### (69) ATIVIDADE

<sup>145</sup> “Dispositional statements are neither reports of observed or observable states of affairs, nor yet reports of unobserved or unobservable states of affairs. They narrate no incidents.”

“Declarações disposicionais não relatam nem o estado observável ou não observável das coisas, nem reportam o estado inobservado inobservável das coisas. (RYLE, 1947, p.108) (Tradução nossa).

<sup>146</sup> Disponível em: <<https://www.cadillacauto.com.br/produto/revitalizador-de-plastico-cadillac-doctor-shine/>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>147</sup> Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/pages/category/Health-Beauty/oxi3.equipemasterbc/posts/>>. Acesso em: 11/11/2018.

- a. *Gerenciador* de tarefas é uma ferramenta muito útil para toda empresa<sup>148</sup>.
- b. As atualizações do aplicativo *gerenciador* de páginas do facebook dão muito mais autonomia para os administradores de páginas<sup>149</sup>.

(70) ACHIEVEMENT

- a. O aviso sonoro alerta para o tráfego mesmo que a pessoa não visualize o *sinalizador*<sup>150</sup>.
- b. A sentinela disparou a pistola *sinalizadora*<sup>151</sup>.

(71) SEMELFACTIVO

- a. Os *roedores* (do latim científico Rodentia) constituem a mais numerosa ordem de mamíferos com placenta contendo mais de 2000 espécies<sup>152</sup>.
- b. Os mamíferos *roedores* têm despertado interesse e começam a ocupar lugares como animais de estimação exóticos em diversas famílias<sup>153</sup>.

(72) DEGREE ACHIEVEMENT

- a. O *enriquecedor* de mistura aumenta um pouco a quantidade de combustível na mistura<sup>154</sup>.
- b. A unidade *enriquecedora* de urânio fica em Resende (RJ) e os primeiros testes, ainda sem urânio, devem começar em maio<sup>155</sup>.

Além disso, esse tipo de formação pode ser parafraseado por “aquele/aquilo que pode x”, em que *xr* apresenta um evento verbal, sugerindo uma espécie de modalização, uma vez que, nos termos de Vetter (2015), “[...] there are such modal *notions* as those of): laws of

<sup>148</sup> Disponível em: <<https://blog.runrun.it/category/gestao-3/>>. Acesso em 09/09/2018.

<sup>149</sup> Disponível em: <<https://www.edialog.com.br/midia-social/conheca-8-mudancas-do-aplicativo-gerenciador-de-paginas-do-facebook/>>. Acesso em: 10/08/2018.

<sup>150</sup> Disponível em: <<https://www.seton.com.br/sinalizador-de-garagem-com-aviso-sonoro.html>>. Acesso em: 10/10/2018.

<sup>151</sup> Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=j2lODwAAQBAJ&pg=PT30&lpq=PT30&dq=O+sentinela+disparou+a+pistola+sinalizadora.&source=bl&ots=sTJ7YJB5ga&sig=>>>. Acesso em: 11/10/2018.

<sup>152</sup> Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Roedores>>. Acesso em: 10/10/2018.

<sup>153</sup> Disponível em: <<https://www.mundodosanimais.pt/mamiferos/exoticos-roedores/>>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>154</sup> Disponível em: <[https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-760056565-enriquecedor-de-mistura-para-moto-harley-davidson-ice-twin\\_JM?quantity=1](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-760056565-enriquecedor-de-mistura-para-moto-harley-davidson-ice-twin_JM?quantity=1)>. Acesso em: 09/08/2018.

<sup>155</sup> Disponível em: <<http://www.horadopovo.com.br/2003/outubro/10-10-03/pag2a.htm>>. Acesso em: 05/06/2018.

nature, essences, the counterfactual conditional, causation, and dispositions.”<sup>156</sup> (VETTER, 2015, p.17). A disposicionalidade, segundo Vetter, deve ser considerada em termos de propriedades disposicionais. Ela afirma ainda que “cada disposição é uma potencialidade”.

Nos substantivos disposicionais, como nos exemplos marcados (a), temos objetos/produtos especializados em desempenhar uma função específica, caracterizada pelo verbo base. Ademais, diferentemente das formações com leitura episódica, o PP, que acompanha as formações disposicionais, não tem característica de argumento, mas de adjunto, cujo papel é especificar a função do disposicional, como em (68a), em que *revitalizador* consiste em um produto que tem a função de revitalizar plásticos. O sintagma nominal do PP que acompanha a formação é, obrigatoriamente, [- determinado]<sup>157</sup>. Além disso, como aponta Alexiadou e Schäfer (2010), a preposição que encabeça esse tipo de formação pode, invariavelmente, ser substituída por uma preposição lexical, o que caracteriza, também, adjunção, como demonstrado em (73).

- (73) a. Doctorshine é o revitalizador *para* plásticos...  
 b. O calcário enquadra-se também como um condicionador *para* solo.

Além das formações disposicionais caracterizadas anteriormente, há formações que não denotam um argumento verbal, externo ou interno, mas outro participante do evento, um adjunto, que pode ser um instrumento, como no exemplo em (74a), ou um lugar, como no exemplo em (74b).

- (74) a. Os *andadores* podem fazer o bebê andar mais tarde e podem causar graves quedas que machucam o bebê<sup>158</sup>.  
 b. O *provador*, embora seja normalmente um espaço pequeno, é um ambiente que complexo que merece atenção<sup>159</sup>.

<sup>156</sup> “[...] existem tais *noções* de modalidade como aquelas de: leis da natureza, essências, condições contra-factuais, causação e disposições”. (Tradução nossa)

<sup>157</sup> Se [+determinado], a leitura passa ser obrigatoriamente episódica.

<sup>158</sup> Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/andador-para-bebes/>>. Acesso em: 20/01/2019.

<sup>159</sup> Disponível em: <<https://www.lineastudio.com.br/provadores-pequenos-espacos-grandes-decisoes-de-compra/>>. Acesso em: 09/09/2018.

De acordo com Alexiadou e Schäfer (2010), os posicionais em *-er*, do inglês, devem apresentar a propriedade de lexicalizar o argumento externo do verbo, ou seja, ocupam o núcleo de *VoiceP*, como exemplificado em (75).

- (75) a. Mary opened the can with the new gadget.  
 (Mary abriu a lata com o novo instrumento.)  
 b. The new gadget opened the can.  
 (O novo instrumento abriu a lata.)

(ALEXIADOU; SCHÄFER, 2010, p. 11)

Para os autores, as formações posicionais em *-er*, do inglês, que não denotam o argumento externo dos verbos base, não podem ser consideradas deverbais, pois apresentam, segundo os autores, caráter idiossincrático, ou seja, têm significado especial, não coincidente com a base, e não são produtivas. Como evidência para sua proposta, os autores demonstram que tais formações não apresentam morfologia verbal, como se vê nos exemplos em (76), fato não observado nas formações em *-dor* do português, como veremos mais adiante.

- (76) a. Sleeper (um trem onde se pode dormir)  
 b. Kneeler (uma almofada onde se pode ajoelhar)  
 c. Diner (um lugar em que se janta)

(Adaptado de ALEXIADOU; SCHÄFER, 2010, p. 26)

Diferente das formações do inglês, as formações em *-dor*, que não denotam os argumentos externos dos verbos base, manifestam a vogal temática do verbo, além de sua leitura envolver uma relação semântica transparente com o verbo base. Esses fatos consistem em evidências da presença de um evento verbal.

Todavia, há formações que apresentam morfologia verbal, mas são internamente opacas<sup>160</sup>, ou seja, sua leitura não pode ser associada semanticamente ao evento do verbo base, como em (77).

- (77) a. Misture todos os ingredientes no *liquidificador*.  
 b. A experiência pode ser estruturada pelo *computador*.

<sup>160</sup> O significado das formações se distancia do significado do verbo base.

c. Deixe o ambiente prático e bonito com um *aparador* de madeira.

Considerando suas características, em especial, a idiossincrasia, as formações em (77) não seriam consideradas deverbais nos termos de Alexiadou e Schäfer (2010), apesar da presença de morfologia verbal, podendo ser interpretadas como resultado de reanálise, como afirma Bassani (2015), no trecho que segue.

Em alguns casos, uma reanálise completa se aplica; mas assumir que todas as raízes são completamente vazias, mesmo que formem um paradigma semântico vagamente relacionado, porém amplo, como é o caso dos dados apresentados, nos parece, como diz o ditado, “jogar o bebê fora com a água da banheira”, e perder a chance de generalizar um importante processo de mudança pelo qual as raízes e os elementos funcionais passam. (BASSANI, 2015, p. 126).

### 3.2.2.1. Conclusão desta subseção

Em resumo, analisando os dados, pudemos observar que grande parte das formações disposicionais em *-dor* podem ser analisadas nos termos de Alexiadou e Schäfer (2010) e podem ser caracterizadas como formações deverbais não episódicas, no sentido em que nomeiam entidades especializadas, em uma função indicada pelo evento verbal, e podem lexicalizar o argumento externo do verbo base. No entanto, há formações que pressupõem o evento verbal, mas não lexicalizam os argumentos denotando adjuntos ou instrumentos e, portanto, implicam na presença de um evento. Além disso, há formações disposicionais que, apesar de apresentarem morfologia verbal, não são eventivas e podem ser consideradas como resultado de um processo de reanálise.

### 3.2.3 Síntese do capítulo

Da análise dos dados, no que concerne à leitura das formações em *-dor*, são relevantes os aspectos resumidos a seguir:

- (i) o sufixo *-dor* deriva formações episódicas, imperfectivas e perfectivas, e, portanto, elas não podem ser definidas apenas em termos de habitualidade, como propõe Oliveira (2009);

- (ii) formações com leitura imperfectiva podem interagir com as propriedades do aspecto lexical dos verbos, cujas propriedades derivam formações de leitura habitual, contínua, progressiva e não progressiva.
- (iii) formações de leitura contínua progressivadevem derivar de bases [+durativas] e [+dinâmicas];
- (iv) formações de leitura contínua não progressivaderivam de bases [+durativas] e [-dinâmicas];
- (v) formações de leitura habitual devem derivar de verbos atélicos;
- (vi) as formações em *-dor* podem derivar formações perfectivas, multi ou monoeventivas, possibilidade condicionada à quantificação do DP interno à formação;
- (vii) o sufixo *-dor* pode derivar formações disposicionais, não episódicas, caracterizadas pela potencialidade inerente de desencadear um evento;
- (viii) há formações em *-dor* não deverbais, consideradas resultado de um processo de reanálise;
- (ix) o sufixo *-dor* forma substantivos e adjetivos.

## 4 MODELO TEÓRICO E PROPOSTA DE ANÁLISE PARA AS FORMAÇÕES SUFIXADAS EM –DOR

A partir do exposto nos capítulos anteriores e levando em conta as características observadas nas formações em *-dor*, neste trabalho, buscamos dar uma explicação construcional, mais precisamente, de acordo com a Morfologia Distribuída, para a derivação dessas formações, principalmente, porque parece haver, nessa perspectiva, mais recursos para justificar as diversas possibilidades de leitura dessas formações, considerando as categorias presentes em sua formação.

Desse modo, neste capítulo, explicamos os dados encontrados a partir dos pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993, 1994), a qual analisa a formação de palavras a partir das mesmas operações que formam as sentenças. Esse modelo, especialmente no que diz respeito à subespecificação dos itens de vocabulário da *Lista 2*, viabiliza a principal proposta deste trabalho a qual sugere a subespecificação do sufixo *-dor* em relação à categoria, bem como aos tipos de evento que as formações com o sufixo podem abranger, justificando, dessa maneira, o comportamento sintático e as diferentes leituras encontradas.

Organizamos este capítulo em três partes. Em 4.1, discorremos sobre os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída e sua proposta para a arquitetura da gramática. Em 4.2, discutimos sobre as propriedades que envolvem as formações em *-dor*, aquelas já estabelecidas na literatura, bem como aquelas que ficaram evidentes na análise dos dados encontrados nesta pesquisa. Na seção 4.3, esboçamos uma proposta de estruturação das formações em *-dor*, na perspectiva da teoria adotada.

### 4.1 A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

A Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993) é uma das correntes teóricas que se insere no Programa Minimalista (CHOSMSKY, 1995) da Teoria da Gramática Gerativa. Retomando a discussão feita no Capítulo 2, a Morfologia Distribuída (doravante MD) contrapõe-se às correntes lexicalistas, as quais advogam pela existência de um léxico gerativo, fornecedor de palavras, consideradas unidades mínimas manipuladas nas derivações sintáticas. A MD distingue-se, principalmente, por propor que qualquer objeto linguístico seja gerado por meio de operações sintáticas (HALLE; MARANTZ, 1993, 1994; MARANTZ,

1997; HARLEY; NOYER, 1999). Nas palavras de Marantz (1997), a MD ‘explode o Léxico’, nos moldes concebidos pelas teorias lexicalistas, e propõe a existência de três listas que armazenam as informações a serem combinadas na sintaxe.

A *Lista 1* contém traços gramaticais e semânticos-formais (raiz, categorizadores – *n*, *v*, *a*<sup>161</sup> -, passado, animado, plural etc.), os quais são enviados para que a sintaxe realize as operações de *Merge* (juntar) e *Move* (mover) e forme palavras e sentenças (SIDDIQI, 2009), que receberão, após o *spell-out*, o conteúdo fonológico e semântico em outras listas. É importante pontuar que, na Lista 1, as raízes são acategoriais.

A *Lista 2* contém as sequências fonéticas, também chamadas de itens de vocabulário, que são correspondências entre som e significado básicos de uma língua (SIDDIQI, 2009). Itens de vocabulário, constituídos de material fonológico e contexto de inserção (/s/ >plural, por exemplo), podem competir para o preenchimento da estrutura sintática.

A *Lista 3*, por sua vez, contém entradas enciclopédicas que relacionam itens de vocabulário a significados. Corresponde ao conhecimento idiossincrático das raízes de uma língua (SIDDIQI, 2009).

Duas propriedades basilares da MD tornam possível a competição entre os itens de vocabulário: a inserção tardia e a subespecificação. A inserção tardia se caracteriza pela inserção pós-sintática de material fônico. Os itens de vocabulário da Lista 2 entram em competição e aquele que apresentar maior quantidade de traços compatíveis, é selecionado para ocupar aquela posição na estrutura. Desse modo, a teoria propõe que os itens da Lista 2 não precisam ser totalmente especificados, podendo ser subespecificados quanto aos traços presentes na estrutura sintática a que se insere. Além dessas propriedades, a mais elementar e importante, a qual singulariza essa corrente teórica, consiste na proposta de que, na gramática, não há mais de um mecanismo de formação de estruturas sintáticas, derrubando a divisão de trabalho estabelecida por teorias lexicalistas, que postulam componentes e operações específicas para a formação de estruturas sintáticas e de palavras. Na MD, essa divisão não existe e o mesmo sistema computacional que deriva sentenças, também deriva palavras, característica comumente referida com “Syntactic Structure all way down”<sup>162</sup>.

Marantz (1997), em seu artigo intitulado “No scape from Syntax: Don’t Try Morphological analysis in the Privacy of Your Own Lexicon”, discorre sobre as vantagens explicativas de uma proposta que unifica o sistema computacional da gramática. Mais do que

<sup>161</sup>Nominalizador, verbalizador e adjetivador, respectivamente.

<sup>162</sup> Estrutura Sintática por toda a derivação. (Tradução proposta em SCHER; BASSANI; MINUSSI, 2013, p. 20)

isso, o autor advoga em favor da inviabilidade do lexicalismo no tocante à restrição das idiossincrasias ao domínio da palavra, negando a existência de um componente específico para tal *locus* das irregularidades da língua.

Nesse artigo de 1997, Marantz retoma a problemática discutida por Chomsky em “Remarks on nominalization” e afirma que, no referido artigo, não é proposto, necessariamente, que existam regras lexicais específicas para formação de palavras, nem que palavras concentrem as relações especiais entre estrutura e significado. Para Marantz, quando Chomsky aponta para o problema da idiossincrasia, ele está apontando para a impossibilidade de as regras transformacionais, nos termos concebidos naquele momento, poderem dar conta da diversidade das nominalizações derivando-as de uma mesma estrutura profunda. Ele argumenta que a preocupação central de Chomsky, no artigo que se debruça sobre as peculiaridades das nominalizações do inglês, pode ser resumida no seguinte trecho de seu trabalho:

We might extend the base rules to accommodate the derived nominal directly (I will refer to this as the ‘lexicalist position’), thus simplifying the transformational component; or alternatively, we might simplify the base structures, excluding these forms [the nominalizations], and derive them by some extension of the transformational apparatus (the ‘transformational position’)<sup>163</sup>. (CHOMSKY, 1970, p. 17).

Tomando essa questão como ponto de partida em defesa da perspectiva anti-lexicalista da MD, Marantz defende que as diferenças de seleção e interpretação apontadas entre as nominalizações entre si, bem como entre as nominalizações e suas bases verbais, decorrem de uma diferença estrutural, originada na sintaxe. Desse modo, as projeções funcionais que dominam uma raiz se relacionam com os núcleos funcionais que fecham as fases da derivação – *n*, *v*, *a* –, fechando o ciclo, momento em que tais informações serão enviadas para os componentes de interpretação lógica e fonológica, estabelecendo uma correspondência entre forma e significado.

Neste trabalho, partimos dos pressupostos teóricos acima discutidos para explicar as deferentes interpretações que as palavras sufixadas em *-dor* podem assumir. Dado que a MD pressupõe que as raízes podem adquirir diferentes significados, condicionadas, cada uma, por uma configuração estrutural específica, e que os itens de vocabulário podem ser

<sup>163</sup> “Podemos estender as regras de base para acomodar o nominal derivado diretamente (eu vou me referir a isso como a “posição lexicalista”), assim simplificando o componente transformacional; ou, alternativamente, nós podemos simplificar as estruturas de base, excluindo essas formas [as nominalizações], e derivá-las por alguma extensão do aparato transformacional (a “posição transformacional”).” Note que a questão crucial aqui é sobre estender as regras de base (isto é, permitir que Ns tomem complementos) e não sobre adicionar operações a um lugar chamado “o léxico”. (Tradução de OTHERO; FIGUEIREDOSILVA, 2015, p. 22).

subespecificados quanto ao contexto sintático a que são adjungidos, demonstramos que o sufixo *-dor* precisa ser subespecificado quanto ao contexto de inserção. A subespecificação desse item justifica as diversas leituras das formações em *-dor* encontradas.

#### 4.2 PROPRIEDADES DAS FORMAÇÕES EM *-DOR*

No Capítulo 2, vimos que as formações sufixadas em *-dor* são interpretadas, na literatura, como formações habituais agentivas. Oliveira (2009), nos termos da MD, propõe que o sufixo *-dor* seja especificado na Lista 2 como um sufixo marcado pelos traços de habitualidade e agentividade. Tais traços implicam que as estruturas subjacentes às formações em *-dor* precisam apresentar projeções funcionais compatíveis, de modo que a inserção do sufixo seja licenciada.

De acordo com Oliveira, o sufixo precisa ser adjungido a estruturas verbais com a presença de uma projeção *VoiceP*, licenciadora de um argumento agentivo no sentido amplo, que inclui também causativos e experienciadores. Além disso, o traço de habitualidade, presente no sufixo, exige que a estrutura tenha uma projeção aspectual, nesse caso, a projeção *AspP* marcado para a habitualidade, na qual o sufixo possa ser inserido no momento do *spell-out*, engatilhado pela presença de uma projeção NP ou AP. O sufixo, desse modo, seria do tipo aspectual, não marcado para categoria.

No entanto, como vimos no capítulo de análise dos dados, as palavras sufixadas em *-dor* não se restringem aos contextos postulados por Oliveira. O sufixo *-dor* não forma somente palavras que expressam o argumento externo, mas, na verdade, forma palavras que denotam qualquer dos participantes de um evento verbal, seja argumento externo, interno ou adjunto, como demonstrado no Capítulo 3 e exemplificado a seguir.

- (1) a. Precisando de *instaladores* de ar condicionado?<sup>164</sup>  
 b. Joga arroz - respondeu o semi desfalecido - concluindo, logo em seguida, a sua cena de recruta *desmaiador*<sup>165</sup>.

<sup>164</sup>Leixacliza o argumento externo agente. / Disponível em: <<https://www.getninjas.com.br/reformas-e-reparos/eletricista/instalacao-de-ar-condicionado>>. Acesso em: 10/08/2018.

<sup>165</sup>Lexicaliza o argumento interno tema. / Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=u8nEVEOjmS8C&pg=PA38&lpg=PA38&dq=Joga>>. Acesso em: 11/11/2018.

c. Diz que os brasileiros, depois de esculpirem, em lugar de sua imagem, uma vasília, querem agora transformar a vasilha num *cuspidor*, ó Prado, uma escarradeira<sup>166</sup>.

Além disso, vimos que as formações em *-dor* podem denotar, além de eventos habituais, como em (2a), eventos imperfectivos de leitura contínua não progressiva, como em (2b), e progressiva, como em (2c), bem como eventos de leitura perfectiva, como em (2d).

- (2) a. Quando um amigo *bajulador* assegurou que o país inteiro seria convulsionado caso atentassem contra sua vida...<sup>167</sup>
- b. Às vezes era o especialista *conhecedor* de seu canto que se punha instintivamente em guarda contra todas as tarefas e capacidades sintéticas...<sup>168</sup>
- c. As microplaquetas de madeira voam enquanto o *cortador* da árvore corta afastado nos ramos inoperantes de uma árvore alta<sup>169</sup>.
- d. A *criadora* da internet, Berners-Lee, tem trabalhado numa solução para os problemas da Internet centralizada de hoje<sup>170</sup>.

Tendo em vista os exemplos acima, e a discussão nos capítulos precedentes, fica evidente que as formações em *-dor* não podem ser especificadas quanto ao tipo do elemento lexicalizado, como podemos ver nos exemplos em (1). Além disso, dado que o sufixo *-dor* denota entidades participantes de qualquer tipo de evento, seja ele episódico, com aspecto marcado imperfectivo ou perfectivo, bem como eventos não-episódicos, como aqueles denotados pelas formações disposicionais, como em (1c), não é possível atribuir ao sufixo nenhuma especificação quanto ao tipo de evento ou participante.

<sup>166</sup> Lexicaliza adjunto locativo. / Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=oaMoDwAAQBAJ&pg=PT22&lpg=PT22&dq=Diz+que+os+brasileiros>>. Acesso em: 13/09/2018.

<sup>167</sup> Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=pKeWI2two7EC&pg=PT268&lpg=PT268&dq=Quando+um+amigo+bajulador+assegurou+que+o+pa%C3%ADs+inteiro+seria+convulsionado+caso+atentassem+contra+sua+vida...&source=bl&ots=jSXdy4C74H&sig=>>>. Acesso em: 06/05/2018.

<sup>168</sup> Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=R1BqWwbrB8gC&pg=PT77&lpg=PT77&dq=conhecedor+de+seu+canto&source=bl&ots=zxdFx4jrY\\_&sig=ACfU3U3Ua1gyIJfGSRW\\_hq-VrASDA\\_v0DQ&hl=pt-BR&sa=>](https://books.google.com.br/books?id=R1BqWwbrB8gC&pg=PT77&lpg=PT77&dq=conhecedor+de+seu+canto&source=bl&ots=zxdFx4jrY_&sig=ACfU3U3Ua1gyIJfGSRW_hq-VrASDA_v0DQ&hl=pt-BR&sa=>)>. Acesso em: 10/08/2018.

<sup>169</sup> Disponível em: <<https://pt.dreamstime.com/cortador-da-%C3%A1rvore-que-apara-uma-inoperante-com-serra-de-cadeia-image114482721>>. Acesso em: 08/09/2018.

<sup>170</sup> Disponível em: <<https://www.agatetepe.com.br/como-blockchain-poderia-alimentar-a-internet-descentralizada/>>. Acesso em: 20/01/2019.

Levando em conta as características acima descritas, em uma análise que leve em consideração os pressupostos da MD, o sufixo *-dor* não pode ser especificado quanto ao aspecto gramatical, nem quanto ao tipo de elemento que lexicaliza. Essas características implicam que o sufixo não pode ser expoente da projeção *AspP*, nem requer a presença obrigatória da projeção *VoiceP* na estrutura, como propõe Oliveira (2009).

#### 4.3 PROPOSTA DE ESTRUTURAÇÃO DAS PALAVRAS EM *-DOR*

Diante da constatação de que as formações em *-dor* apresentam diferentes leituras, tanto no que diz respeito a: i) o tipo de evento que denota, episódico ou disposicional; ii) o tipo de participante denotado; iii) as diferentes leituras de aspecto gramatical, quando episódicas, habitual, contínua, progressiva e perfectiva; e iv) a categoria da formação, que pode ser adjetivo ou substantivo, indistintamente, levantamos a hipótese, a ser melhor investigada em trabalhos posteriores, de que o sufixo *-dor* seja marcado como item proforma subespecificado, o qual será inserido em ambiente não verbal, engatilhado por umas das projeções que fecham o ciclo de fase NP ou AP, nos termos de Arad (2003). O sufixo *-dor* seria movido para o especificador de CP e, então, interpretado nessa posição, caracterizando uma oração relativa.

O principal argumento em favor dessa hipótese é o fato de essas formações terem comportamento semelhante às estruturas relativas, conforme as paráfrases nos exemplos de (3) e (4).

- (3) a. Quando um amigo *bajulador* assegurou que o país inteiro seria convulsionado caso atentassem contra sua vida....<sup>171</sup>  
 b. Quando um amigo [*que bajula*] assegurou que o país inteiro seria convulsionado caso atentassem contra sua vida....
- (4) a. Por essa razão, política e poder atraem os *bajuladores*<sup>172</sup>.  
 b. Por essa razão, política e poder atraem [*aqueles que bajulam*].

<sup>171</sup>Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=pKeWI2two7EC&pg=PT268&lpg=PT268&dq=Quando+um+amigo+bajulador+assegurou+que+o+pa%C3%ADs+inteiro+seria+convulsionado+caso+atentassem+contra+sua+vida....&source=bl&ots=jSXdy4C74H&sig=>>>. Acesso em: 06/05/2018.

<sup>172</sup>Disponível em: <<http://sobraldeprima.blogspot.com/2010/12/historia-bajulador-ou-puxa-saco.html>>. Acesso em: 06/05/2018.

Nos exemplos em (3), tem-se uma formação adjetiva correspondente a uma relativa com antecedente realizado (amigo). O exemplo em (4), por sua vez, apresenta uma formação substantiva que corresponde a uma relativa sem antecedente.

Além das questões apontadas, uma das principais evidências de que o sufixo *-dor* possa ser interpretado como elemento proforma em CP é que todas as formações em *-dor* podem ser parafraseadas por orações relativas, com núcleo nominal, encabeçadas pelo complementizador *que*, caracterizando as formações adjetivas, bem como por orações relativas livres introduzidas por um pronome que engloba os traços do argumento que está sendo lexicalizado, comportando-se como um reativizador.

As sentenças relativas, de acordo com Braga, Kato e Miotto (2009), são caracterizadas por serem sentenças encaixadas que partilham com a sentença matriz uma constituinte. De acordo com os autores, as relativas podem funcionar como modificador desse constituinte ou como aposto. Essas orações são encabeçadas por pronomes *que*, segundo os autores, são argumentos dos verbos das orações encaixadas, como podemos ver nos exemplos em (5), movidos para periferia esquerda da sentença relativa.

- (5)
- a. [...] cadeia de supermercado [*da qual*<sub>i</sub>voce e assessor <sub>i</sub>].
  - b. [...] nos locais [*onde*<sub>i</sub> tem assim mais facilidade ate de comunicação <sub>i</sub>].
  - c. [...] carros muito pesados com cargas muito pesadas... trafeguem... acima, quer dizer,acima do peso [para o *que*<sub>i</sub> ela foi construída <sub>i</sub>].

(Adaptado de BRAGA; KATO; MIOTTO, 2009, p. 243)

As orações relativas livres, conforme os autores, constituem um tipo de relativa formalmente distinto das apresentadas nos exemplos em (5), uma vez que nunca modificam um núcleo nominal, como podemos ver nos exemplos em (6).

- (6)
- a. tem *quem* diga que não, que sociologia do direito é estudada por *quem* faz ciência social... sociologia jurídica.
  - b. eles devem aprender *oque* a gente ensinar.
  - c. eu acho que morar bem e morar fora da cidade... e morar *onde* você respire...*onde* você acorde de manha como eu acordo e veja passarinho a vontade no quintal.

(BRAGA; KATO; MIOTTO, 2009, p.247)

Nos termos dos autores, “enquanto as relativas com núcleo nominal são consideradas adjuntos nominal, as relativas livres funcionam como argumento ou como adjunto”(BRAGA; KATO; MIOTO, 2009, p. 248)e, por isso, são analisadas como orações substantivas, quando argumento, e adverbiais, quando adjuntos, nas gramáticas tradicionais.

Diante do exposto, acreditamos que haja evidências que permitem analisar as formações em *-dor* como relativas, conforme os exemplos em (3) e (4).

#### 4.3.1 Estruturação das formações em *-dor*

As formações episódicas em *-dor* são caracterizadas por denotar eventos factuais. Desse modo, e seguindo, em parte, a proposta de Alexiadou e Schäfer (2010), assumimos que as formações episódicas em *-dor*, assim como as formações episódicas em *-er* do inglês, apresentam uma camada verbal, *vP*, que introduz o evento verbal. No entanto, diferente das formações do inglês, as palavras sufixadas em *-dor* nem sempre projetam *Voice*, como acontece com o as formações do inglês, e, por isso, nem sempre denotam argumentos com valor temático próprio daqueles originados nessa projeção - agente, causador e experienciador.

Sobre a composição do evento verbal, adotaremos a proposta de decomposição de evento posta em Marantz (2006), de modo que a estrutura de evento será composta pela interação entre os subeventos introduzidos pela presença de outras projeções *v*. Marantz cita os trabalhos de Hale e Keyser (2002), Borer (2005), Ramchand (2003), Pylkkänen (2002), Cuervo (2003) e Lin (2004), e assume, com eles, que a estrutura de evento pode envolver a associação de diversas projeções funcionais e, principalmente, que eventos aparentemente simples são, na verdade, complexos, compostos de subeventos relacionados.

Acima das projeções que compõem o evento verbal, propomos, assim como Oliveira (2009), que haja uma projeção aspectual na estrutura para as formações de leitura episódica. Porém, diferente da autora, acreditamos que o sufixo *-dor* não possa ser inserido nessa posição, uma vez que as formações com sufixo podem ser inseridas em contextos de eventos não-episódicos, como discutidos no Capítulo 3 deste trabalho, que não manifestariam uma projeção aspectual, mas uma projeção de modal, como veremos mais adiante.

Por fim, na impossibilidade de especificação do sufixo como expoente de *AspP* e diante das evidências expostas na seção 4.3, de que as formações em *-dor* possuem propriedades de orações relativas, levantamos a hipótese de que tais formações tenham uma

projeção CP para onde o sufixo se move de uma das projeções argumentais ou de adjunto, possibilitando a leitura de relativizador. Por isso, também sugerimos que o sufixo possa ser definido, enquanto elemento proforma especificado, para entrar em contextos em que o CP é dominado por uma projeção categorizadora AP ou NP, de expoente fonológico nulo, como podemos ver nas representações arbóreas demonstradas nas discussões que seguem.

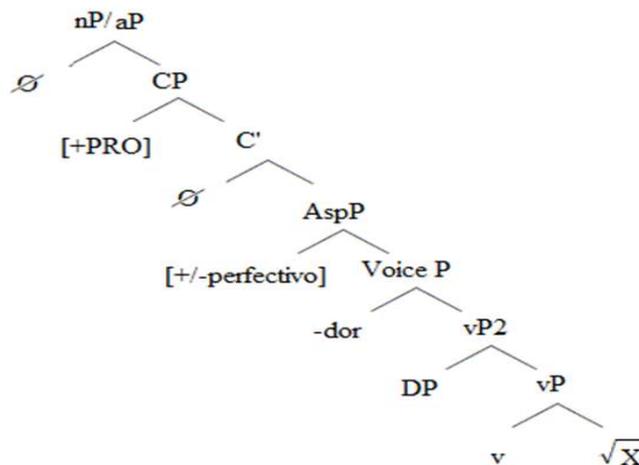
#### 4.3.1.1 Formações Episódicas

As formações episódicas são aquelas em que na estrutura possuem uma projeção aspectual. Elas podem lexicalizar o argumento externo, um argumento interno ou em posição de adjunção.

##### I. Lexicalização do argumento externo

O sufixo *-dor* lexicaliza o argumento externo em duas estruturas: com verbo transitivo, como no exemplos em (7), e com verbo inergativo, como no exemplo em (8).

- (7) a. Como se tornar um *conhecedor* de vinhos<sup>173</sup>.  
 b. A filosofia *instauradora* da racionalidade, através da metafísica, criadora oposição-verdade-aparência, é uma filosofia moral<sup>174</sup>.  
 c.

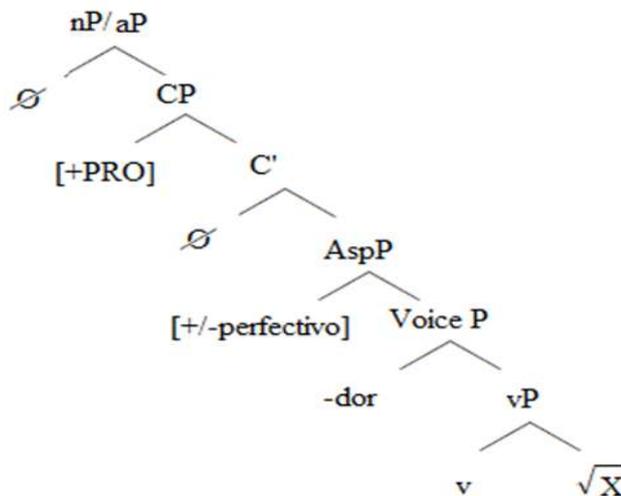


<sup>173</sup> Disponível em: <<https://pt.wikihow.com/Se-Tornar-um-Conhecedor-de-Vinhos>>. Acesso em: 12/09/2018.

<sup>174</sup> Disponível em: <<https://paulocorreax.wordpress.com/2010/07/26/resenha-nietzsche-e-a-verdade/>>. Acesso em: 06/05/2018.

Em (7c), temos um estrutura compatível com formações transitivas, em que o elemento lexicalizado denota o argumento externo (*-dor*), introduzido pela projeção *VoiceP*. O movimento de *-dor*, em *VoiceP* para o especificador de CP, é motivado pelo traço [+PRO], o que implica em uma estrutura de relativa. Se dominado pela projeção *nP*, há um substantivo do tipo em (7a), porém, se dominado pela projeção *aP*, temos um adjetivo, como em (7b). O DP em núcleo de *vP2* será o argumento interno da formação em *-dor*.

- (8) a. O *patinador* canadense Pratick Chan... escreveu no seu perfil do twitter que...<sup>175</sup>  
 b. A luta da classe *trabalhadora* historicamente representou uma forma de assegurar e consolidar direitos<sup>176</sup>.  
 c.



Em (8c), temos um estrutura compatível com formações inergativas, em que o elemento lexicalizado denota o argumento externo (*-dor*), introduzido pela projeção *VoiceP*. O movimento de *-dor*, em *VoiceP* para o especificador de CP, é motivado pelo traço [+PRO], o que implica em uma estrutura de relativa. Se dominado pela projeção *nP*, há um substantivo do tipo em (8a), mas, se dominado pela projeção *aP*, um adjetivo, como em (8b).

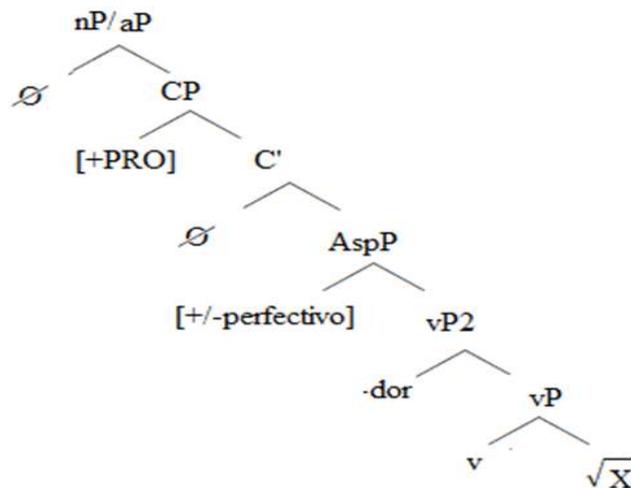
<sup>175</sup> Disponível em: <<https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/906882/medalhista-em-sochi-patinador-do-casaquistao-e-assassinado>>. Acesso em: 08/08/2018.

<sup>176</sup> Disponível em: <[http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/eixos/9\\_estados-e-lutas-sociais/os-desafios-impostos-a-luta-da-classe-trabalhadora-no-contexto-neoliberal.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/eixos/9_estados-e-lutas-sociais/os-desafios-impostos-a-luta-da-classe-trabalhadora-no-contexto-neoliberal.pdf)>. Acesso em: 11/11/2018.

## II. Lexicalização do argumento interno

As formações episódicas em *-dor* também podem lexicalizar o argumento interno da estrutura do evento, como podemos verificar nos exemplos em (9).

- (9) a. Entre 20% e 30% dos *caidores* (idosos com mais de duas quedas por ano) que sofreram alguma lesão apresentarão redução da mobilidade...<sup>177</sup>  
 b. O Boo, tadinho, é um bodinho *desmaiador*, uma raça de cabra doméstica que ao qualquer sinal de perigo, todos os seus músculos retesam<sup>178</sup>.  
 c.



Em (9), temos um estrutura compatível com formações inacusativas, em que o elemento lexicalizado é o argumento interno em *vP2*. O movimento de *-dor*, em *vP2* para o especificador de CP, é motivado pelo traço [+PRO], implicando em uma estrutura de relativa. Se dominado pela projeção *nP*, há um substantivo do tipo em (9a), contudo, se dominado pela projeção *aP*, um adjetivo, como em (9b).

## III. Lexicalização de adjunto

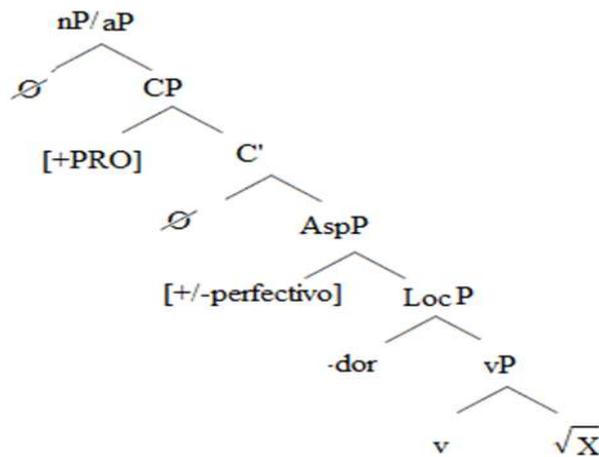
Como podemos ver nos exemplos que seguem, as formações episódicas em *-dor* também podem lexicalizar um adjunto.

<sup>177</sup>Disponível em:

<[https://www.diariodaregiao.com.br/\\_conteudo/2018/06/vida\\_e\\_estilo/saude\\_e\\_beleza/1111074-evento-no-sesc-alerta-sobre-prevencao-de-quedas-em-pessoas-idosas.html](https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/2018/06/vida_e_estilo/saude_e_beleza/1111074-evento-no-sesc-alerta-sobre-prevencao-de-quedas-em-pessoas-idosas.html)>. Acesso em: 11/11/2018.

<sup>178</sup> Disponível em: <<https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=32355>>. Acesso em: 11/11/2018.

- (10) a. Com menos de dois anos, estava em Porto Alegre e cresci ouvindo falar do “lado chovedor”, em dias nublados ou de chuva<sup>179</sup>.
- b. Sou peão campeiro do cantagalo venho a cavalo no corredor... prá busca um gado lá no alegrete levo um bilhete prá *ochovedor*!<sup>180</sup>
- c.



Em (10c), temos uma estrutura compatível com formações que lexicalizam o adjunto introduzido pela projeção *LocP*. O movimento de *-dor*, em *LocP* para o especificador de CP, é motivado pelo traço [+PRO], implicando em uma estrutura de relativa. Se dominado pela projeção *nP*, há um substantivo do tipo em (10b), porém, se dominado pela projeção *aP*, um adjetivo, como em (10a).

#### 4.3.1.2 Formações Disposicionais

As formações disposicionais, diferente das episódicas, não denotam um evento factual e, por isso, não apresentam aspecto gramatical. Essas formações expressam uma entidade que apresenta uma propriedade de ser capaz de causar/sofrer algo, definido pelo evento verbal. Essa interpretação se deve à presença de uma projeção modal em sua estrutura. Dessa forma, a diferença entre as formações com leitura episódica e leitura disposicional, pode ser interpretada pela presença da projeção *AspP* nas primeiras, como demonstrado na subseção anterior, e pela presença da projeção *ModP* nas disposicionais. Além disso, as formações disposicionais se distinguem ainda pelo fato de não poderem comportar um argumento. O PP

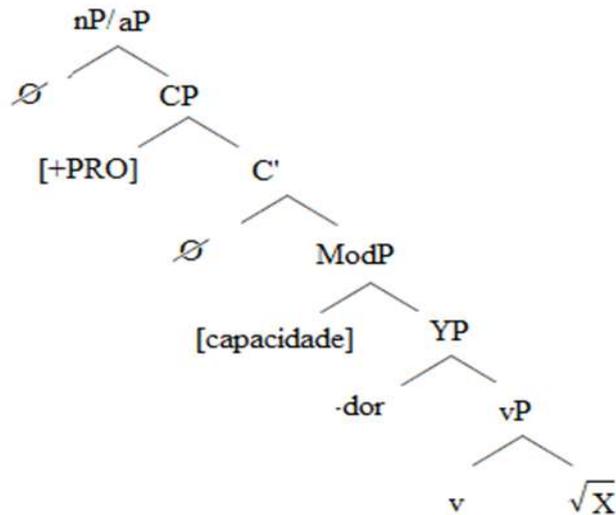
<sup>179</sup> Disponível em: <<http://escritosgreice.blogspot.com/2015/09/o-lado-chovedor.html>>. Acesso em: 08/08/2018.

<sup>180</sup> Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/leoncio-severo/peao-do-cantagalo/>>. Acesso em: 08/08/2018.

que acompanha essas formações, como discutido na subseção 3.2.2, teria estatuto de adjunto nominal e seria inserido acima do núcleo categorizador.

A representação da estrutura das formações com leitura disposicional pode ser vista em (11).

(11)



Na estrutura em (11), o elemento lexicalizado por *-dor* pode ser introduzido por projeções que introduzem argumentos (YP), em que *Y* pode ser *Voice*, *vP2*, *LocP* e *InstrumentoP*, como aqueles apontados nas estruturas das formações episódicas, bem como por projeções de adjunção verbal.

#### 4.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Diante da discussão teórica empreendida e da análise dos dados feita no Capítulo 3, lançamos mão dos pressupostos da Morfologia Distribuída para levantar algumas hipóteses acerca da formação de palavras com o sufixo *-dor*, a saber:

- (i) Primeiramente, observado que o sufixo *-dor* pode lexicalizar quaisquer dos elementos que compõem um evento verbal e que pode derivar formações eventivas episódicas, perfectivas e imperfectivas, e disposicionais, refutamos a proposta de que o sufixo seja expoente da projeção *AspP*, como propõe Oliveira (2009);

- (ii) Levantamos a hipótese de que o sufixo *-dor* seja o expoente de um elemento proforma, a ser inserido em contextos de categorização não verbal.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, apresentamos uma análise descritiva e teórica das formações em *-dor*, discutindo as propriedades que estão presentes na sua derivação, que passam desde o aspecto gramatical da base verbal até as projeções que compõem a estrutura subjacente às possíveis leituras. Trabalhamos sob a hipótese de que as diversas leituras podem ser justificadas a partir das várias configurações estruturais em que as raízes serão interpretadas e, para tanto, investigamos as características das estruturas de evento, como grade argumental, bem como as propriedades semânticas dos elementos que compõem esse evento.

No Capítulo 2, apresentamos e delimitamos o objeto de estudo desta pesquisa, bem como localizamos e justificamos o trabalho dentro dos limites da Teoria da Gramática Gerativa, traçando o percurso do desenvolvimento das concepções que subjazem os estudos acerca do processo de formações de palavra na teoria, além de apresentar alguns trabalhos que discutem a formação de palavras com o sufixo *-dor* dentro dessa perspectiva.

No Capítulo 3, levando em consideração que as formações com o sufixo *-dor* derivam de estruturas de evento, descrevemos os aspectos linguísticos das formações em *-dor*, considerando as particularidades relativas às informações semânticas e sintáticas dos seus verbos base, com o objetivo de verificar as possíveis restrições e/ou exigências para o licenciamento das palavras em *-dor*. Além disso, verificamos que as formações em *-dor* apresentam uma gama maior de leituras do que aquelas propostas na literatura, as quais estão condicionadas à associação entre as propriedades das bases verbais, em especial, do aspecto lexical, com as propriedades do aspecto gramatical presentes nas formações. Observamos que o sufixo *-dor* deriva formações episódicas, imperfectivas e perfectivas, e, portanto, elas não podem ser definidas apenas em termos de habitualidade, como propõe Oliveira (2009), e que, além disso, as formações com leitura imperfectivas, podem interagir com as propriedades do aspecto lexical dos verbos, cujas propriedades derivam formações de leitura habitual, contínua, progressiva e não progressiva. Também verificamos nos dados que o sufixo *-dor*

pode derivar formações disposicionais, nos termos de Alexiadou e Schäfer (2010), não episódicas. Também, mencionamos as formações em *-dor* não deverbais, as quais escolhemos interpretar como resultados de processos de reanálise, tendo como base a discussão de Bassani (2015).

No Capítulo 4, propomos dar uma explicação acerca dos dados encontrados a partir dos pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; etc.), especialmente, porque essa teoria propõe um modelo de arquitetura da gramática que viabiliza a flexibilidade de interpretação das raízes em diferentes contextos sintáticos, compostos através de um mecanismo único de formação de estruturas. A subespecificação dos itens de vocabulário da Lista 2 viabiliza a principal proposta deste trabalho, a qual sugere a subespecificação do sufixo *-dor* em relação à categoria, bem como aos tipos de evento (visto que pode denotar eventos episódicos e disposicionais) que as formações com o sufixo podem englobar. Além disso, com relação às propriedades do sufixo *-dor*, uma vez que ele pode lexicalizar quaisquer dos participantes de um evento verbal, sugerimos que ele seja um elemento proforma inserido em contextos não verbais.

Visto que o maior foco deste trabalho foi a análise das formações e a descrição das propriedades que podem estar envolvidas no processo de formação de palavras com o sufixo *-dor*, é importante pontuar que a discussão apresentada no Capítulo 4 tem caráter bastante especulativo, cujo objetivo é apontar para uma hipótese que possa ser melhor estudada e expandida em trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, A. **Fuctional Structure in Nominals**: nominalization and ergativity. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

ALEXIADOU, A. On the role of syntactic locality in morphological processes: the case of (Greek) derived nominal. In: GIANNAKIDOU, A; RATHERT, M. (Org.). **Quantification, Definiteness, and Nominalization**. Oxford Studies in Theoretical Linguistics, p. 253-281, 2009.

ALEXIADOU, A. **Nominalizations**: A Probe into the Architecture of Grammar Part I: The Nominalization Puzzle. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, n. 7, p. 496-511, 2010.

ALEXIADOU, A.; SCHÄFER, F. On the syntax of episodic vs. dispositional –er nominals. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M. (Ed.). **The syntax of nominalizations across languages and frameworks**. Berlin/New York: Walter de Gruyter GmbH & Co., p. 9-38, 2010.

ANDERSON, S. R. Where's Morphology?. In: **Linguistic Inquiry**, v. 13, n. 4. MIT, p. 571-612, 1982.

ARAD, M. Locality Constraints on the Interpretation of roots: the case of Hebrews denominal verbs. **Natural Language and Linguistic Theory**, 21th ed. Netherlands: Kluwer Academic Publishers. n. 21, p. 737-778, 2003.

ARONOFF, M. **Word formation in Generative Grammar**. Cambridge, MA: The MIT Press. 1976.

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2012.

BAKER, M. Thematic Roles and Syntactic Structure. In L. Haegeman (ed.) **Elements of Grammar**. Kluwer, Dordrecht, 73-137, 1997.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

BASÍLIO, M. O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português. In: HEYE, J. (Org.) **Flores Verbais**. Rio de Janeiro. Ed. 34, pp. 177-192, 1995.

BASÍLIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

BASSANI, I. Transparência morfológica, composicionalidade semântica e reanálise estrutural em verbos do português. **Revista Letras**, Curitiba, n. 91, p. 109-130, 2015.

BORER, H. Exo-skeletal vs. endo-skeletal explanations: syntactic projections and the lexicon. In: MOORE, J.; POLINSKY, M. (eds.). **The nature of explanation in linguistic theory**. Stanford: CSLI; p. 31-67, 2003.

BORER, H. **Structuring Sense**. An Exo-Skeletal Trilogy. New York: Oxford University Press, 2005.

- BRAGA, M. L.; KATO, M. A.; MIOTO, C. As construções-Q no português brasileiro falado. In: **Gramática do português culto falado no Brasil - A construção da sentença**. M. A. Kato, M. do Nascimento (Orgs.). Campinas: Editora da Unicamp, p.241-289, 2009.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. S. (Ed.). **Readings in English Transformational Grammar**. Waltham: Ginn, 1970.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Studies in Generative Grammar 9, Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge Mass: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. Minimalist Inquires: The Framework. In: MARTIN, R.; MICHAEL, D.; URIAGEREKA, J. (Eds.). **Step-by-Step: Essays in Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik**. Cambridge, MA: The MIT Press, p. 89-155, 2000.
- CHOMSKY, N. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- COMRIE, B. The syntax of action nominals: a cross-language study. **Lingua**, 40, pp. 171-202, 1976.
- CUERVO, M. C. **Datives at large**. 2003. Tese (Doutorado) – MIT. Massachusetts, 2003.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2 ed., 1985.
- DOWTY, D. **Word Meaning and Montague Grammar: The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and in Montague's PTQ**. D. Reidel, Dordrecht, 1979.
- DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. **Language**, Baltimore, v.67, n.3, p.547-619, 1991.
- DUARTE, I. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MIRA MATEUS, H. M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**, 5ª ed., Lisboa, Caminho, p. 275-321, 2003.
- FILLMORE, C.J. The Case for Case. In: Bach, E., Harms, R. (Eds.), **Universals in Linguistic Theory**. Holt, Rinehart and Winston, New York, p.1-88, 1967.
- GRIMSHAW, J. **Argument Structure**. Cambridge: MIT Press, 1990.
- HALE, K; KEYSER, S. J. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations". In: KEYSER, S. J; HALE, K (eds.) **The view from Building 20**, MIT Press, Cambridge, p. 53-108, 1993.
- HALE, K.; KEYSER, S. J. **Prolegomenon to a theory of argument structure**. Cambridge: MIT Press, 2002.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Org.). **The view from the Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, p. 111-176, 1993.

HALLE, M.; MARANTZ, A. **Some key features of distributed morphology**. MITWPL – Papers on Phonology and Morphology, v. 21, p. 275-288, 1994.

HARLEY, H.; NOYER, R. State-of-the-article: Distributed Morphology. **Glott International**, v. 4, n. 4, p. 3 -9, 1999.

HARLEY, H. The morphology of nominalizations and the syntax of vP. In: GIANNAKIDOU, A; RATHERT, M. (Org.). **Quantification, Definiteness, and Nominalization**. Oxford Studies in Theoretical Linguistics, p. 321-344, 2009.

JACKENDOFF, R. The status of thematic relations in linguistic theory. **Linguistic Inquiry**, 18, p. 369-412, 1987.

KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (Ed.) **Phrase structure and the lexicon**. Dordrecht: Kluwer, p. 109-138, 1996.

LEES, R. **The grammar of English Nominalizations**. The Hague: Mouton, 1960.

LEVIN, B; RAPPAPORT HOVAV, M. The lexical semantics of verbs of motion: the perspective from unaccusativity. In: ROCA, I. **Thematic structure: its role in grammar**. Berlin: Foris, p. 247-269, 1992.

LEVIN, B; RAPPAPORT HOVAV, M. **Unaccusativity: At the Syntax-lexical Semantics Interface**. Cambridge Mass., MIT Press, 1995.

LEVIN, B; RAPPAPORT HOVAV, M. **Unaccusativity**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2005.

LIN, J. **Event Structure and the Encoding of Arguments: The Syntax of the Mandarin and English Verb Phrase**. MIT PhD dissertation, Department of Electrical Engineering and Computer Science, 2004.

MARANTZ, A. **'Cat' as a phrasal idiom: consequences of late insertion in distributed morphology**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, Manuscrito, 1996.

MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. **Working Papers in Linguistics**, Philadelphia, 1997.

MARANTZ, A. **Words**. (2001) Disponível em: <<http://web.mit.edu/~marantz/Public/ALI/Handouts/>>. Acesso em: 18/08/2018.

MARANTZ, A. *Argument Structure and Morphology: Noun Phrases that Name Events*, Manuscrito, New York University, 2006.

MARANTZ, A. Verbal argument structure: Events and participants. **Lingua**, v.130, p. 152-168, 2013.

MEDEIROS, A. B.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. F. **Para conhecer morfologia**. Editora Contexto, 2016.

MIRA MATEUS, M. H. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5.ed. Lisboa: Caminho, 2003.

OLIVEIRA, S. M. (2009) **Aspectos da Derivação Prefixal e Sufixal no Português do Brasil**. 2009. 252 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2009.

OTHERO, A.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Sem escapatória da Sintaxe: não tente fazer análise morfológica na privacidade do seu próprio léxico. Tradução de MARANTZ, A. 1997. **ReVEL**, vol. 13, n. 24, 2015.

PYLKKÄNEN, L. **Introducing arguments**. 2002. 137 f. Tese (PH.D) – University of Pittsburgh, MIT. Massachussets, 2002.

RAMCHAND, G. **First Phase Syntax**. Oxford University ms, 2003.

RAMCHAND, G. **Verb meaning and the lexicon: a first-phase syntax**. Cambridge University Press, 2008.

RYLE, G. **The concept of mind**. Hutchinson, 1949.

SCHER, A. P.; BASSANI, I.; MINUSSI, R. Morfologia em Morfologia Distribuída. **Estudos Linguísticos e Literários**, v. 47, p. 9-29, 2013.

SIDDIQI, D. **Syntax within the Word: economy, allomorphy, and the argument selection in Distributed Morphology**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

SMITH, C. **The Parameter of Aspect**. Dordrecht. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1997.

VENDLER, Z. **Linguistics and Philosophy**. New York: Cornell University Press, 1967.

VETTER, B. **Potentiality: from dispositions to modality**. Oxford University Press, 2015.

WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. Sobre a noção de aspecto. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, v.48, n.2, p.211-232, 2006.